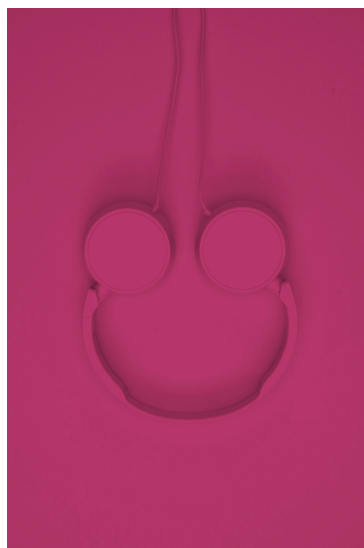
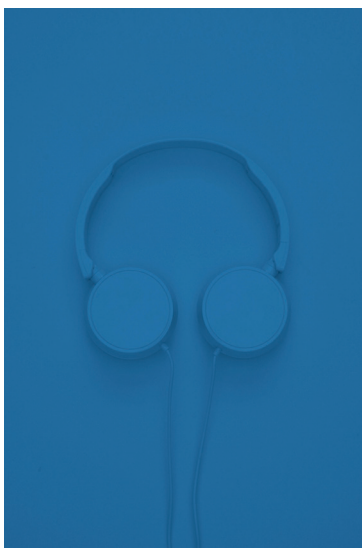
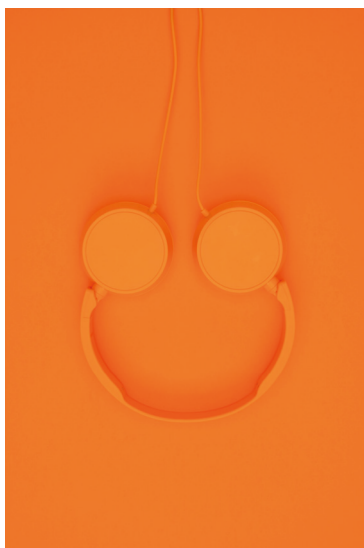


NO AR: ANTROPOLOGIA

histórias em podcast



Daniela Tonelli Manica
Milena Peres
Soraya Fleischer
(Organizadoras)



ABA PUBLICAÇÕES

COMISSÃO EDITORIAL DE LIVROS CIENTÍFICOS DA ABA – CELCA Coordenador: Carlos Alberto Steil (UFRGS, Unicamp) Antônio Carlos Motta de Lima (UFPE) Bernardo Fonseca Machado (USP) Nathanael Araújo da Silva (UNICAMP) Rodrigo Toniol (UFRJ) Tânia Welter (UFSC) CONSELHO EDITORIAL Andrea Zhouiri (UFMG) Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp) Carla Costa Teixeira (UnB) Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN) Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa) Cynthia Andersen Sarti (Unifesp) Fabio Mura (UFPB) Jorge Eremites de Oliveira (UFPEl) Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM) María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina) Maristela de Paula Andrade (UFMA) Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB) Patrícia Melo Sampaio (Ufam) Ruben George Oliven (UFRGS) Wilson Trajano Filho (UnB)	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA Presidente Patricia Birman (UERJ) Vice-Presidente Cornelia Eckert (UFRGS) Secretaria Geral Carla Costa Teixeira (UnB) Secretaria Adjunta Carly Barboza Machado (UFRRJ) Tesoureira Andrea de Souza Lobo (UnB) Tesoureiro Adjunto Camilo Albuquerque de Braz (UFG) Diretor Fabio Mura (UFPB) Diretora Patrícia Maria Portela Nunes (UEMA) Diretor João Frederico Rickli (UFPR) Diretora Luciana de Oliveira Dias (UFG)
--	--

www.portal.abant.org.br

UNB - Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa norte,
Prédio do ICS - Instituto de Ciências Sociais
Térreo - Sala AT-41/29 - Brasília/DF CEP: 70910-900

ABA PUBLICAÇÕES

NO AR: ANTROPOLOGIA

histórias em podcast

Daniela Tonelli Manica
Milena Peres
Soraya Fleischer
(Organizadoras)

ABA PUBLICAÇÕES

Permitida a reprodução deste material, contanto que permaneça inalterado no formato, que isso não seja feito com propósitos comerciais, e que autores originais sejam citados e creditados.

Copyright © 2022 – Das organizadoras representantes dos autores

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Revisão: Vera Bonilha

Editoração: Vinnie Graciano

Capa: Vinnie Graciano e Soraya Fleischer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo - SP)

M278a Manica, Daniela Tonelli; Peres, Milena; Fleischer, Soraya (org.).
No Ar: Antropologia – histórias em podcast / Organizadoras: Daniela Tonelli Manica, Milena Peres e Soraya Fleischer; Prefácio de Bia Guimarães e Sarah Azoubel. – 1. ed.
Campinas, SP/Brasília/DF : Pontes Editores/ABA Publicações, 2022.
figs.; quadros; fotografias.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5637-415-4. - Ebook

ISBN: 978-65-5637-390-4. - Impresso

1. Antropologia. 2. Ciências Humanas. 3. Internet.

I. Título. II. Assunto. III. Organizadoras.

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891>

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Internet. 004.678
2. Antropologia. 301
3. Comunicação. 302.2

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteado, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil – 2022

Para Jorge Figueiredo Alves, *in memoriam*

Sumário

Prefácio

Essa gente que se mete em tudo_____11

Bia Guimarães
Sarah Azoubel

Apresentação

“Antropo.... o quê? Humanidades, ciência e divulgação em áudio” – Roteiro de Apresentação_____15

Daniela Tonelli Manica
Milena Peres
Soraya Fleischer

Capítulo 1

Dentro de contexto: o ambiente sonoro do Selvagerias_____25

Frederico Sabanay
Lucas Lippi
Tainá Scartezini

Capítulo 2

Sentidos do Campo: *storytelling* antropológico e experimentação sonora _____41

Paula Lacerda
Carolina Parreiras

Capítulo 3

Do subsolo para a podosfera - Conversas da Kata_____55

Ana Oliveira
Bruner Titonelli
Marina Fonseca
Yazmin Safatle

Capítulo 4

Políticas sociais com Antropologia? Histórias que se cruzam em um episódio do Observantropologia _____71

Camilla Iumatti Freitas

Stephanie Sacco

Patrícia dos Santos Pinheiro

Anatil Maux

Capítulo 5

Museológicas *podcast*: Um relato de experiência da nossa aventura na podosfera _____85

Hugo Menezes Neto

Francisco Sá Barreto dos Santos

Capítulo 6

Antropólis *Podcast*: para muito além da academia _____103

Guilherme Aderaldo

Francisco Pereira Neto

Claudia Turra Magni

Ediane Oliveira

Gabriela Lamas

Capítulo 7

Compósita: uma forma de aprender sobre a Amazônia a partir da escuta _____117

Ramon Reis

Capítulo 8

Cozinhando histórias de pesquisa: o *podcast* Mundaréu _____135

Daniela Tonelli Manica

Soraya Fleischer

Capítulo 9

Sons de despedida: viagem pelo Médio Jequitinhonha (MG) nas trilhas do *podcast* Sensibilidades Antropológicas _____151

Valéria de Paula Martins

Ouça o conteúdo do livro em:



Essa gente que se mete em tudo

Bia Guimarães

Sarah Azoubel

Em um dos textos que você vai ler neste livro, chamado “Do subsolo para a podosfera - Conversas da Kata”, as autoras dizem que “antropólogo se mete em tudo”. Esse também é o jeito que nós, jornalistas, gostamos de falar de nós mesmos. Assim como antropólogos e antropólogas, temos fome de saber do que não vivemos, ou do que vivemos, mas não notamos. Temos mania de andar pelo mundo procurando histórias e de nunca desligar os olhos e ouvidos. Toda cena importa, todo diálogo interessa. O mais brilhante que podemos encontrar, muitas vezes, se esconde no comum.

As páginas que seguem mostram estudantes e pesquisadores da antropologia mergulhados na tarefa de compreender uma nova mídia, uma nova linguagem, e de aprender como passar adiante as tantas histórias que conheceram e viveram em campo. São grupos que se aventuraram na produção de *podcasts* e, como resultado, acabaram descobrindo mais sobre seus temas de pesquisa, seus colegas e sua profissão, além de experimentarem o desafio de falar para um público maior do que o geralmente alcançado pelas produções acadêmicas.

Na outra ponta, essas discussões e narrativas puderam chegar a outros departamentos, a outras universidades e a pessoas que sequer sabiam direito o que faz e como se faz a antropologia. Se no trailer do Mundaréu, um dos projetos apresentados neste livro, as produtoras brincam com a pergunta “Antropo...quê?” - que elas já devem ter ouvido uma série de vezes ao longo de suas trajetórias - , esses *podcasts* chegam justamente para oferecer respostas. Não com uma explicação de dicionário, mas com relatos e diálogos que revelam o coração da antropologia.

Famíliares e amigos daqueles que estão atrás dos microfones ganharam um passaporte para espiar os bastidores do fazer antropológico e para saber mais sobre as questões e comunidades estudadas pela área. Já os representantes dessas comunidades estudadas, incluindo gente que participou das pesquisas, são convidados a reescutar, nos podcasts, suas próprias histórias e a entender melhor o porquê de elas serem tão caras aos pesquisadores.

Contar histórias da ciência é, antes de mais nada, contar histórias. Precisamos de bons personagens, cenas instigantes, cenários bem construídos e um arco narrativo que se transforma, que tem um antes, um durante e um depois. São todos ingredientes espalhados pelo cotidiano, mas é preciso saber encontrá-los e contá-los. Acima de tudo, é obrigatória a predisposição a se meter em tudo, a não se contentar apenas com a superfície, a pele das coisas.

No caso dos *podcasts*, soma-se o fato de que essas narrativas devem ser desenhadas para os ouvidos. As músicas, cenas e paisagens sonoras devem nos transportar para outro tempo e outro espaço. As vozes devem soar íntimas, familiares (você deixaria um estranho falar ao pé do seu ouvido? Pois é).

Pode parecer tarefa simples a princípio, mas a verdade é que se trata de um processo incômodo, doloroso. Fisicamente doloroso. Dá um nó na barriga, algo entre o nojo, o pavor e a luta pela sobrevivência. *Gut churn* foram as palavras usadas por Mikel Elcessor e Jad Abumrad, ao lembrarem a fundação do Radiolab, programa de ciência estadunidense transmitido na rádio desde 2002.

Abumrad descreve essa sensação de vida ou morte como parte essencial do processo criativo. Entre desbravar os labirintos do *software* de edição e lidar com o estranhamento de ouvir e reouvir a própria voz, no fim do dia, somos obrigados a escolher apenas uma entre as zilhões de maneiras de se contar uma história ou explicar um conceito. Esse processo começa na cabeça, claro, mas se decide nas entranhas.

É o corpo que nos alerta quando uma escolha funciona ou não. Que sente, quando a história flui desimpedida de quem conta para quem escuta. Que se enche de prazer, quando as peças da narrativa finalmente se encaixam e sossegam a nossa vontade de ver o mundo por outros olhos, entender outras vidas, sentir outras coisas, conhecer outros tempos e lugares. É no corpo que a gente sacia a fome de se meter em tudo — nem que seja só por um momento, até ela voltar mais forte.

A cada capítulo, este livro vai te saciar com histórias e novos olhares sobre a antropologia. Já os respectivos *podcasts*, que você pode escutar nos intervalos da leitura, vão te apresentar vozes, diálogos, sons, cenas e cenários que, juntos, nos trazem uma nova maneira de ouvir o mundo.

Bia Guimarães. Jornalista com mestrado em Divulgação Científica e Cultural. É apresentadora e produtora do *podcast* 37 Graus e cofundadora do Cochicho.org, um *site* sobre narrativas em áudio. Email: bz.guimaraes@gmail.com

Sarah Azoubel. Doutora em biologia e jornalista de ciência. É apresentadora e produtora do *podcast* 37 Graus e cofundadora do Cochicho.org, um *site* sobre narrativas em áudio. Email: sarah@laboratorio37.com.br

“Antropo.... o quê? Humanidades, ciência e divulgação em áudio”

Roteiro de Apresentação

Daniela Tonelli Manica

Milena Peres

Soraya Fleischer

LEGENDA

Blocos

Sonoplastia

Material extra

ABERTURA

Música de abertura do Programa: “Mudernage”, da cantora Ellen Oléria, apenas o trecho instrumental. (A música deve ficar ao fundo, em background (BG), até o final da terceira frase. Assim, ficará ao fundo das três apresentações).

Daniela: Olá, pessoal! Eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora da Unicamp.

Milena: Oi, oi, sou Milena Peres, jornalista e mestrande em Divulgação Científica e Cultural no LABJOR, também na Unicamp.

Soraya: E eu sou Soraya Fleischer, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

Daniela: Nós três trabalhamos no *podcast* Mundaréu, que nasceu em 2019 com o objetivo de divulgar histórias de pesquisa em Antropologia. O *podcast* apareceu como uma mídia nova, acessível e cheia de possibilidades para explorar. Essa experiência nos levou a encontrar outras pessoas que tinham o mesmo objetivo e, pouco mais de um ano depois, nasceu a Kere-kere, uma rede de *podcasts* de Antropologia. E é por causa dela que nós estamos aqui, organizando e apresentando esse livro! O *No ar: Antropologia. Histórias em podcast* é resultado de um conjunto de experiências. O objetivo principal deste livro é mostrar o *podcast* como forma de divulgar ciência, em especial, a Antropologia, que é parte das Ciências Sociais e Humanas.

Milena: O *podcast* é uma mídia de áudio, que conta com vozes, músicas, silêncios, respiros, choros, risadas e outras paisagens sonoras. E é produzido com conversas, entrevistas e depoimentos. A palavra “pod” tem diferentes origens. Tem gente que diz que vem de uma sigla, “*program on demand*”. *Podcast* não é como o rádio, que você liga e ouve o que estiver no ar naquela hora. Você, como ouvinte, pode escolher o assunto, o formato, o estilo e horário de ouvir. Pode pausar, ouvir de novo, mandar de sugestão para alguém que possa gostar daquele tema também. Os *podcasts* podem ser ouvidos no computador ou no telefone celular, a partir dos arquivos deixados nos sítios eletrônicos, ou em tocadores ou agregadores deste tipo de mídia. E há vários agregadores, também, pro gosto de cada ouvinte.

Soraya: Eu gosto também de outra explicação: “pod” é uma palavra em inglês que quer dizer “vagem” ou “casulo”. No caso da vagem, é legal pensar o bocado de feijõesinhos, favas, grãos que ficam ali juntos numa mesma planta. Gosto da ideia de termos semelhanças e estarmos reunidos, mesmo que cada grumo, cada semente seja um pouquinho diferente da outra.

Daniela: “E o pod, pode?”. Brincadeiras à parte, neste livro queremos pensar como o *podcast* tem sido intensamente utilizado nos últimos dois anos pela Antropologia brasileira para falar e discutir como se trabalha e faz pesquisa nessa área das Ciências Sociais.

Música de transição “Mudernage”, Ellen Oléria (do minuto 2:52 até o minuto 3:07):

Essa magia vem do encontro dos nossos imãs

E me desequilibra, mas não me desafina

Direto de Brasília, Ceilândia, Taguatinga

A mestre raizeira cura com sucupira

Meu velho pai me ensina que balanço contamina

Timbreira, grooveria

Antiga poesia

E essa batida, sente essa batida

É fonte rica em vitamina

(De 3:06 até, deixando de BG para o trecho a seguir, e fechando com *fade out* no final da fala da Soraya, no Bloco a seguir)

BLOCO 1: O pod pode divulgar, ensinar, fazer companhia

Soraya: Dani, por que você acha que o *podcast* pode ser uma mídia para fazer e falar de ciência? O que o *podcast* faz de diferente em relação a um artigo científico, uma coluna no jornal, uma palestra, por exemplo?

Daniela: Sóra, eu sou suspeita para falar, porque sempre gostei muito de rádio. E o rádio tem essa diferença em relação à televisão de ser uma mídia bem menos exigente: você pode escutar enquanto faz outras coisas, não precisa ficar “presa” ali, com a imagem, porque ela não está pressuposta. O *podcast* também tem a vantagem que as mídias por demanda trazem, como a Milena acabou de falar. Os *podcasts* de ciência ganharam os corações e fones de ouvido das pessoas muito rapidamente, pois podem ser ouvidos quando cansamos de trabalhar no computador, nos trajetos de deslocamento de carro, de ônibus, a pé.

Soraya: E eles desafogam os olhos, que têm sido super usados nesse momento intenso de uso de telas, né?

Daniela: Exatamente! Enfim, eles “cabem” em diversas situações.

Mas acho que a principal razão dessa explosão recente dos *podcasts* na divulgação científica é que eles permitem “dar corpo” a pesquisadorias através da voz. E a voz transmite tanta coisa, né? Transparece as nossas emoções e nossos so-

taques. Mostra o nosso pensamento em ação, acontecendo ali no calor da hora. Isso permite um tipo de intimidade com as ouvinties que é muito sedutora. As expressões orais como risos, gaguejares, hesitações, silêncios longos, e choro também, comunicam diversos sentimentos, como fascinação, medo, alegria, surpresa, revolta. O tom de voz comunica esses afetos todos com uma intensidade que nem sempre o audiovisual faz, e o texto precisa usar de muitos recursos narrativos e gráficos para conseguir transmitir isso também. Nos *podcasts*, podemos contar as histórias dos feitos e fatos científicos humanizando cientistas, mostrando como a ciência é feita por gente específica, num mundo também específico.

As histórias narradas em áudio também liberam um espaço para a imaginação que o suporte visual entrega como fechado. Nesse sentido, os *podcasts* parecem também com a literatura... a gente ouve as pessoas sendo entrevistadas e fica imaginando como elas são e como são os lugares que elas estão descrevendo, fica imaginando como as histórias aconteceram ali. Tem uma abertura criativa para inventar uma versão toda sua dessas histórias e personagens, como nas histórias de ficção. Eu acho isso muito bacana! E ajuda a traduzir a ciência para quem não tem muita familiaridade com os termos, jargões e práticas. Ajuda estudanties a se interessarem por ciência.

Soraya: Estudanties podem aprender muitas formas de como escolher um tema, buscar e processar a bibliografia e depois realizar a pesquisa de campo. Os *podcasts* podem servir demais como recurso didático, dentro da sala de aula. Não só na universidade, mas no ensino técnico, na formação de professories, e ainda no ensino médio, fundamental e até infantil, a meu ver. Os *podcasts*, ao trazerem tantos antropólogos, apresentam uma variedade enorme em termos metodológicos, éticos, políticos, né?

Daniela: Isso! Cativando ouvinties, a gente espera contribuir para uma revalorização da ciência, e em especial das Ciências Humanas que têm sido pouco ou mal compreendidas. E essa é uma agenda política urgente! Pra ontem.

Soraya: Dani, na sua opinião, qual é a importância de uma cientiste, um departamento, uma universidade fazer divulgação científica?

Daniela: Nessa pandemia, as Ciências Biomédicas sentiram na pele o quão importante é que a população tenha um mínimo de cultura científica para que as políticas científicas de saúde possam ser implantadas em situações trágicas, como

a que estamos vivendo. Na Antropologia, a gente tem sentido isso também, com frentes que promovem o descrédito das pesquisadoras de Humanidades, e com a perseguição política a pesquisadoras e profissionais que atuam na área da demarcação de terras indígenas e quilombolas. Comunicar a ciência é fundamental para podermos construir um mundo mais justo, para cultivar um coletivo aberto ao diálogo e ao conhecimento sobre o mundo e sobre as pessoas.

Soraya: Tem um monte de palavras que a ciência usa e que só ela entende, né não? Por exemplo, “ibid”, que a gente encontra dentro de um parêntese depois de uma frase que veio entre aspas. É uma de tantas palavras latinas que entraram e ficaram na linguagem da ciência, mesmo que estejamos fazendo ciência num país em que se fala português. Todas essas características próprias do texto acadêmico têm sua importância, claro, mas não chegam em todos os contextos.

Música de transição, “Mudernage”, Ellen Oléria (do minuto 2:15 até o 2:39):

Tem que levantar poeira e coisa e tal

Levantar poeira e coisa e tal

Tem que pisar fino

Tem que ter remelexo e coisa e tal

Coisa e tal

(De 3:07 a 3:16, deixando de BG para o trecho a seguir, e fechando com fade out)

BLOCO 2: Os *podcasts* reunidos neste livro

Soraya: Como é composto este livro, Milena?

Milena: Este livro tem nove capítulos. Reúne o primeiro conjunto de *podcasts* de Antropologia que surgiram entre 2019 e 2020. Em cada capítulo, a equipe que produz o *podcast* conta um pouco sobre a sua história de criação e o formato escolhido para os programas.

Soraya: E os desafios enfrentados em cada uma destas etapas.

Milena: Isso mesmo, os desafios, as soluções e os aprendizados ao longo do caminho. Em 2019, surgiram os *podcasts* do Museológicas, da Universidade Federal de Pernambuco; o Selvagerias, da Universidade de São Paulo; e o Mundaréu, que é fei-

to em parceria entre o Labjor, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, e o Departamento de Antropologia, da Universidade de Brasília. Também no final de 2019, nasceu o *Conversas da Kata*, da UnB.

Soraya: E em 2020, vieram o *Antropotretas* (Observantropologia), da Universidade Federal da Paraíba, e o *Antropólis*, da Universidade Federal de Pelotas. Também o *Sensibilidades Antropológicas*, da Universidade Federal de Uberlândia, o *Campo Podcast*, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o *Compósita*, na Amazônia Paraense. Ao longo da pandemia do Covid-19, surgiram muitos outros *podcasts*. Aqui, reuniremos iniciativas de todas as regiões do país, é incrível como 2020 foi o ano da *podosfera*!

Milena: Então, dá para imaginar o mundaréu de gente que se mobilizou, equipes com docentes, discentes e técnicas destas universidades todas, para produzir estes programas. É tempo, recurso, gente, muito esforço e criatividade para apresentar a Antropologia para um público mais amplo. São horas de gravação e edição, e depois horas e horas de episódios disponíveis para escolher e ouvir. Este livro quer mostrar as muitas estratégias para produzir *podcasts* científicos, contando histórias de pesquisa, fazendo entrevistas, promovendo diálogos e mesas redondas, indo conhecer onde a Antropologia foi feita. Revelar os bastidores desse processo e mostrar que é possível, relativamente barato e muito promissor.

O livro também traz, a partir das experiências de cada uma das produções, as diversas possibilidades que existem para fazer um *podcast*. A pandemia de 2020 mostrou que é possível gravar *online*, à distância, e que até os ruídos ao fundo do áudio gravado em casa também viram conteúdo. Cada equipe que elaborou estes capítulos compartilhou, de forma muito solidária, como fez para definir temas e pautas, agendar conversas, editar, reeditar, publicar... e fazer o *podcast* acontecer! Contaram também algumas histórias que os episódios trazem, como a de uma pesquisadora num acampamento do MST, ou de uma mãe em busca do auxílio emergencial durante a pandemia, casos interessantes que povoam os episódios dessa rede de pesquisadoras, a Kere-Kere.

Soraya: Esses nove *podcasts* têm chegado aos quatro cantos do mundo, a públicos muito variados, de dentro e de fora da universidade. E o livro é uma forma de trazer para essa mídia que a gente adora, e está tão mais acostumada a trabalhar – o

texto em papel – um pouco dessa novidade. Mas a gente quer contar mais uma coisa para vocês.

No Mundaréu, em geral, a gente tem tentado adotar o feminino como genérico na linguagem. Então, quando a gente fala de antropólogos no geral, falamos “antropólogas”, no feminino. Isso dá um efeito engraçado nas pessoas, especialmente nos homens, que acham que, por causa disso, a gente está falando só de mulheres, e não de homens também. Mas na verdade esse é um recurso feminista para que se pense naquilo que conta, e o que não conta, como “humano”, como “generalizável”. Isso é parte do que nós aprendemos com a Antropologia e as temáticas de gênero, que fazem parte das Humanidades. Gênero é linguagem, é cultura, e fala sobre relações de poder também. E as nossas experiências sociais – inclusive no mundo da ciência – estão pautadas pela centralização do poder entre homens. Nesse livro, nós sugerimos aos autores e autoras experimentarmos juntas uma outra estratégia nessa direção: o uso da linguagem neutra de gênero ao falar sobre as pessoas. Portanto, ao invés de fazer como fazemos no Mundaréu, ao usar o feminino como genérico universal, aqui vamos tentar usar a derivação em “e” para tentar “neutralizar” o gênero em uma forma não binária (masculino/feminino), exceto quando falamos de pessoas específicas que têm uma identidade de gênero binária. Então vocês verão no texto antropólogos, pesquisadores, estudantes e outras palavras novas, assim.

Milena: É um pouco esquisito, a gente sabe. Foi esquisito também para nós e para es autories escrevermos desse jeito também, inventando, errando, experimentando e brigando com o corretor de texto. Mas “estranhar” as coisas é uma prática antropológica que a gente quis trazer para o livro, pra lembrar também que cultura e linguagem não são fixas. Elas mudam! E a gente acredita que muitos dos problemas que estamos vivendo hoje têm a ver com a desvalorização de populações minoritárias, como as populações LGBTQIA+, as mulheres e várias outres.

Fechamento: Leitories para o livro, ouvinties para os podcasts e agradecimentos

Música: “Mudernage”, de Ellen Oléria, com o trecho instrumental em BG até o final das falas nesse bloco de Fechamento (começando no minuto 3:35 e seguindo até o fim).

Milena: Para quem quiser conhecer a trajetória de criação e produção por trás de cada um destes *podcasts*, o livro será boa companhia. Quem são esses cientistas antropológicos? Como estudam com as pessoas? Quando e por que começaram a usar o áudio para falar de sua Antropologia? Os capítulos são curtos e escritos numa linguagem mais acessível para quem não é da universidade.

Soraya: As histórias contadas aqui estão muito legais. Queremos sugerir que vocês visitem os *sites* destes *podcasts*, assinem nos seus tocadores, sigam suas redes sociais e conheçam os materiais extras em seus sites eletrônicos. Há também o *site* da Rede Kere-Kere, onde você poderá conhecer estes e ainda outros *podcasts* que surgiram mais recentemente. Mas, sobretudo, sugerimos que vocês divulguem estes projetos em suas aulas, grupos de pesquisa, palestras e almoços de domingo com a família. A Antropologia fala de muitos temas que têm a ver com a nossa vida, sobre as diferenças entre os povos, seus hábitos e formas de viver. Sempre rende uma boa conversa e, de quebra, já serve para ir desfazendo preconceitos e mal-entendidos sobre as diferenças dos outros! Aproveitem essas histórias, vozes e risadas como companhia nos momentos de fazer faxina na casa, de lavar louça, de fazer exercício físico ou de circular nos carros, nos ônibus, nas caminhadas.

Daniela: E nos ajudem a divulgar esses programas tão bacanas justamente para quem fala que as Humanidades não fazem divulgação científica, ou que não merecem financiamento, porque não contribuem diretamente para o PIB, ou que são “inúteis”, “fritula” ou “purpurina”. As Humanidades, e a Antropologia em especial, ensinam a pensar criticamente, um ingrediente fundamental para uma cidadania mais plena. Há muita coisa boa sendo feita! Quando ouvirem, nos deem retornos sobre os programas para irmos melhorando a cada dia. Nosso *e-mail* é podcast-mundareu@gmail.com. Procurem as redes sociais e páginas dos *podcasts* na internet. E mandem *e-mail* ou mensagem. Vocês vão achar essas informações nos materiais extras.

Milena: A gente agradece muito às autoras e autores que se dispuseram a contar sobre seus *podcasts* e às suas equipes que pegam junto na produção deste trabalho. Ficamos muito felizes com o prefácio escrito pela Bia e a Sarah, do *podcast* 37 graus, e a contracapa, feita pela Simone, do *podcast* Oxigênio. E somos gratas também a todo apoio recebido do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural, do Labjor, do Decanato de Pesquisa e Inovação da UnB, da Pontes Editores e da ABA Publicações.

Daniela: Como vocês devem ter percebido, aproveitamos para escrever essa apresentação do livro já no formato de um roteiro do Mundaréu. Essa estratégia revela para vocês como nós produzimos o nosso *podcast*. E, mais importante, é uma forma de já entrar no clima desta mídia, desta forma de falar e navegar pela podosfera. Você vai poder ouvir essa apresentação, se quiser, através do QR Code que aparecerá a seguir e nos outros capítulos do livro. É só apontar seu celular para o símbolo, que a página abrirá no navegador do seu celular.

Soraya: Agora, é sua vez! Vire a página, aperte o *play* e vamos lá!

Materiais extras

Rádio Kere-Kere: <https://radiokerekere.org/>

Mundaréu: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>

Ellen Oléria: <https://www.ellenoleria.com.br/>



Daniela Tonelli Manica é mãe, antropóloga e pesquisadora do Labjor/Unicamp. Estudou na Universidade Estadual de Campinas, foi professora no Departamento de Antropologia Cultural (IFCS-UFRJ) entre 2011 e 2018 e é professora no Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (IEL-Unicamp) e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (IFCH-Unicamp). Produz o Mundaréu e coordena o grupo de pesquisa Labirinto. *E-mail:* dtmanica@unicamp.br

Milena Peres é técnica em Publicidade e Propaganda, jornalista pela Universidade do Vale do Paraíba e mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor/Unicamp). Tem interesse nas áreas de corpo, gênero e tecnologia e suas relações. *E-mail:* milenacp1005@gmail.com

Soraya Fleischer é mãe, antropóloga e professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Estudou na UnB, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Universidade de Johns Hopkins e mais recentemente na Universidade Federal de Santa Catarina. Produz o Mundaréu, coordena a CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva) e pesquisa sobre a epidemia do vírus Zika. *E-mail:* soraya@unb.br

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-1>



Dentro de contexto: o ambiente sonoro do Selvagerias¹

Frederico Sabanay

Lucas Lippi

Tainá Scartezini

Por onde começar? Como estudantes de Antropologia, temos preferência por formas narrativas e, no caso do Selvagerias, nosso *podcast*, essa narrativa tem mais de um começo: o começo da Antropologia como Ciência, os nossos primeiros contatos com a disciplina e nosso início como grupo de produtores. Este texto contará um pouco sobre esses diferentes pontos de partida. São diferentes ambientes que se confundem em um único enredo.

¹ Os episódios podem ser ouvidos por meio das plataformas: Apple Podcast, Deezer, Google Podcast, Soundcloud, Spotify; ou em nosso site: <https://selvageriaspodcast.wordpress.com/>; Instagram: <https://www.instagram.com/selvageriaspodcast/>

Pensando num contexto, um momento que explique o surgimento das nossas motivações e como o *podcast* nos contaminou, já temos algumas histórias. Fim de graduação, desemprego e eleições nacionais. Esse foi o ano de 2018 para Tainá Scartezini (Tai), que encontrou na escuta de *podcasts*, e posteriormente na feitura deles, um jeito de expressar suas inquietações. Era também uma maneira de continuar discutindo Antropologia. Na segunda metade de 2018, tivemos nosso primeiro encontro. Discussões e acirramentos políticos se intensificaram no Brasil, fazendo com que Lucas Lippi (Lippi) se perguntasse onde estariam antropólogos nesses debates. Essa questão, compartilhada com Tai, Beatriz Braga (Bia) e Clarice Sá (Clarice), tornou-se combustível para a produção de um *podcast*.

Já como um grupo, víamos que as contribuições da Antropologia eram pouco encontradas nas mídias populares. Sentíamos a necessidade dessa presença para além das revistas especializadas. E se essa área particular das Ciências Sociais nos provoca a exercitar múltiplos caminhos narrativos, a história da disciplina tem que circular em diferentes espaços. Há muito a ser contado, mas principalmente muitas maneiras de contar. Um *podcast*, portanto, seria um veículo privilegiado para experimentação.

Alguns meses de reuniões convergiram com as inquietações e a vontade de Frederico Sabanay (Fred) de se arriscar em práticas pouco difundidas na formação em Ciências Sociais. Rodeado por esse desejo, Fred encontrou na construção da paisagem sonora do Selvagerias a junção de interesses distintos. No episódio 4, por exemplo, em que falamos sobre o fim do mundo, misturamos instrumentos musicais com sons do vento e de ambientes em silêncio. A intenção era construir uma sensação de vácuo, de vazio, que invadia as falas constantemente, confundindo-se com os ruídos de fundo da gravação. Assumimos que sons produzidos por diferentes fontes - instrumentos musicais, animais e fatores climáticos - eram peças úteis para compor uma experiência auditiva. Fred, por sua vez, trouxe consigo o Mateus Bravin (Mat), que estudava Letras e já tinha formação em Audiovisual, ajudando o coletivo com sua experiência em edição.

O formato de *podcast*, uma mídia em áudio disponível em aplicativos e *sites* na internet, viu seu consumo e sua produção aumentar muito desde 2018. Essa forma de comunicação, até aquela época, não era explorada por profissionais de Antropologia no Brasil. A inexistência de formatos impostos ou de limites de duração para cada programa dá total liberdade criativa para quem deseja produzir: um desafio ao mesmo tempo difícil e estimulante. Além disso, a mídia em áudio correspondia ao nosso principal objetivo: ser uma ferramenta para que as discus-

sões da Antropologia atingissem um público mais amplo, além do pequeno grupo de estudantes que se dedica a estudá-la.

Encontros, inquietações e motivações. Uma atmosfera precisa de estudantes das Humanidades. Cenário em que os ataques a essa área do saber científico ganhavam força, o ano de 2018 e seu ambiente pleno de tensão, nos provocou a dar concretude aos nossos desejos. Como começar? Essa pergunta cabe não somente ao texto. Ela nos persegue desde nosso primeiro encontro. Onde gravar? Era preciso encontrar equipamentos, lugares adequados para a gravação, pessoas que nos ajudassem com a edição. Sobre o que falar? A quantidade de temas e estudos antropológicos nos obrigavam a escolher um caminho.

Por diferentes razões, mantivemos nosso engajamento com o Selvagerias, mesmo depois da pandemia. Cada um de nós tem uma perspectiva diferente sobre como nos apaixonamos pelo fazer antropológico, o que nos convidou a estudar Antropologia, assim como aquilo que nos provocou a produzir um *podcast*. São diferentes pontos de vista que ora nos aproximam, ora nos afastam. E esse constante movimento é o que nos une.

Como se faz (a) Antropologia?



Da esquerda para a direita: Lucas, Beatriz e Tainá. Fonte: Arquivo do Selvagerias

Graduação em Ciências Sociais na capital paulista. Os corredores do prédio do meio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), ambientes em que muitas coisas acontecem. As lanchonetes também. Abastecimento de cafés e lanches é essencial. Manter o cérebro funcionando demanda energia. O piso vinílico cinza dos corredores internos, que combina com as portas das salas de aula, também cinzas; as longas filas nas lanchonetes no horário do intervalo; as árvores, os jardins e os gramados que preenchem os espaços externos dos prédios. As pessoas, assim como seus cigarros, cafés e comidas, que davam cheiro e sabor às rodas de conversa, também são importantes componentes do cenário que nos formou. Uma mistura de tabaco com Filosofia, café com Sociologia, kube vegetariano com Antropologia; ou qualquer outra combinação à escolha. Um cardápio verdadeiramente variado e que nos provoca a pensar.

No Brasil, quem deseja se formar em Antropologia, comumente ingressa numa faculdade de Ciências Sociais. São poucas as universidades que oferecem cursos exclusivos na disciplina. No caso da Universidade de São Paulo (USP), onde nos graduamos, a Antropologia segue acompanhada da Ciência Política e da Sociologia. Essa característica é importante, pois demonstra como nós, antropólogos do Brasil, nos aproximamos de nossos estudos.

Geralmente, quando falamos em “Antropologia”, não falamos “Antropologia Social” ou “Antropologia Cultural”, porque para nós isso está implícito. A Antropologia Sociocultural estuda os aspectos que unem e diferenciam a humanidade em coletivos, sociedades, grupos, etnias ou culturas. É uma Ciência que está ligada às Humanidades. Em outros lugares, por outro lado, a Antropologia Social é ensinada junto da Arqueologia e da Antropologia Biológica com seus diferentes ramos, como a Antropologia Física, a Antropologia Médica e a Antropologia Evolutiva. Essas disciplinas também estudam a humanidade, mas com um outro olhar. A conexão com essas duas áreas, Antropologia Biológica e Arqueologia, direciona a uma maior preocupação com a humanidade em seus aspectos também biológicos.

Contar nossa trajetória como coletivo é um exemplo do que antropólogos socioculturais fazem. Ao longo de nossa formação, lemos um conjunto de textos parecidos, assistimos a aulas de professorias comuns, acabamos por fazer amizades com pessoas que compartilham das mesmas referências. Por consequência,

nossas visões de mundo particulares começam a se confundir com as coletivas. Nossos pontos de vista individuais assumem uma outra tonalidade.

Aprendemos a misturar nossas ideias com as de outres pessoas. Mas isso não significa que perdemos o que nos diferencia como sujeitos. Compartilhamos de muitas opiniões e concordamos com muitas análises, mas temos preferências, escolhas, personalidades e gostos distintos. Mas são os acontecimentos que levaram à formação do Selvagerias que importam, se quisermos abordar essa história por meio da Antropologia Sociocultural.

A trajetória de cada um é bastante diversa. Lippi, o mais velho da turma, já havia estudado Medicina Veterinária, também na USP, mas abandonou o curso depois de alguns anos. Escolheu as Ciências Sociais, pois acreditava que elas dariam uma visão mais crítica sobre o mundo. Sua intenção era fazer da teoria social conteúdo de filmes. Ele não quis ingressar num curso de Cinema, pois acreditava que seria técnico demais, que fosse ensinar a mexer com equipamentos e a escrever roteiros. Era mais relevante pro Lippi aprender a analisar nossa sociedade de uma maneira mais complexa e profunda. Bom, quanto a isso, não podemos negar que foi uma escolha acertada. Antes com filmes, agora com *podcasts*, a vontade inicial de Lippi de produzir conteúdos para um público mais amplo permanece.

Tai, por sua vez, depois de prestar vestibular pra Letras, Jornalismo, Arquitetura e Engenharia Civil (tudo num ano só), descobriu que não sabia bem o que queria. Por influência de uma psicóloga e lendo um pouco mais sobre o campo, achou que as Ciências Sociais eram boas pra pensar. Assim, com essa ideia na cabeça, deixou o interior de Santa Catarina, onde nasceu e cresceu, e se mudou pra São Paulo de mala e cuia, como se costuma dizer por aquelas bandas. Acha curioso como depois de tantos anos estudando Ciências Sociais se reencontrou com o Jornalismo, carreira que desistiu de cursar, mas que agora faz parte do seu cotidiano.

Fred, o mais novo do grupo a entrar no curso de Ciências Sociais, sempre foi apegado às imagens e às sonoridades, muito antes de ingressar na universidade. Desde cedo, viveu em casa transbordada de parentes, foi acostumado a escutar muita gente ao mesmo tempo. Aprendeu violão ainda pequeno, junto com os irmãos, sem saber ler uma partitura - talvez por isso acabou colaborando para que não ingressasse em um curso superior de Composição de música, por conta da

falta de erudição. Prestou o vestibular para Ciências Sociais, logo após as movimentações de junho de 2013, um momento conturbado que reinseriu o anseio por um debate político incessante em toda uma juventude. Logo, reencontrou o ato da escuta ativa e da observação atenta por meio das abordagens presentes no campo de formação em Antropologia.

O Selvagerias surge, então, de um encontro entre colegas, uma amizade entre fins de graduação que se viram atrás da seguinte pergunta: mas afinal, qual a diferença da Antropologia para as outras Ciências Sociais?

No primeiro episódio do Selvagerias, *O que é Antropologia?*, conversamos com Fernanda Arêas Peixoto e Marina Vanzolini, professoras do Departamento de Antropologia da USP. Ao longo do programa, falamos de algumas definições para essa Ciência, por meio das quais discutimos nossa formação e nosso ofício. Segundo Fernanda Arêas Peixoto, partindo de uma definição dada por Lévi-Strauss em uma conferência chamada *O lugar da antropologia nas Ciências Sociais*,

[...] a antropologia é a ciência social do observado ... Ciência que parte do ponto de vista do nativo, seja ele qual for, não somente para compreendê-lo, mas para que esse ponto de vista outro afete os nossos próprios pontos de vista, as nossas próprias formas de compreensão, alargando-as e transformando-as. As ferramentas antropológicas nos ensinam desde cedo a exercitar uma espécie de descentramento do olhar...

Reforçando essa dimensão de “ir até o outro”, lembramos que fazer Antropologia é se deslocar física e mentalmente até as pessoas com quem dialogamos, para entender como essas pessoas pensam e vivem. Já Marina Vanzolini nos conta que, para ela, a Antropologia é “um método poderoso de conhecimento e de reflexão”. É uma matéria que nos provém de técnicas para refletir sobre nosso modo de estar no mundo e de nos relacionarmos com outrem. A Antropologia nos permite superar preconceitos, pois é a Ciência que prioriza descrever a visão das pessoas sobre quem escrevemos.

Deslocar-se, experimentar, compreender. Se para fazer Antropologia precisamos ir até as pessoas com quem conversamos, para o Selvagerias ser produzido, precisávamos também ir até um estúdio de gravação. Depois de muitas conversas

regadas a café, começamos a busca por lugares que pudessem fornecer materiais de gravação.

Como se faz um *podcast*?

Lá em 2018, faltavam conteúdos sobre Antropologia acessíveis para o público não acadêmico e que circulassem para além das fronteiras universitárias. Isso nos motivou a produzir um *podcast* de divulgação científica. Embora hoje já existam alguns *podcasts* do gênero, na época, nenhum ainda havia sido publicado. Assim, queríamos fazer circular em outros espaços esses saberes antropológicos e, ao mesmo tempo, expressá-los com outras linguagens, mais didáticas e artísticas. Isso porque a Antropologia não escapa do contexto elitista do ensino superior público no Brasil. Principalmente, quando pensamos nos aspectos raciais e econômicos, a graduação em Ciências Sociais na USP, assim como a pós-graduação, ainda é fortemente preenchida por pessoas brancas de classes econômicas mais abastadas. Ademais, a tímida divulgação para além do público especializado resulta da preocupação excessiva de antropólogos com o vocabulário usado pela mídia de grande circulação. Os conceitos e os contextos das informações importantes para antropólogos, quando reordenados ou traduzidos para sinônimos, podem resultar em desentendimentos, pois existem equívocos culturais nem sempre bem esclarecidos em rápidas explicações. Isso faz com que muitos pesquisadores se neguem a dar entrevistas a jornalistas.

Justamente por isso, pela possibilidade de exploração dos diferentes significados das palavras, optamos por um formato mais narrativo, ao invés dos típicos programas “roda de conversa”, bastante usados por produtores de *podcast*. A narração nos permitiu brincar com sons na tentativa de criar paisagens mais fluídas à audição, além de explorar a descrição e a contação de histórias, tão caras aos textos etnográficos. Etnografias são textos que descrevem o trabalho de campo de um antropólogo e a população com a qual conviveu. Ao mesmo tempo que o formato narrativo multiplica os recursos para contarmos histórias, exige um trabalho de edição mais cuidadoso dos áudios em comparação com as conversas gravadas. Por isso, essa escolha exige também uma técnica para lidar com programas de computador específicos, uma boa audição e atenção redobrada. Como a intenção é fazer uma mistura, uma sobreposição de sons que permitam trazer

ouvinties para o ambiente narrado, o lugar em que gravaríamos também precisava ser escolhido com cuidado. Quanto mais silencioso, melhor.

Afinal, onde gravar? O fato de a USP ser um destino comum, onde íamos com mais frequência, tornava-a uma alternativa mais óbvia. Decisão estratégica, porque a mobilidade urbana na maior cidade da América Latina, São Paulo, é sempre um problema que se impõe. O trânsito é uma interferência nos deslocamentos, mas também pelo barulho que provoca. Precisamos de silêncio. E no *campus* do Butantã, estaríamos também em relativo isolamento dos barulhos da cidade. O que acham de um estúdio de gravação? Ainda melhor! Mas onde existem estúdios na USP?

Após algumas portas fechadas, encontramos no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP), vinculado ao Departamento de Antropologia da FFLCH-USP, um espaço de acolhimento. Lá, passamos a gravar nossos programas. Localizado na Colmeia, um conjunto de prédios anexados ao Conjunto Residencial da USP (CRUSP), o LISA é um centro de pesquisa, documentação e experimentação em Antropologia Audiovisual. Além da sua coleção de filmes, imagens e registros sonoros (disponível para consulta), o laboratório tem a infraestrutura e o suporte técnico de que estávamos em busca.

Nesse ambiente teríamos um outro início. Com o apoio de Sylvia Caiuby, Ricardo Dionísio e, em especial, de Leonardo Fuser, começamos nossa jornada. Também recebemos o apoio da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo (PRG-USP) com duas bolsas durante quase um ano. Isso possibilitou a alguns de nossos integrantes dedicarem mais tempo para as atividades do *podcast*. Foi nessa oportunidade que o Fred e o Mat se juntaram ao Selvagerias.

Como contar uma história da Antropologia?

Durante os quatro episódios da nossa primeira temporada, buscamos falar sobre a história da Antropologia, abordando alguns de seus marcos e correntes. No primeiro episódio, *O que é antropologia?*, demos algumas definições possíveis para o campo disciplinar e apontamos como ela se relaciona com nosso cotidiano. Já em *Selvagerias, barbáries e civilizações*, o segundo episódio, adentramos o terreno que os antropólogos costumam apontar como o começo da disciplina: os evolucionistas. No terceiro, *Um caldo à brasileira*, focamos no início da Antropologia no

Brasil. E no último episódio, *Os fins da antropologia*, brincamos com os diferentes significados da palavra “fins”, que pode significar tanto finais como finalidades. Exploramos uma vertente mais jovem da disciplina, além de comentar grandes acontecimentos de 2020: a crise ambiental e a pandemia de covid-19.

Olhando retrospectivamente, podemos afirmar que “um espectro rondava o Selvagerias” e esse espectro era Marilyn Strathern. A antropóloga britânica, nascida em 1941, é conhecida internacionalmente por seus trabalhos sobre formas de parentesco e a respeito dos Hagen, povo nativo de Papua Nova Guiné, ilha melanésia situada próximo da Austrália. Em particular, fomos movidos pela discussão dela em *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. Nesse livro, preocupada com a possibilidade (e os modos) de exprimir conceitos alheios com ideias familiares, Strathern questiona quais são os efeitos que as narrativas antropológicas sobre a origem da disciplina e seus procedimentos provocam no próprio fazer antropológico. Em resumo, a discussão da autora sobre *e antropologue como scrittore* nos ajudou a pensar o modo como contaríamos a história da disciplina, tema de nossa primeira temporada. Percebendo que poderíamos trilhar múltiplos caminhos, tivemos de escolher uma história e um modo de contá-la, dentre tantas outras possibilidades narrativas. Lidávamos, então, com o problema de como apresentar para um público amplo o que es antropólogos fazem, como trabalham e o que ou quem pesquisam.

Assim, paramos também para pensar na forma como aprendemos a história da Antropologia, ao longo de nossa própria formação, a qual, de certo modo, tornou ilegíveis algumas autoridades como evolucionistas, tais como Sir James George Frazer, Edward Burnett Tylor e Lewis Henry Morgan. O motivo que es transformou em autoridades mal vistas costuma ser vinculado ao legado eugenista de tais trabalhos. O eugenismo foi uma corrente de pensamento que buscou produzir uma seleção racial baseada na ideia de “bem nascido”, visando o aprimoramento humano. Procuraram-se bases para essas teses, entre outras referências, em trabalhos antropológicos, ainda que es antropólogos não concordassem necessariamente com isso.

No entanto, para Strathern, o que tornou um conjunto tão diverso de autoridades ilegíveis não foi só o legado deles, mas também o surgimento de uma nova

forma narrativa dentro da Antropologia. Es antropólogos evolucionistas se aproximavam de seus leitores, que eram seus companheiros de nacionalidade, classe e/ou etnia, e lançavam um olhar exótico para outros povos e culturas. O exotismo estava na aproximação que faziam de exemplos etnográficos tão diferentes uns dos outros, mas postos lado a lado sem contexto, isto é, sem mostrar suas particularidades. Por sua vez, a partir de Bronislaw Malinowski (1884-1942), antropólogo polonês radicado na Inglaterra e um dos criadores do método etnográfico, es antropólogos modernos priorizavam as descrições etnográficas densas a respeito de um só povo com o qual conviveram por um longo período de tempo.

Logo, queríamos ler de novo esses autores, experimentando novos olhares sobre es clássicos da disciplina, mas tratando com responsabilidade os perversos efeitos que algumas de suas ideias ajudaram a fomentar. Com surpresa e prazer, nos deparamos com um Morgan muito diferente do que estávamos habituados. Encontramos um antropólogo engajado com as pautas dos povos nativos norte-americanos e que desenvolveu uma duradoura amizade com seu interlocutor de pesquisa, o jovem sêneca Ely Parker, para quem Morgan dedicou o livro *Liga dos Iroqueses* e a quem, inclusive, ajudou criando conexões com a sociedade branca dominante. Essas relações lembram mais os projetos de pesquisa colaborativos da contemporaneidade do que os estudos evolucionistas de então.

De todo modo, por conta de nossa preocupação em construir uma narrativa sonora não exotizante, recorremos a uma estética irônica visando subverter o sentido usualmente atribuído a certas palavras. Isto é expresso nos títulos dos episódios, adicionando um tom de humor às referências, fossem elas antropológicas ou populares. Como é o caso de *Um caldo à brasileira*, por exemplo, um episódio em que discutimos o projeto de miscigenação nacional. Portanto, fizemos uma referência à história da Antropologia a partir de termos populares ao invés de termos acadêmicos.

Nesse sentido, o nome do *podcast*, *Selvagerias*, faz uma dupla referência: primeiro, ao livro *O pensamento selvagem*, de Claude Lévi-Strauss, e, segundo, à ideia de “selvageria”. No século XIX, alguns autores usavam as expressões “selvageria”, “barbárie” e “civilização” para categorizar os supostos estágios de evolução humana, nesta ordem. No entanto, apenas es europeus eram considerados civili-

zados, o que denota o racismo de tais concepções. Então por que usar um termo pejorativo? Bom, porque selvagem é também aquele saber indisciplinado, que não pode ser domado, e enfatizar isso é reconhecer a força presente no conhecimento des dites “selvagens”.

Além do mais, o *pensamento selvagem* é, para o antropólogo Lévi-Strauss, uma forma de pensar a partir do sensível, isto é, a partir dos sentidos e da materialidade, um tipo de pensamento muito sofisticado e recorrente nas sociedades outrora descritas como “selvagens”, embora não exclusivo a elas. Pensando nisso, uma amiga nossa, Clarissa Reche, primeiro sugeriu o nome “selvageria”, no singular, mas em seguida, por sugestão de uma professora apoiadora do projeto do *podcast*, Fernanda Arêas Peixoto, foi colocado no plural como forma de apontar para o fato de que não existe um “selvagem”, ou uma “selvageria”. Dito de outro modo, com esse nome queremos dizer que o exotismo está nos olhos de quem vê, e não na forma de vida de quem é visto sob esse prisma.

Foi também por causa da preocupação ética que formulamos coletivamente uma homenagem às populações tradicionais, sem as quais não haveria Antropologia. Assim, inspirados num *podcast* australiano de Antropologia, *The Familiar Strange*, e no *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, escrevemos o seguinte trecho, presente em todos os nossos episódios:

Gostaríamos de homenagear as populações tradicionais, originárias ou trazidas à esta terra, sobre a qual produzimos este *podcast*. Sem elas nada disso existiria: nenhum corpo, nenhuma ideia. Pelos emigrados, pelos traficados e pelos turistas no país da cobra grande, este *podcast* se destina a todos os curiosos, profissionais ou amadores.

Oswald aparece em outro momento, aliás. Nossa vinheta, “somos o Selvagerias e só nos interessa o que não é nosso”, é uma apropriação de um trecho do manifesto. Não seria exagero afirmar que o modernismo e a tropicália são outros dois espectros que rondavam o Selvagerias, o que nos leva a mais um assunto: os sons.

Como experimentar sons?



Frederico e Mateus na ilha de edição, no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA/USP).

Fonte: Arquivo do Selvagerias

Realizar o Selvagerias nos fez assumir uma atuação experimental. Afinal, a aventura de criar composições sonoras produzidas a partir de camadas diversificadas de sons e vozes era uma experiência nova para nós. O processo criativo envolvido na produção do Selvagerias nos fez perceber que era preciso coincidir a identidade sonora com uma prática antropológica. Mas levou um pouco de tempo para incorporarmos esse espírito na criação de conteúdo.

Não queríamos assumir que estávamos fazendo um grande feito assim logo de partida. Quando começamos a frequentar o LISA e entender que finalmente realizaríamos um *podcast*, não queríamos idealizar nossos resultados, no sentido de que não tínhamos um formato fixo dos programas em mente. Tivemos que enfrentar tudo que implica uma prática de produção em estúdio: compreender o funcionamento dos equipamentos, quais seriam os melhores *softwares* disponíveis para edição, como deveríamos posicionar os microfones. Enfim, éramos verdadeiros amadores naquele universo. Estávamos querendo realizar algo novo em relação ao que tínhamos contato na área, e para isso, optamos por assumir que se tratava de um experimento.

Ao assumir o caráter de ensaio do *podcast*, buscamos incluir o próprio processo da produção dos episódios nas nossas ideias e roteiros. Logo, surgiu a ideia de provocar rupturas como recurso narrativo, interrompendo a locução da Tai, do Lippi e da Bia e evidenciando que o *podcast* estava na verdade sendo editado em um estúdio.

O episódio piloto começa com Fred e Mateus, se encontrando no próprio estúdio de edição, conversando sobre revisar o *podcast*. Ao apertarem o *mouse* do computador, iniciavam a vinheta, e o primeiro episódio do Selvagerias prosseguia. Em todas as aparições no decorrer dos episódios, es editoriais surgiam e desapareciam ao som do clique do *mouse*, acompanhadas do universo “de fora” do *podcast* e do ambiente inerte do estúdio silencioso, contrapondo-se aos arranjos acompanhados de trilhas sonoras, conversas e entrevistas do interior do *podcast*. A porta da sala de gravação rangendo, os goles de café, o teclado de computador, o aperto do *mouse*, elementos exteriores da narrativa e interiores do próprio processo de edição e montagem do *podcast*. Até mesmo chamadas de *Whatsapp* com as próprias participantes do *podcast*, já distanciados do momento da gravação, apareciam nessas quebras de narrativa para colaborar na montagem do episódio com indagações e esclarecimentos. Apostamos em explicitar nosso processo criativo, criando uma bifurcação narrativa: a relação entre o processo de fazer o *podcast* e a composição final de cada episódio.

Logo nosso processo criativo passou a funcionar a partir de bifurcações e cruzamentos. Queríamos cruzar também sonoridades, aproximar universos sonoros diversos que não são comuns de serem ouvidos conjuntamente. Tínhamos a vontade consciente de brincar com a ideia de *bricolage*, como sugeriu Lévi-Strauss quando tratou do plano mítico no pensamento ameríndio. Para tatear aspectos subjetivos e abstratos que pudessem ser presentes no que abordamos nos episódios, buscamos criar composições a partir de um repertório de elementos dos mais variados tipos: sons de planetas, de pássaros, das matas e seus rios, de sintetização eletrônica, de notificações de celular. Queríamos priorizar o sensível da narrativa e trazer a percepção do conflito e da convivência de diferenças através da composição de frequências sonoras variadas. Tentamos usar esse recurso para ajudar a pincelar tons de dramaticidade na narrativa construída, pontuando tensões, dúvidas e clarividências.

A partir desses cruzamentos, buscamos criar ambientes sonoros e nos aventuramos nas misturas possíveis de sonoridades provenientes de universos diversos para criar a própria paisagem do *Selvagerias*. Na introdução de cada episódio, um sussurro um tanto metálico e transcendente surge progressivamente anunciando a homenagem às populações tradicionais originárias e enraizadas que nos inspiram e fundamentam nossas motivações para praticar Antropologia e produzir o *podcast*. Este som principiante é uma simulação sonora das frequências captadas de Plutão, o astro do sistema solar mais distante da nossa esfera planetária. A locução de Tai, Lippi e Bia era acompanhada por uma diversidade sonora, batuques, dedilhados de viola e sintetizações de músicas *vaporwave* e faixas de videogames, conjuntamente com os sons dos seres e agentes que habitam as florestas. Por meio dessa amálgama narrativa, eram encadeadas as indagações e discussões com es interlocutories entrevistades.

Elaborar composições narrativas requeria constantes debates sobre o que estávamos produzindo. Preocupamo-nos em como seriam feitos os deslocamentos e as experimentações nas discussões, sem desconstrair as palavras simplesmente sobrepondo camadas de sons aleatórios. Ao realizarmos o *Selvagerias*, nos deparamos com o desafio de perceber as reverberações do que falamos, principalmente quando se trata sobre uma área do conhecimento dedicada ao que afeta nosso próprio ponto de vista. Percebemos não apenas como produzir um *podcast* sobre Antropologia, mas como exercitar uma prática antropológica. Os sentidos que tomamos em nossas criações estão contaminados pela disposição em conhecer diferentes modos de vida e de permitir que as suas narrativas montem arranjos em nossa cabeça. Permitimos ser contaminados pelas reverberações de distintos pontos de vista para criar composições de nossas próprias narrativas.

Quando voltamos os olhos para nossa formação, em poucos momentos de nossa formação fomos apresentades às histórias de vida de profissionais da área com profundidade, como fizemos no episódio 2, *Selvagerias, Barbáries e Civilizações*, com acontecimentos da vida de Henry Lewis Morgan, antropólogo estadunidense. Nesse sentido, o *Selvagerias* foi um jeito de darmos vazão a interesses diversos, que nem sempre podíamos explorar em nossas próprias pesquisas. Era também um passatempo para quem gosta de discutir Antropologia até no tempo vago. E, quem sabe, daqui pra frente possa ser um pontapé inicial na construção de uma cultura científica.

Referências

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1989.

STRATHERN, Marilyn. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia* (seguido de comentários e respostas). Tradução e revisão técnica Tatiana Lotierzo e Luis Felipe Kojima Hirano. São Paulo, SP: Terceiro Nome, 2013.

Familiar strangers. Acesso em 27/01/2021.



Acesse aqui a página do *podcast* Selvagerias

Frederico Sabanay: é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Realiza licenciatura pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e é editor de som do *Selvagerias Podcast*. Estagiou no Programa de Monitoramento de Áreas Protegidas do Instituto Socioambiental (ISA). Com raízes no litoral paulista e no Vale do Ribeira, pesquisa conflitos socioambientais associados à monocultura extensiva, sociobiodiversidade e mudanças climáticas, além de atuar nos campos da educação, audiovisual e etnomusicologia. *E-mail:* frederico.sabanay@usp.br

Lucas Lippi: é aluno de mestrado em Antropologia Social na USP. Atualmente, faz uma pesquisa etnográfica com caícaras de São Sebastião (SP) acerca da chegada da Petrobras no centro do município. Suas reflexões envolvem temas como desenvolvimento, memória e arquivo. Além disso, também tem interesses nos debates acerca de antropologia da ciência e das técnicas. Desde 2018, junto com Tainá

Scartezini e Frederico Sabanay, tem produzido o *Selvagerias*, pois entende ser de extrema relevância exercitar distintas maneiras de comunicar o fazer científicos para públicos diversos. *E-mail*: lucas.lippi.silva@usp.br

Tainá Scartezini: catarinense radicada em São Paulo, é bacharela em Ciências Sociais pela USP e especialista em Jornalismo Científico pelo Labjor/Unicamp. Atualmente, faz mestrado em Antropologia Social, também pela USP, onde pesquisa o projeto de créditos de carbono desenvolvido pelos Paiter Suruí. Interessa-se por debates interdisciplinares entre Etnologia, Ecologia e Economia, com foco nos temas de mudanças climáticas e C&T (ciência e tecnologia). Desde 2018, produz o *podcast* *Selvagerias* com colegas de graduação. Acredita na palavra e na escrita. *E-mail* para contato: taiscartezini@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-2>



Sentidos do Campo: *storytelling* antropológico e experimentação sonora

Paula Lacerda

Carolina Parreiras

Introdução

Sentidos do Campo é um produto que surgiu da nossa experiência com o Campo: um *podcast* de Antropologia, que realizamos, em conjunto, desde 2020. Em publicações anteriores (LACERDA; PARREIRAS, 2020; PARREIRAS; LACERDA, 2021), apresentamos o histórico, bem como as principais questões que motivaram a criação do Campo, o nosso *podcast*. Para aproveitarmos o máximo do nosso espaço nessa coletânea, não iremos resgatar novamente esse contexto. No entanto,

vale dizer que o Campo surge no âmbito de uma disciplina de pós-graduação e com o propósito de oferecer, frente à pandemia e à suspensão das atividades presenciais, uma alternativa para o ensino de antropologia, nesse caso, por meio de um artefato digital que é o *podcast*.

Assim, sua proposta está muito ligada aos eixos educação e divulgação científica, como também a de outros *podcasts* de ciências sociais e humanas (AGUIAR; SANTOS, 2020; BAZZO, 2021; PINHEIRO, 2020; FLEISCHER, 2020; FLEISCHER; MANICA, 2021; FLEISCHER; MOTA, 2021). No nosso caso, mesmo depois de desvinculado de uma disciplina formal, ainda nos concentramos na apresentação de autories e de suas obras, contando também com um grupo de estudos para discussão das obras e prévio ao *podcast*. Em Sentidos do Campo, nossa proposta gira entre eixos distintos e menos formais: experimentação, etnografia e *storytelling*.

Nesse texto, nosso principal objetivo é compartilhar nossas apostas e percepções sobre a narrativa antropológica - ou *storytelling* antropológico, como propõem autores como Webster (1983) e Taussig (2004, 2006, 2011, 2015) - mediada por sons e vozes. Ou seja, partimos do princípio de que a construção de uma narrativa em Antropologia é algo fundamental na prática da disciplina. No entanto, apesar de ser fundamental, a chamada “descrição etnográfica” não segue formas fixas de ser feita, não havendo uma cartilha, e muitas vezes desperta dúvidas em quem inicia a formação nessa área. Dentro do próprio campo antropológico, muitas são as discussões sobre o fazer etnográfico e, conseqüentemente, sobre no que consistiria a realização de uma etnografia. A descrição etnográfica, ainda, pode gerar dúvidas em quem não tem formação em Antropologia, pois, afinal, qual seria a especificidade dessa forma de descrição? No que ela se diferenciaria, por exemplo, da narrativa jornalística?

Nas próximas páginas, não apresentaremos fórmulas nem definições fechadas, pois acreditamos que esse não seja o caminho. Argumentaremos em favor de uma aposta na centralidade da experiência e no caráter “adaptável” e “incremental” (HINE, 2020) da etnografia. Buscaremos compartilhar algumas reflexões sobre a descrição etnográfica de um campo de pesquisa por meio de *podcast*. Embora explorar o tema da narrativa etnográfica não seja novidade na disciplina, uma vez que já foi tema de reflexões de antropólogos experientes (GEERTZ, 1978; CLIFFORD, 2008; ABU-LUGHOD, 2018), acreditamos que uma contribuição

especial da nossa proposta seja pensar a narração de nossas pesquisas a partir dos sons que escutamos, incorporamos e produzimos durante o trabalho de campo.

E, a partir das sensações e percepções mais subjetivas, em grande medida construídas, também, por materiais sonoros: quais são as primeiras impressões que formamos sobre nossos contextos de pesquisa? Como essas sensações nos afetaram e como elas mudaram ao longo do tempo? Como é possível realizar uma releitura de pesquisa de campo a partir da representação sonora, um tipo de sentido que nem sempre aparece nos textos de dissertações, teses e artigos? Quais os desafios e implicações de realizar de forma coletiva este experimento, em que os sons e vozes funcionam como narrativa etnográfica e forma de representação? Pensar sobre essas questões foi a proposta de nossa experimentação com o quadro Sentidos do Campo, que até o momento possui uma temporada, com cinco episódios.

A feitura de Sentidos do Campo: questões práticas e escolhas éticas

Conforme já mencionado, Sentidos do Campo surge da nossa experiência prévia com a produção de *podcasts* e a partir de conversas suscitadas pelo apreço de ambas as autoras por *podcasts* narrativos¹, especialmente por aqueles que buscam experimentar com o formato, com a montagem, com o roteiro ou mesmo com a edição. Veio daí a decisão de criar um “produto derivado”² (PARREIRAS; LACERDA, 2021) que se convertesse em um *storytelling* antropológico a partir da experimentação sonora. Desse modo, foram meses de pesquisa e testes em que buscamos modos de construir uma narrativa etnográfica mediada por sons, alguns deles registrados durante a pesquisa de campo e outros que vieram de uma releitura e redescoberta do material etnográfico, o que foi feito em dupla, de forma partilhada e realizada anos depois da realização da pesquisa. Assim, decidimos que a experimentação começaria com as pesquisas realizadas por Paula Lacerda há mais de 10 anos, na cidade de Altamira, no sudoeste do Pará.

O material etnográfico que trabalhamos para a produção dessa temporada de Sentidos do Campo foi produzido entre 2008 e 2012, no contexto da pesquisa

1 Como mostram Santos e Peixinho (2019), a produção de *podcasts* narrativos de não ficção, especialmente os jornalísticos, começou a ser feita de maneira mais difundida a partir de 2014. No entanto, ao longo de sua argumentação, deixam claro o quanto o modelo narrativo em *podcasts* pode ser remontado ao período de auge da contação de histórias no rádio.

2 Ou *spin-off*, como mostra Magalhães (2021).

de doutorado sobre o “caso dos meninos emasculados de Altamira”, consistindo de documentos produzidos por órgãos públicos, entrevistas com diversos agentes e também observações etnográficas sobre a própria cidade onde o “caso” ocorreu. Falar do rio Xingu e da Transamazônica foram formas que familiares das vítimas, especialmente as mulheres, utilizaram para falar de sua própria história, bem como sobre seus meninos: quando e porque chegaram na cidade, se gostavam de nadar no rio, tomar banho no igarapé, que vendiam salgadinhos na rua, engraxavam sapatos na porta do mercado.

Assim, mais do que um “contexto”, a partir de narrativas sobre a cidade de Altamira, percebemos as possibilidades de explorar as múltiplas sensações e sentidos desse trabalho de campo. Desejamos enfatizar as formas como essas sensações não são elementos “marginais” à pesquisa, mas revelam aspectos importantes sobre as percepções das pessoas interlocutoras, da pesquisadora e, por isso, conduzem a própria investigação. São essas sensações - e o sentido delas - que tentamos expressar na produção dos episódios, tanto na narrativa quanto na edição, o que fizemos apoiadas na experiência de pesquisa da primeira autora e na releitura dessa experiência pela segunda autora, que é uma pessoa externa à pesquisa de campo.

Como se vê, para a produção de Sentidos do Campo, desenvolvemos outras estratégias de produção e pesquisa, algo diferente da experiência que já havíamos acumulado com a produção do Campo. Em termos de edição, no Campo, criamos um modelo específico que é utilizado para todos os episódios, com pequenas variações em alguns deles. Já em Sentidos do Campo, ter que revisitar um conjunto bastante amplo de materiais exigiu mais sistematicidade e controle. Foi necessário realizar testes, experimentar com sons e buscar materiais em áudio que pudessem ser agregados. Inicialmente, planejamos a estrutura dos episódios, que deveria, ao mesmo tempo, dar conta de apresentar a pesquisa realizada, evidenciando os sentidos, as sensações, as nuances, as transformações e o percurso da pesquisa que levou a outras questões, algumas já desenvolvidas em artigos e apresentações e outras ainda em desenvolvimento. Desse esforço inicial e a partir dos eixos temáticos pensados pela primeira autora, foram planejados cinco episódios.

O primeiro episódio, intitulado “A Capital da Transamazônica”, aborda as primeiras impressões da cidade para a pesquisadora e explora como as interlocutoras da pesquisa percebem a cidade onde vivem. O segundo episódio, “o Rio

Xingu”, segue ainda nessa linha, apontando para formas de contar a história da região, e como essa visão é permeada e transformada por processos políticos ao longo do tempo. O terceiro e o quarto episódios, intitulados “O caso dos meninos emasculados”, abordam diretamente o tema da pesquisa desenvolvida em Altamira. Em linhas gerais, o “caso” consiste em um conjunto de crimes praticados contra meninos entre os anos de 1989 e 1993, que envolveram lesão corporal (mutilação do órgão genital e outras), homicídios e tentativas de homicídio.

Inicialmente, não havíamos previsto a realização do episódio sobre o “caso” em duas partes. Isso só foi definido quando avaliamos, em conjunto, que os assuntos a serem trabalhados extrapolariam a nossa expectativa para um episódio, não apenas em termos da duração, mas também em função dos recortes a serem apresentados. A parte 1 do episódio, de certo modo, acompanha o conteúdo que a primeira autora mais descreveu e analisou em sua produção escrita: a multiplicidade de versões e visões em torno dos crimes contra meninos (o “caso” em si), bem como a luta dos familiares das vítimas por justiça e reparação.

A parte 2 do episódio, ao contrário, trata de um tema pouco abordado pela pesquisadora em sua produção: o universo das pessoas acusadas, inclusive suas articulações com políticas conservadoras em ascensão. A escolha por não apresentar os materiais relativos às pessoas acusadas em escritos anteriores era uma decisão pensada: ao longo de todos os anos de pesquisa, a pesquisadora optou por conhecer as muitas versões sobre os crimes, mas não dar o mesmo peso a elas. Bem como não conferiu o mesmo peso às trajetórias dos meninos vítimas e suas famílias e às trajetórias das pessoas acusadas (e suas famílias). Mas então, por que essa decisão foi revista? Por que, tantos anos depois, e por meio de um podcast?

Essa decisão, discutida tanto com a correalizadora do podcast quanto com as famílias das vítimas, foi motivada pela avaliação da difusão que esse material poderia ter, com alcance bastante superior a trabalhos acadêmicos escritos e com disseminação também mais rápida. Há anos, a pesquisadora do “caso” é procurada por profissionais da imprensa e da mídia interessadas em realizar reportagens e documentários. Na maioria das vezes, o que dispara o interesse desses profissionais não é tanto o “caso” em si, mas um conjunto de acontecimentos a ele relacionados: a prisão de alguns dos condenados, mesmo quando, supostamente, há um réu confesso, acusado de ser um “*serial killer*”.

Dessa forma, a possibilidade de difundir conhecimento científico sobre o “caso” por meio de uma produção sonora foi compreendida como uma oportuni-

dade para apresentar uma versão contrária e crítica às iniciativas da mídia que acompanhavam a narrativa de políiques conservadores associadas aos condenados. Com isso, o compromisso com as famílias das vítimas e sua luta se manteve, na medida em que a versão deles sobre essas estratégias foi estruturante das críticas, e foram produzidas algumas respostas aos profissionais da imprensa, aos políiques e demais agentes.

Ressaltamos, com isso, uma outra dimensão do *podcast*: não apenas a disseminação tende a ser maior do que a que alcançamos por meio de produções escritas, mas pode existir um tipo de assunto e de abordagem que ganhe disseminação e escala por meio dessa forma de difusão sonora. Além disso, é possível que exista um público que pode ser mais facilmente alcançado por um *podcast* do que por um artigo acadêmico, ou uma tese de doutorado - algo como serem “pegos pela escuta”. Nossos dados de acesso, fornecidos pelo Anchor, plataforma que utilizamos para distribuição dos episódios nos diferentes tocadores, ajudam a embasar essa afirmação, mostrando que houve grande interesse pelo Sentidos do Campo e, especificamente, pelos dois episódios sobre o “caso”.

O episódio seguinte trata sobre a vida cotidiana de mulheres nos Reassentamentos Urbanos Coletivos. Os RUCs, como são também conhecidos, são novos bairros criados no contexto das transformações urbanas em Altamira. Ao finalizarmos a primeira temporada de Sentidos do Campo com esse tema, oferecemos um relato de uma agenda de pesquisa de mais de uma década. Pretendemos demonstrar como o relato de uma pesquisa permite abordagens diferentes.

Um tema que permeou o processo de elaboração de Sentidos do Campo teve a ver com a exposição de materiais que até poderiam ter sido descritos, mas não haviam sido “mostrados” até então. A escolha de tornar públicos tais materiais significou revisitar os primeiros cadernos de campo, revisitar ideias que às vezes se mostraram equivocadas, ou apostas certas. Ouvir novamente entrevistas realizadas há anos, significou ouvir vozes transformadas pela ação do tempo. Além das vozes que revelam a passagem do tempo, sons de trânsito, de passarinho, de animais domésticos fizeram lembrar onde cada entrevista ocorreu: numa casa perto da beira da estrada, num sítio, numa casa na cidade, numa ONG; bem como se havia privacidade durante a realização da entrevista ou, ao contrário, se o assunto era tratado publicamente, na frente de outros adultos e até mesmo crianças.

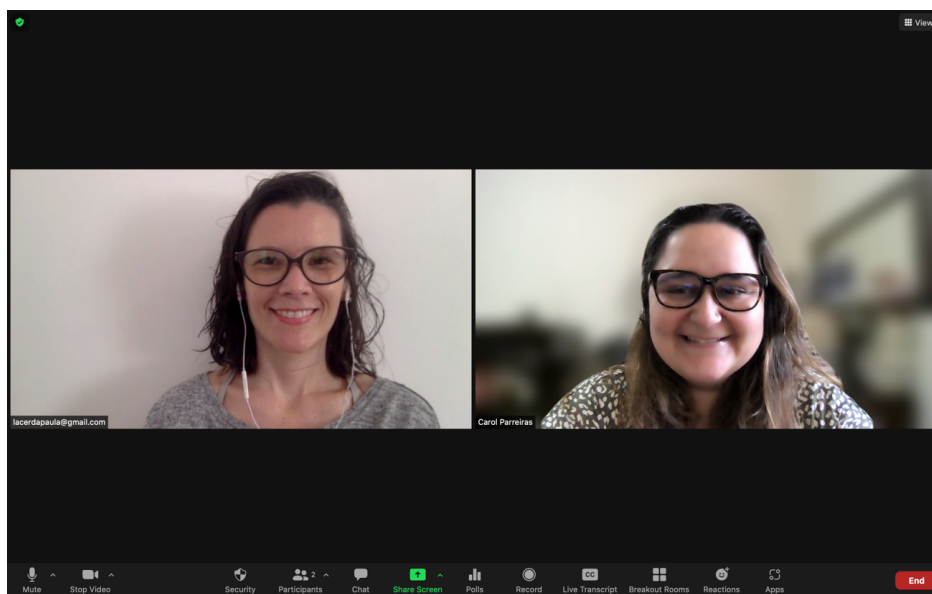


Legenda: local onde a primeira autora realizou boa parte do trabalho de campo e algumas entrevistas. Quintal da casa de Dona Rosa Pessoa, em Altamira. A foto foi postada no Facebook em 9 de maio de 2010 e extraída para integrar esse artigo em 27 de setembro de 2021. Descrição: Um quintal com chão de cimento, plantas e árvores, um banco de madeira estilo “namoradeira” com um cachorro deitado, uma cadeira macarrão na cor roxa e um repelente de mosquitos. Autoria: Carolina Parreiras.

A etapa seguinte do processo de produção consiste na escrita do roteiro. Essa função cabe à primeira autora, uma vez que suas experiências de campo configuram o material base para os episódios. A segunda autora ajuda no processo de elaboração do roteiro, pensando inserções do material já consultado, edições, recortes. Fechado o roteiro, ele é gravado pela primeira autora, que é a narradora, e compartilhado entre as autoras. Em vários episódios convidamos colegas para realizarem a leitura de alguns trechos, apostando na diversidade de vozes.

Em seguida, o episódio começa a ser montado. Há a extração de todos os áudios que serão incorporados (alguns originalmente em vídeo). Nesses áudios, a segunda autora não realiza nenhum tipo de edição, de forma a preservar suas características originais, inclusive imperfeições. A narração em si é submetida a uma rápida edição, apenas para extração de ruídos e normalização para que a amplitude do som fique padronizada.

Durante a montagem, realizada pela segunda autora, o maior desafio é produzir uma leitura do roteiro que permita transformá-lo em um *storytelling* sonoro. Nesse sentido, é um processo de interpretação dos dados de outra pesquisa de modo a torná-lo inteligível por meio deste tipo específico de narrativa. Consequentemente, é algo bastante desafiador e onde o trabalho coletivo mais se sobressai. Quando o episódio está pronto, realizamos o mesmo processo que ocorre com o Campo: ele é hospedado no Anchor e de lá distribuído para oito toca-dores. Divulgamos o lançamento em nossas redes (Instagram, Twitter e Facebook) e, para tal, utilizamos algum registro fotográfico da primeira autora. Para indexar nosso conteúdo dentro do universo de dados das plataformas e impulsionar sua divulgação, utilizamos um conjunto de *hashtags* com ligação com o episódio. No nosso *site*, publicamos outras fotografias de Altamira, juntamente com o *player* do Spotify (que concentra hoje 87% de nossa audiência).



Legenda: *print* de tela do Zoom, em que se realizava uma conversa entre as duas autoras. *Print* registrado no dia 03/09/2021. Descrição: As duas autoras apresentadas dentro de quadrados do Zoom. Paula Lacerda tem cabelos pretos soltos, usa fone de ouvido e óculos, veste uma blusa cinza. Carolina Parreiras tem cabelos pretos com luzes, usa óculos e veste uma blusa verde e branca. Autoria: Carolina Parreiras.

Storytelling antropológico e experimentação sonora

Walter Benjamin (1987), em seu célebre e importante ensaio “O narrador”, problematiza, a partir da obra do escritor russo Nikolai Leskov, a importância da narrativa. Ele começa o ensaio afirmando, de forma contundente, que estaria em “vias de extinção” a figura do narrador, aquele que domina a arte de narrar histórias e que comunica experiências, sejam as suas ou as que ouve de outras pessoas. Estas experiências, de acordo com ele, são o ponto central da narrativa (a oral sobretudo) e serão incorporadas, a partir da escuta, às experiências dos ouvintes. Ele afirma ainda que é quando se trabalha - “fia ou tece” - que a narrativa se torna mais viva para os ouvintes. Este ponto será retomado posteriormente por Taussig (2020), ao mostrar o quanto o ato de ouvir rádio (e podcasts) está associado à execução de tarefas banais do cotidiano, como lavar louças ou dirigir. Nestes momentos, a mente estaria mais aberta às narrativas e a gravá-las (e é de fato uma pena que não tenhamos estudos ou levantamentos sobre a recepção de podcasts nesta perspectiva).

O mesmo Benjamin (2020) adota esta premissa em suas histórias de rádio para crianças, nas quais apresenta diferentes lugares e acontecimentos da cidade de Berlim, tanto do presente quanto do passado, rememora seus tempos de menino, cria histórias fantásticas sobre ciganos, bandoleiros e outros personagens, ou mesmo conta sobre fenômenos da natureza como enchentes e terremotos. Ao apostar na oralidade, torna-se ele mesmo o *storyteller*, um artesão que compõe a narrativa, que compartilha a experiência e que domina esta arte.

É interessante pensar as afirmações de Benjamin contemporaneamente e frente à contínua expansão da internet e das formas de conexão. Ao contrário do que ele temia, não houve exatamente a morte da narrativa, mas uma proliferação de formatos e modos de narrar, com apropriações por vários atores sociais. Autores como Page e Thomas (2011) e Alexander (2012) vêm explorando, por exemplo, o modo como as novas tecnologias de comunicação e informação têm sido apropriadas para a composição e criação de outras formas de narrar e para modificação de modos já existentes. Esse conjunto de formas de contar histórias a partir das variadas ferramentas digitais pode ser chamada de *storytelling* digital (Alexander, 2012). O podcast, enquanto artefato digital, seria uma dessas formas.

Ainda em relação às narrativas, Taussig (2006, 2011) é uma referência importante para pensarmos a centralidade que o ato de narrar tem na antropologia.

Na abertura do livro *Walter Benjamin's Grave* (2006), ele define o *storytelling* como uma forma de análise, indissociável da escrita, do trabalho de campo e da “intensa curiosidade” que move a/o antropóloga/o. Em um ensaio posterior (2015), ele avança nesta ideia, mostrando o quanto “criar histórias” envolve um trabalho quase artesanal em torno da experiência, que requer a coordenação de “mãos, alma e olhos” (p. 30).

Assim, utilizamos a noção de *storytelling* inspiradas por essas ideias e buscamos, por meio da tecnologia, construir uma forma de narrativa, ao mesmo tempo, antropológica, experimental e sonora. Algo bastante discutido desde a década de 1980 é o chamado “fazer etnográfico”. Clifford Geertz (1978) afirma que a cultura de um povo é como um conjunto de textos que podem ser decifrados como códigos, dissecados como um organismo, ordenados como um sistema (p. 210). A metáfora entre cultura e textos, apesar de suas limitações, é uma inspiração para nosso experimento que envolve formas de comunicar experiências por meio de sons. Embora o autor se refira a narrativas escritas, a característica mais fascinante da etnografia (e do fazer etnográfico) é seu caráter experimental e sempre aberto. É isso que garante a possibilidade de “criar histórias” em diferentes formatos (diários de campo, desenhos, vídeos, sons ou mesmo uma mistura de tudo isso) e a partir, sobretudo, do foco na experiência - a das pessoas que encontramos em campo e as nossas - e da busca constante de “um modo de conhecer” (TAUSSIG, 2015).

Conclusões

Como argumentamos, consideramos o Sentidos do Campo como um experimento sonoro por meio do qual buscamos transmitir a ideia da multiplicidade de sentidos e de vozes que compõem o trabalho de campo em Antropologia e suas descrições. Apostamos em comunicar essa experiência como forma de lançar reflexões sobre algo que às vezes aparece de forma naturalizada em nossas falas, nossa escrita e até mesmo em nossa atividade que é a “descrição etnográfica”.

Associando narrativa antropológica e materiais de pesquisa em áudio e outros sons, nos sentimos encorajadas para falar sobre a pesquisa e a descrição como sendo algo em contínuo processo de construção, interpretação e montagem. Consideramos que, mesmo algo que ocorreu no passado e já possui um conjunto de narrativas, aparentemente consolidadas, continua sujeito a novas interpretações. Assim, buscamos apontar uma contribuição importante da Antropologia

que é possuir instrumentos para compreender, registrar e analisar transformações sociais, ainda que, à primeira vista, algumas dessas transformações – e, consequentemente, as pessoas que estão envolvidas nelas – sejam consideradas irrelevantes ou mesmo invisíveis.

Com o uso das tecnologias, dos variados sons e vozes e de modo compartilhado (e, por que não dizer, artesanal?), buscamos construir uma forma de *storytelling* que desse conta de um conjunto de experiências vivenciadas em campo. Ao apostar na centralidade da narrativa, tentamos “criar histórias” e transmiti-las em formato sonoro, evocando uma infinidade de sensações que envolvam e ouvintie.

Contudo, reconhecemos que uma parte do que exploramos aqui – sentidos e sensações, daí nossa inspiração para o título do produto derivado do Campo, – não precisariam, necessariamente, serem abordados por meio de uma narrativa sonora. Sem dúvida, é também possível escrever sobre como o corpo reagiu a estar em uma cidade diferente, sobre quais são as memórias, inclusive sensoriais, que marcaram o trabalho de campo. No entanto, nesse artigo buscamos argumentar que ler sobre experiências pessoais é diferente de poder ouvi-las. Apostamos que se trata de um modo diferente de partilha em que o espectador é convidado para esse campo de pesquisa, podendo ouvir também parte do que a pesquisadora ouviu, e sentir sensações próximas ou não às que a pesquisadora sentiu e descreveu. Com a escuta dos episódios, é possível ainda acessar a narrativa, elaborada em conjunto, pelas duas autoras, realizadas no momento da montagem. A narrativa que é apresentada para ouvinties, desse modo, é produto de uma reflexão e trabalho conjuntos.

Enquanto, como dissemos, os desafios da primeira autora consistiram em revisitar o material de pesquisa, expor algo considerado como “íntimo” e mesmo se dispor a apresentar outras narrativas sobre aquilo que lhe era tão próximo, no caso da segunda autora, o desafio foi trabalhar em um material de outra pessoa e de dar a ele a forma de podcast. Algo que, para pessoas com outras formações (pensemos nas montadoras de filmes, por exemplo) é cotidiano, na antropologia, mesmo em pesquisas coletivas, orientação ou editoria de textos, não é tão usual.

Assim, concluímos que a nossa posição é também a posição de uma ouvintie, que cria suas próprias interpretações a partir do que escuta e é isso que há em comum entre todos nós: quem registrou ou produziu o material, quem o rescutou anos depois, quem o escutou para debater e editar, quem escutou o episódio depois de publicado.

Realizar a edição de um podcast, como também ouvi-lo, requer estar aberta a ser surpreendida pelas vozes, pelos sons e pelos muitos ruídos dos materiais compartilhados sobre os quais se trabalha. Se nós, que produzimos, experienciamos a construção desafiadora de criar uma história a partir de outras histórias, entendemos que a escuta também cria as suas próprias interpretações e conexões. Isso lembra bastante a proposta de Benjamin, de que a escuta de narradores cria relação: “quem escuta uma história está em companhia do narrador”. É essa companhia que buscamos tornar possível com Sentidos do Campo.

Referências

- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. *Equatorial*, v. 5, n. 8, jan./jun. 2018. p. 193-226.
- AGUIAR, Lisiane Machado; SANTOS, Luan Correia Cunha. Podcasting Macunaíma: estética antropofágica na experiência de adaptação da obra de Mário de Andrade. *Pensares em Revista*, v. 18, n. 1, 2020. p. 106-125. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/47911/33317>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- ALEXANDER, Bryan. *The new digital storytelling. Creating narratives with new media*. Santa Barbara: Praeger, 2012.
- BAZZO, Juliane. Fazer etnografia na pandemia: propagandas caminhos possíveis via ondas sonoras. Comunicação. *Teaching and Learning Anthropology Network Webinar - Teaching and Learning Anthropology during the Pandemic*, 2020. Disponível em: <<https://radiokerekere.org/2021/03/19/fazer-etnografia-na-pandemia-propagando-caminhos-possiveis-via-ondas-sonoras/>> Acesso em: 3 jul. 2021.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987
- BENJAMIN, Walter. *A hora das crianças. Narrativas radiofônicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2020.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.
- FLEISCHER, Soraya. Professoras usam o podcast para divulgar a Antropologia. *Entrevista*, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/loqEW. Acesso em: 19 abr. 2021.
- FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. Ativando a escuta em tempos pandêmicos. In: GROSSI, M. P.; TONIOL, R. (orgs.). *Cientistas sociais e o Coronavírus*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 47-51.

FLEISCHER; Soraya; MOTA, Julia Couto da. Mundaréu: um podcast de Antropologia como uma ferramenta polivalente. *GIS: gesto, imagem e som*, v. 6, n. 1, 2021. p. 1-21. Disponível em: encurtador.com.br/inpuG. Acesso em: 18 abr. 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos De Campo*, São Paulo, v. 29, n. 2, 1991. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>. Acesso em: 27 set. 2021.

LACERDA, Paula; PARREIRAS, Carolina. Podcasts as a teaching and learning tool in Anthropology. *Teaching Anthropology, A Journal of the Royal Anthropological Institute*. Disponível em: <https://www.teachinganthropology.org/> Acesso em: 27 set. 2021.

LACERDA, Paula. *Meninos de Altamira: violência, luta política e administração pública*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

MAGALHÃES, Milena da Silva. “Falando sobre vida renal”: cronicidade, subjetividade e legitimação em um podcast de saúde. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

PAGE, Ruth; THOMAS, Bronwen. *New Narratives. Stories and storytelling in the digital age*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2011.

PARREIRAS, Carolina; LACERDA, Paula. Tecnologia, educação e divulgação científica em antropologia: usos, consumos e produção de podcasts. *Novos Debates*, v. 7, n. 1, 2021.p. 1-15. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/177/93> Acesso em: 27 set. 2021.

PINHEIRO, Patrícia; FREITAS, Camilla Iumatti; MAUX, Anatil; SACCO, Stephanie; MACHADO, Glauco Fernandes. Desconfinando ideias: reflexões sobre mídias digitais e a circulação do conhecimento antropológico a partir do podcast. *Cadernos de Campo*, v. 29, n.2, 2021. p. 1–21. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/175301>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SANTOS, Sílvio; PEIXINHO, Ana. A redescoberta do storytelling: o sucesso dos podcasts não ficcionais como reflexo da viragem. *Estudos em Comunicação*, n. 29, dez. 2019. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/article/view/555> Acesso em: 27 set. 2021.

TAUSSIG, Michael. *My cocaine museum*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2004.

TAUSSIG, Michael. *Walter Benjamin's Grave*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2006.

TAUSSIG, Michael. *I swear I saw this. Drawings in fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2011.

TAUSSIG, Michael. *The Corn Wolf*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2015.

TAUSSIG, Michael. *Mastery of non-mastery in the age of meltdown*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2020.

WEBSTER, Steven. Ethnography as storytelling. *Dialectic Anthropology*, v. 8, 1983. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00244429> Acesso em: 27 set. 2021.



Acesse aqui a página do *podcast* Campo na Rádio Kere-kere

Paula Lacerda é antropóloga, professora de Antropologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Estudou Ciências Sociais na graduação, depois Saúde Coletiva no mestrado do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e realizou doutorado em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Produz o Campo, um podcast de Antropologia e pesquisa sobre gênero, estado e mobilização social, especialmente a partir da Amazônia brasileira. E-mail: lacerdapaula@gmail.com

Carolina Parreiras é antropóloga, pesquisadora de pós-doutorado do Departamento de Antropologia da Unicamp. Estudou Ciências Sociais na graduação, mestrado em Antropologia Social e realizou doutorado em Ciências Sociais, sempre na Unicamp. Produz o Campo, um podcast de Antropologia e pesquisa sobre gênero, sexualidade, internet e violência. E-mail: carolparreiras@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-3>



Do subsolo para a podosfera - Conversas da Kata¹

Ana Oliveira
Bruner Titonelli
Marina Fonseca
Yazmin Safatle

Teaser: As origens

Elas tinham acabado de almoçar. As três saíram do Restaurante Universitário conversando aleatoriedades amenas que se emendavam sem parar. Os passos iam em direção à Katakumba, espaço com algumas salas, copa e banheiro reservado para pós-graduandes em Antropologia Social no subsolo da Universidade de Brasília (UnB). Passaram pelas escadas de transição entre o mundo do sol e do subsolo do Minhocão, também conhecido como Instituto Central

¹ Nas nossas redes, nós compartilhamos não apenas os episódios, mas também indicações de perfis, de *podcasts* e muito mais. Vocês nos encontram no twitter e no instagram com o @podcastdakarta. Nossos episódios estão disponíveis nos seguintes tocadores: Anchor, Spotify, Apple Podcast, Breaker, Overcast, Google Podcast, PocketCast e Radio Public. Nossos agradecimentos especiais vão para Marcelle Lucena, pelo *design* da Logo e Fabian Zierler, pela inclusão do código QR.

de Ciências (ICC), prédio famoso da UnB, e logo depois já estavam em frente ao portão de entrada. As chaves abriram as grades e, como um hábito já incorporado, seguiram até a copa.

Dois minutos depois, Mimi, a fofura em forma de gente, cuidava da água que estava por ferver. O pó de café estava pronto no coador esperando seu momento. Marina e Ana sentadas nos bancos ao lado falavam das revoltas na América Latina. Todas concordavam que não se falava o suficiente sobre isso. Agora estavam no Chile, mas tinham acabado de deixar a Bolívia. Enquanto tirava o rabo quente da jarra, limpava e aquecia a garrafa térmica, Mimi mantinha seus ouvidos mágicos e atentos, que, em um futuro próximo, seriam ótimos para revisar episódios. Mais uma vez ela nos deu um comentário certo: *A Colômbia também está em polvorosa*. As três se divertiram com a palavra que acaba de circular entre elas, e Marina já pensou em jogar mais pólvora em tudo. Salpicar uma reflexão instigante aqui e ali, juntamente com um comentário divertido, é justamente uma de suas melhores qualidades. Agora, o cheiro do café se espalhava e o Peru e a Argentina também entraram na roda.

Café com conjuntura latina prontos, elas seguiram para suas mesas de trabalho. Segunda porta à esquerda. Distância percorrida em meio ao *Geente! Tem café!* que es integrantes imersas em suas salas escutaram com um sorriso animado pela nova leva de combustível anunciada. Cada uma em seu canto volta a se dedicar a sua pesquisa com a xícara fumegante do lado. Ana solta um suspiro. *Ah, eu quero fumar um cigarro*. Marina brinca: *Eu quero a minha mãe!*. Logo depois, Ana anuncia um novo tweet bizarro do presidente. Ela, nossa futura rainha twitteira e artista das estéticas comunicativas, está sempre por dentro das últimas novas. As três param um pouco e se olham pensativas ali, imersas em nosso pequeno reduto revolucionário, entre grades submersas.

Imagens de discursos desenhando uma Terra plana e vozes em defesa de torturadores passaram em suas mentes. Eram mentiras repetidas inúmeras vezes que desfilavam pelo país, incomodando e indignando. Ficar em silêncio era aterrorizante. *A gente devia gravar nossas conversas, tem muita fofoca mas também tem coisa boa aqui. O que vocês acham?* A pergunta plantou a semente do *podcast* e no meio do caminho, entre a ideia e o primeiro episódio, o quarto elemento apareceu. Enquanto pegava um café na mesma copa, Bruner ouvia uma conversa animada da proposta que caminhava. Curiosamente interessado, perguntou sobre o proje-

to e logo depois já era integrado à recém criada equipe de futuros *podcasters* com a cabeça fumaçando ideias. Sua marca registrada seria mesmo essa espontaneidade e criatividade, sempre aparecendo com mil ideias para o *podcast*.

Episódio #0: Por que Kata?

Não foi exatamente assim, mas poderia ter sido. O nosso *podcast* abduz o público para esse mundo de clima acolhedor, atmosfera informal, com cheirinho de café, conversas e reflexões entre colegas e amigos. A Katakumba, carinhosamente chamada de Kata, é um dos cantinhos encantados da UnB, onde mes-trandes e doutorandes da Antropologia trabalham desde 1972, ano de criação do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS). É um espaço de estantes, livros, mesas, cadeiras, rede para cochilo, pessoas, fones de ouvidos, café forte sem açúcar e morcegos. Sim, morcegos! Por isso, no início de cada episódio, vocês escutam o som de asinhas de morceguinhos batendo. Há um tempo nossos antropólogos em formação conviveram com morcegos na Kata e, desde então, es katacumbeiros são chamados também de morceguinhos.

Mas a Kata é também um espaço de debates, concentração, rascunhos, brincadeiras, ideias, escrita, companheirismo, projetos, acolhimento e amizade. Nossa vinheta foi pensada justamente para trazer para vocês um pouco dos diferentes tópicos e frases mais comuns que circulam e preenchem essa (quase) casa. Nas cadeiras ou nas redes, desabafamos, colocamos nossas angústias, jogamos para os ventos do subsolo aquilo que, às vezes em palavras escritas ou digitadas, não conseguimos expressar.

O nome do nosso *podcast*, “Conversas da Kata”, veio emprestado do evento acadêmico que era a cara da Katakumba transformada em congresso e organizado pelos próprios pós-graduandos do PPGAS. O evento surgiu quando es katacumbeiros levaram os debates e conversas animadas que ocorriam sem hora marcada nesse ambiente para a sala de reuniões, uma antiga sala de aula espaçosa com quadro na parede. Esses katacumbeiros já sabiam na época que o que conversavam podia ser levado para outres colegas. Assim, trabalhos foram apresentados e discutidos em um ambiente aconchegante. Mesas e oficinas com temas de grande interesse des discentes inspiraram e animaram algumas gerações katacumbeiras. A partir de 2013, o evento passou a ter um caráter oficial e anual.

As sete edições do evento “Conversas da Kata” já foram mais que suficientes para transformar este evento em uma tradição muito bem quista pelas estudantes de graduação e pós-graduação. Cada comissão organizadora tem autonomia para reinventar tudo de acordo com a conjuntura e necessidades descobertas. Assim, o que começou como uma conversa mais interna entre colegas mais ou menos próximas se transformou em um espaço de acolhimento, debate e experimentação que se expandiu para a graduação, outras instituições e até mesmo outros formatos. A autonomia, o jeitinho informal e as conversas muito produtivas desse encontro estudantil, foi o que nos inspirou a guiar o espírito do evento rumo para fora daquele subsolo. Assim ele adquiriu uma nova forma: ondas sonoras navegantes pela podosfera.



Nossa querida Kata: aconchego e concentração. Autoria: Bruner Titonelli

Episódio #1: A trajetória do *podcast*

Mas nosso projeto não surgiu apenas da Kata. Ele foi tomando forma em conversas nos intervalos de aulas, nas mesas de bar, nas caminhadas pela universidade, nas angústias das leituras... até que um dia aconteceu aquilo que algumas pessoas chamam de coincidência e outros de o universo atuando a nosso favor: Ana apareceu com um edital do Estúdio Ralacoco de Comunicação Comunitária da Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB. Estavam se propondo a ajudar em

projetos de *podcast*. Sentamos juntas na Katakumba e botamos nossas ideias no papel. Assim, fomos acolhidas em uma sala pequena com isolamento acústico e fomos instruídas por uma equipe muito querida na arte da gravação e edição.

O *podcast* nasceu do nosso desejo de pular os muros da universidade com as nossas vozes, alcançar um público que normalmente não lê os nossos textos e não comparece nos nossos eventos, falar de nossas pesquisas e mostrar a importância da ciência da Antropologia mundo afora. Nós estávamos engasgadas com reflexões e palavras apenas ditas entre nós sobre tanta coisa que não anda bem, mas também sobre acontecimentos que nos trazem alegria e esperança, assuntos que nos cativam, que fazem nossos corações baterem mais forte.

Como bem sabemos, para sonhos se tornarem realidade, o caminho é longo. Quem nunca começou um projeto, um texto, uma obra de arte sem saber exatamente aonde vai chegar? Com o nosso *podcast* não foi diferente: das ideias iniciais até o formato que temos hoje foi uma jornada e tanto. Debates, discordamos, atrasamos, mudamos, repensamos, até conseguirmos entender qual era o nosso objetivo e como queríamos concretizá-lo. Os aprendizados assim não foram apenas das técnicas de produção, mas também do trabalho em equipe, desenvolver o que chamamos de linha editorial, chegar a um consenso de como queremos tocar o podcast.

O processo de criação coletiva tem dessas coisas, né? E percebemos que estamos abertos para que esse projeto se transforme conforme as necessidades enfrentadas, como também acontecia com o evento acadêmico a cada edição, é um passo importante. Assim, a espontaneidade e a experimentação fazem parte da organização. De vez em quando, acontecimentos importantes e comoventes nos obrigaram a readaptar o cronograma para não perdermos o momento de falar sobre o assunto e, quem sabe, contribuir para as causas defendidas. Foi assim com os protestos que tomaram as ruas do Peru e com o tópico do marco temporal em 2020.

As manifestações no Peru aconteceram depois que o agora ex-presidente Martín Vizcarra sofreu um *impeachment* e o político chamado Manuel Merino, ligado a uma agenda conservadora de direita, tomou posse. Ele nomeou uma série de ministros nessa linha política. No episódio, falamos sobre a violência policial que fez duas jovens vítimas no Peru e sobre as várias reivindicações desses protes-

tos. A demanda não era apenas pela renúncia de Merino, mas também por uma nova constituição.

Já o nosso Episódio #06 - “A história não começa em 1988 - O marco temporal como negação do direito originário”, diz respeito a uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) que defende que povos indígenas só teriam direito às terras que ocupavam efetivamente no dia 5 de outubro de 1988, dia da proclamação da constituição. Se tornada lei, essa tese teria o poder de paralisar os processos de demarcação de terras indígenas em curso e até mesmo de reverter demarcações já feitas. Discutimos porque essa lei seria uma tragédia para os povos indígenas e falamos do seu teor um tanto colonialista e de como nela é ignorado o histórico de expulsão e negação de acesso das diferentes etnias às suas terras.

Retomando o fio da meada: quando o caminho da nossa equipe *podcaster* parecia mais firme, veio a pandemia da COVID-19, nos afastando do estúdio da Ralacoco e da nossa querida Katakumba. O *podcast* acabou se tornando cada vez mais um espaço de conexão, desabafo e divulgação do que estávamos passando e pesquisando em meio a esse cenário digno de filme distópico. Foi a maneira que encontramos de nos mantermos conectados entre nós e com as colegas, mesmo com a distância física, e transformarmos algumas angústias em processo criativo a ser compartilhado com alguns cliques.



Nossa equipe: de esquerda à direita: Marina Fonseca, Yazmin (Mimi) Safatle, Ana Carolina Oliveira e Bruner Titonelli no saudoso estúdio Ralacoco. Autoria: Fernando Alves.

Episódio #2 - Popularizar a Antropologia

O antropólogo Tim Ingold (2016) diz que se a Antropologia não tem o impacto que merece no mundo, isso se deve em parte por estar muito fechada no seu próprio mundo, presa em pensar a si mesma. Nós gostamos de dizer que “antropólogo se mete em tudo”, isso se reflete na diversidade de temas de pesquisa e de locais de trabalho. Estamos presentes em todos os cantos possíveis da esfera pública, trabalhando no Ministério da Saúde, das relações internacionais, em ONGs que atuam em defesa do meio ambiente ou então que lutam em defesa de vítimas de violência. No nosso episódio “Antropologia a serviço de que(m)?”, discutimos o quanto que antropólogos atuam fora da universidade, mas, como nosso professor Henyo Trindade Barretto Filho colocou, a Antropologia ainda não tem sido capaz de pautar a sua própria imagem. Isso significa que a maior parte das pessoas não sabe o que entender por “Antropologia” ou tem ideias bem distantes da realidade.

Em outro episódio, “Procura-se Antropóloga: O misterioso mercado de trabalho da antropologia”, conversamos com a antropóloga Soraya Fleischer sobre o (oculto) mercado de trabalho da Antropologia, que também é tema de uma das matérias que ela oferta na graduação em Ciências Sociais da UnB. Descobrimos juntas, as diversas funções que antropólogos ocupam e as várias habilidades adquiridas ao longo da formação.

Acreditamos ser possível e desejável um mundo em que as pessoas saibam o que é Antropologia. Somos parte dessa onda de *podcasts* em Ciências Sociais que, como bem descrevem Soraya Fleischer e Daniela Manica, “comunicam, traduzem e popularizam o conhecimento produzido na área” (2020, p. 50). Essas autoras mencionam a importância de atingir um público mais amplo principalmente em tempos de ataque às Ciências. Isso se dá também porque se as pessoas não conhecerem a Antropologia, elas não vão reconhecer sua importância e não vão contribuir para sua defesa quando essa área de conhecimento “sofrer ataques, tiver recursos cortados, tiver a legitimidade questionada” (FLEISCHER, 2020). Para isso, é fundamental pensar em outras formas de divulgação que não textuais, construindo um material atraente, com textos curtos e criativos, imagens e vídeos e material auditivo.

Com o *podcast* damos um passo nessa direção e apostamos em uma *Antropologia pública* (MARTIN; MADRONAL, 2016). Isto é, uma Antropologia que não se restringe ao meio acadêmico e pretende contribuir ativamente para a transformação da sociedade. Isso não significa se posicionar em termos de partidos políticos, mas no sentido de Ingold (2016) de uma *Antropologia comprometida*: possuir um comprometimento com a vida. Talvez vocês já tenham visto a frase: *Se você fica neutro em situações de injustiça, você escolhe o lado do opressor*. Essa frase atribuída a Desmond Tutu, bispo e ativista pelos direitos humanos da África do Sul, corresponde bem ao que tem sido discutido na Antropologia latino-americana, impulsionado pelas contribuições de antropólogos negres e indígenas (JIMENO, 2004). Fazemos coro aos antropólogos que concebem o posicionamento diante de situações de violência e de injustiça como parte do trabalho intelectual, além de ser um compromisso que assumimos com as comunidades que nos recebem (MARTIN; MADRONAL, 2016). Compromissos são parte do que significa fazer pesquisa.

Episódio #3: Irreverência e Antropologia

Diferente da escrita acadêmica, os nossos episódios de duração de 30 minutos a uma hora no geral, são menos formais, menos solitários: transparece o clima confortável de conversa, como se estivéssemos na nossa querida Kata. Podemos fazer piadas, podemos nos atrapalhar um pouco na fala e a irreverência está nisso: liberdade de fala, liberdade de forma e até de soltar um palavrão às vezes e criticar tudo e todos que queremos. Irreverência é cada uma poder se expressar de forma autêntica, do jeitinho que é. Viemos de um ambiente universitário no qual a linguagem, principalmente a escrita, é bastante regrada e sujeita a diversas normas. Essa linguagem, a dificuldade de acesso - é preciso saber como e onde procurar - e o tamanho de muitos textos, acaba por manter as pesquisas restritas à comunidade acadêmica.

Nós queremos falar mais sobre nossas pesquisas sem nos preocuparmos se estamos usando a fonte New Times Roman 12 e espaçamento 1,5 (as chamadas “normas ABNT”). E o que poderia estar mais distante desse formato do que a onda sonora irreverente? Assim, nos permitimos fugir dessas regras. Ainda que saibamos que, no mundo dos *podcasts*, outras regras vigoram, percebemos que estas estão mais condicionadas ao que desejamos e aos nossos objetivos pessoais

e não ao que já é imposto. Isso nos faz recordar da nossa querida Kata: nos sentir à vontade para nos expressarmos como bem queremos, ser mais do nosso jeitinho com as nossas regras. Entendemos, por exemplo, que até os nossos diferentes tons de voz e jeitos de falar são importantes e colaboram para que a mensagem chegue.

Não achamos que precisamos dizer: “*agora vamos fazer uma análise social: é o seguinte...*”, mas, sim, que podemos abordar as temáticas a partir das nossas inquietações, questionar, criticar, trazer referências. Envolver o público sem uma advertência de que isso que fazemos é crítica social, é problematização. Tentamos manter uma linha editorial mais ampla e geralmente fugindo da teoria pesada, que muitas vezes espanta até antropólogos. Nos esforçamos para diluir um pouquinho desse conhecimento nas conversas de cada episódio, sem nenhuma pretensão de esgotar os assuntos complexos dos quais falamos.

Bem nessa pegada, nossos roteiros são um norte, um guia para as conversas, e não uma receita pronta a seguir. No geral, dividimos os nossos episódios em blocos temáticos e pensamos em algumas perguntas centrais para nossos convidados. Nos episódios mais longos, podemos aprofundar uma ou outra questão e até nos permitir um pequeno devaneio. Tudo isso de maneira leve, descontraída, como em um papo com cafezinho.

Por acreditarmos no que Ingold (2016) nos contou anteriormente, sabemos também que acessar a Antropologia fora da academia é difícil e tem seus obstáculos. Nós mesmas já nos questionamos se realmente entendemos o que tal autore disse por causa de uma escrita tão rebuscada que parecia outro idioma. Óbvio que amamos ler, mas as cores proporcionadas pelas ondas podosféricas são potentes experimentos de conexão com outros mundos não acadêmicos.

Assim, utilizamos diferentes formatos de episódios a depender dos nossos objetivos. As nossas “séries” são conjuntos de episódios e pílulas que têm uma temática maior em comum, um guarda-chuva, por assim dizer, como as revoltas de 2019 nos países da América Latina. Nosso *podcast* nasce junto com essa eferescência popular. Nem bem dávamos os primeiros passos e já iniciamos com uma série que chamamos de “Especial América Latina” que no momento de escrita desse texto conta com três episódios (sobre o Chile, a Colômbia e o Peru) e ainda não está encerrada. Através das nossas conversas com pessoas vivendo os protestos de pertinho, buscamos explicar um pouco das motivações por trás das

mobilizações populares e perceber as diferenças e as semelhanças entre o que os nossos vizinhos latino-americanos estão vivendo. A veia antropológica de comparar pulsa fortemente quando falamos sobre esse tema. Nós e as nossas convidadas sempre ficamos surpresas com os paralelos entre as situações vividas pelos nossos países. A característica fundamental dessa série é a análise das semelhanças existentes com a situação brasileira.

Ao perceber a importância de se pensar e conversar sobre o momento que estávamos enfrentando coletivamente - embora isolados fisicamente - , criamos a nossa segunda série: “Conversas de Quarentena”. Ela surgiu quando duas de nossas integrantes fizeram algo que viraria rotina no próximo ano: uma vídeo-chamada. Algo inimaginável àquela altura. Nesta conversa cheia de debates acalorados, tentamos entender como fazer para manter nossas pesquisas, saúde e vida durante a pandemia. A série veio da necessidade de desabafar sobre as condições de estudo, trabalho antropológico e questões do cotidiano de enfrentamento da pandemia. Até agora tratamos sobre problemas envolvendo trabalho de campo, produtividade acadêmica, ensino remoto emergencial implementado pela UnB, das condições de trabalho de entregadores de aplicativo e das mães pesquisadoras nesses tempos de isolamento.

O formato escolhido para essa série foram as “pílulas”. Basicamente, elas vêm em “doses menores” e mais sintéticas que os episódios. Elas têm menor duração, são mais focalizadas e muitas vezes trazem relatos com começo, meio e fim. Nelas trazemos mais das nossas próprias elaborações e conversamos menos com convidadas. É um ótimo formato para tratar de temas mais urgentes, que precisam de engajamento por parte da sociedade, como a greve de entregadores e realizar um desabafo mais “a jato”. Por serem mais curtinhas, elas circulam pelas redes com mais facilidade, alcançando mais pessoas.

No “Conversas de Quarentena”, falamos dos desafios de trabalhar de casa e das desigualdades escancaradas nesta pandemia. Em uma das cinco pílulas produzidas desta série, falamos sobre o trabalho de campo, o método mais usado na Antropologia, em tempos de pandemia. Como este envolve geralmente o deslocamento de antropólogo para observar, participar, conversar e aprender com outras pessoas, buscamos conversar com quem realizou seu trabalho de campo nos últimos minutos do segundo tempo, antes do apito que dava início à quarentena pelo COVID-19.

Outra pílula da série de quarentena que merece especial atenção é aquela sobre o Ensino Remoto Emergencial da UnB. Nesta, conseguimos agregar as narrativas de uma professora, de uma estudante de graduação, de uma doutoranda que também é mãe, de um mestrando indígena e de um graduando em Ciências Sociais que teve COVID-19. As aulas presenciais migraram para o formato virtual, assim como os seminários, eventos acadêmicos, reuniões, dentre outros. Isso fez com que toda a comunidade acadêmica tivesse que se readaptar a esse novo formato. Muitos estudantes tiveram problemas com acesso à Internet, dificuldades financeiras e ainda enfrentaram o luto, o adoecimento e os cuidados de familiares mais vulneráveis. O episódio é uma forma de não nos fazer esquecer que, por trás da tela, existem diferentes histórias e desafios a serem enfrentados nestes tempos de pandemia.

Outro assunto muito abordado no nosso *podcast*, e principalmente nas nossas pílulas, são experiências de mobilização política, protestos e movimentos sociais. Afinal de contas, foram esses acontecimentos que alimentaram nosso desejo de fazer ciência em outro formato, né? No *podcast*, buscamos sempre trazer um contexto mais geral e entender o que está por trás de movimentos. Na pílula sobre a greve dos entregadores de aplicativos, por exemplo, discutimos como o fenômeno da chamada *plataformização* de empresas precariza as condições de trabalho dessa categoria. Esse conceito diz respeito ao processo de empresas oferecerem seus serviços através de aplicativos e *sites* na Internet, de maneira que os encontros físicos entre os agentes envolvidos se tornam cada vez mais escassos. Sob a promessa de “liberdade de escolha” e “pouca burocracia”, esses trabalhadores precarizados precisam trabalhar muitas e muitas horas por dia para conseguir uma remuneração mínima. Eles não têm direito a seguro em caso de acidente ou assaltos.

Estamos nos aventurando também a falar sobre alguns assuntos mais gerais, porque há magia nas coisas mais cotidianas! E não só magia. O dia a dia nos revela muito sobre a nossa sociedade, como ela sofre os efeitos de um mundo conectado, *globalizado*, como dizemos nas Ciências Sociais, e da forma como se dá a economia e as relações entre as pessoas e países. O futebol é um bom exemplo. É só olhar para como se dá o financiamento dos times e o que ele nos revela sobre interesses de quem detém o poder. Ou, então, por que houve mudanças no estilo do jogo? De onde esse jeito específico de jogar vem? Quem determina isso? O que

isso tem a ver com globalização? A Antropologia também olha para as arquibancadas nessa tentativa infundável de entender o mundo e deve se apropriar dessas situações que são tidas como corriqueiras para alimentar debates importantes feitos também fora da academia. Por que não discutir sobre racismo, usando os cantos das torcidas organizadas?

Queremos desmistificar a ideia de antropóloga Indiana Jones com caderninho, chapéu e facão desbravando a selva, assim como aquela ideia de acadêmique sempre calado sentado no seu gabinete lendo até o raiar do dia. Nossa Antropologia também é feita nos corredores e nas mesas de bar, e ela não perde sua potência por isso. O formato mais livre do *podcast*, e as publicações escritas na internet que o acompanham, nos permitem também trazer autoras não tão valorizadas dentro da universidade. Além de resgatar a produção de inspirações para nós como Zora Hurston e Marlene Cunha, usamos o nosso espaço para divulgar o trabalho de nossas colegas, como em nosso episódio 5 - “Zora Hurston e as Negras Antropologias” e na pílula 6 - “Nossos Passos vêm de longe - Coletivos Negros na Pós-graduação, construção e resgate do nosso saber”.

Zora Hurston e Marlene Cunha são antropólogas negras. Zora nasceu em 1891, era estadunidense e trabalhou com folclore negro nos Estados Unidos e com a religião Voodoo no Haiti e na Jamaica. Seus trabalhos mostram a relação entre gênero e raça e o papel subversivo do folclore. Marlene Cunha foi antropóloga brasileira, pioneira no trabalho de gestualidades na religião afrobrasileira Candomblé mostrando as relações com a ancestralidade africana no Brasil (Cunha, 2017). Dois coletivos negros fazem homenagem a essas duas antropólogas: Coletivo Zora Hurston (PPGAS da UnB) e Coletivo Marlene Cunha (PPGAS da UFRJ). Vocês encontram esses dois coletivos no Instagram: @coletivozora e no Facebook: @coletivonegromuseunacional.

Episódio #4: Construindo redes

Ao adentrar a podosfera, percebemos a necessidade de estar presentes em redes sociais, como o Instagram e o Twitter (a era do Facebook meio que já acabou, né?). Fomos experimentando diferentes maneiras de administrar as redes, pegando o jeito e conhecendo nosso público. De acordo com os dados oferecidos pelo Instagram, nossas principais ouvintes são de Brasília (57,8%), mulheres (60,2%), majoritariamente entre 25 e 34 anos. Isso também mostra que ainda te-

mos um caminho a percorrer para circular na Internet de maneira a dialogar com pessoas de outros cantos do Brasil e de outras idades e profissões.

Para conseguir ampliar a nossa rede, percebemos que deveríamos começar aproximando de colegas e pessoas com es quais nós temos afinidades. Por isso criamos a Série #IndicaçãoDeKinta nas nossas redes sociais. Em tempos de desvalorização das ciências, de crises sociais, políticas, sanitárias, e de ódio à diversidade, essas redes se tornam ainda mais importantes. Assim como o espaço físico da Katakumba e o evento Conversas da Kata nos levam a conhecer pesquisas e projetos maravilhosos que muitas vezes não conseguem o alcance que merecem, a #IndicaçãoDeKinta foi a forma que encontramos para fazer isso no modelo virtual. Toda quinta-feira lançamos uma dica nas nossas redes sociais de algum trabalho que gostamos - desde editoras independentes, canais de divulgação científica com propostas parecidas com as nossas até clube de escrita.

Aumentar a visibilidade do *podcast* e o número de ouvintes - e, assim, antropologizar mais ouvidos -, é possível, dentre várias outras formas, por engajamento também nas redes sociais. A forma que encontramos para manter as redes ativas não só com episódios foi diversificando o que postamos e compartilhando mais informações interessantes do mundo das Ciências Sociais e da Antropologia.

Por isso, além de nos ouvir, vocês também podem ler histórias da Katakumba que estão sendo lançadas aos poucos. Trata-se de relatos de colegas e professorias que vivenciaram esse espaço de convivência em diferentes momentos. A Série “Antropólogas marginalizadas” também surgiu do desejo de manter as redes ativas, com uma pegada diferente: apresentamos brevemente a biografia e relevância de antropólogos discriminados no meio acadêmico por conta de raça (aqui estamos falando de uma realidade social, não biológica), classe, orientação sexual e/ou país de origem. Dessa maneira, fazer *podcast* é muito mais do que fazer apenas episódios sonoros. Nos tempos de hoje, é também estar presente nas redes sociais e usá-las para falar do que é importante para a gente.

Das diversas ferramentas que essas plataformas nos oferecem, a *stories* do Instagram é a que utilizamos com mais frequência. Sempre compartilhamos as prévias com títulos, imagens e um pequeno áudio dos episódios e pílulas. Gostamos desta ferramenta por ser um ambiente mais personalizado, em que o público pode conhecer os rostos por trás das vozes do *podcast*. Tornamos tudo

mais pessoal, mais afetivo e saciamos um pouco das curiosidades ao colocar tanto a nossa carinha, como o processo de gravação e de edição para jogo nos *stories*. Por fim, mas nem um pouco menos importante, é nas nossas redes sociais que vocês conhecem nossa quinta integrante, ao mesmo tempo nossa mascote: a gata revolucionária Mercedes. A dona do grande miado da América Latina está sempre presente nos momentos de gravação e edição dos episódios e acompanhando as notícias do Sul global.



Nossa quinta integrante: a gatinha Mercedes. Autoria: Marina Fonseca

Episódio #5 - Antropologizando a podosfera

Começamos nossa caminhada na podosfera levando para as redes os bate-papos que tínhamos dentro da Katakumba, nosso espaço de conversas aconchegantes. Foi uma maneira que encontramos de pular os muros da universidade. Com a pandemia da Covid-19, o *podcast* também se tornou uma forma de nos manter conectados e de desabafar e refletir sobre esses tempos. Alguns percalços cruzaram nosso caminho, é claro, mas em meio a espontaneidades e experimentações fomos aos poucos encontrando nosso melhor ritmo.

A navegação em ondas sonoras transcorreu com irreverência. Com nossos diferentes tons de voz desviamos dos padrões estabelecidos por regras em Times

New Roman 12 e espaço 1,5. Seguimos em direção a mundos não acadêmicos usando alguns conceitos das Ciências Sociais de forma acessível, antropologizando mais ouvidos. Nesse momento tão polarizado, marcar posições significa avançar um pouco nas trincheiras. Acrescentamos uma pulguinha atrás da orelha, um dilema, uma nova perspectiva ao universo de possibilidades em que nossos ouvintes circulam.

Nesse caminho, compartilhamos e provocamos reflexões sem perder os toques de levezas necessárias à vida. E aí, está esperando o quê? Vá na sua plataforma favorita e aperte o play...

Referências

CUNHA, João Alípio de Oliveira. Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola. À memória de Marlene de Oliveira Cunha. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 26, v.1, 2017.

FLEISCHER, Soraya. Professoras usam o podcast para divulgar a Antropologia. *Entrevista para o Blog Dissertação sobre Divulgação Científica*, jun. 2020.

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela. Ativando a escuta em tempos pandêmicos. *Boletim da Anpocs. Ciências sociais e o Coronavírus* 78, ANPOCS, 07/07/2020.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set./dez. 2016.

JIMENO, Myriam. La vocación crítica de la antropología latinoamericana. *Maguaré*, Colombia, v. 18, p. 33-58, 2004.

MARTÍN, Juan Carlos Gimeno; MADRONAL, Angeles Castano. Antropologia Comprometida, Antropologia de orientação pública e decolonialidade: desafios etnográficos e descolonização de metodologias. *OP SIS (On-line)*, Catalão-GO, v. 16, n. 2, p. 262-279, jul./dez. 2016.



Acesse aqui a página do *podcast* Conversas da Kata na Rádio Kere-kere

Ana Carolina Oliveira é mestranda em Antropologia Social na Universidade de Brasília com enfoque na área de Antropologia Econômica. Tem interesse por questões relacionadas aos fenômenos de globalização, financeirização da economia e formação de Estado. Também estuda as práticas e tecnologias envolvidas nos projetos de desenvolvimento nacionais focados nas práticas agrícolas. *E-mail:* a.carolinaroliveira@gmail.com.

Bruner Titonelli Nunes: Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisa temáticas relacionadas ao Estado, política e instituições. É membro do Grupo de Pesquisa Etnografia das Instituições e das Práticas de Poder (CNPq). *E-mail:* brunertnt@gmail.com

Marina Fonseca: Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e Mestra pela Universidade de Brasília. Além de antropóloga e podcaster, é artesã, ciclista e amante de futebol. Trabalha com conflitos agrários envolvendo povos indígenas no Mato Grosso do Sul e Maranhão, com retomadas de terra e outras formas de autodefesa e construção de autonomia. *E-mail:* marinafonseca.bw@gmail.com

Yazmin Safatle: Mimi, mestranda pelo PPGAS da UnB. Ela já trabalhou com mulheres que tiveram filhas com a síndrome congênita do Zika no Recife, história de vida, história oral e luta pela terra nos anos 1980. Atualmente estuda estratégias de resistência de sociedades rurais e quilombolas. O seu enfoque está na narrativa de mulheres. Membro do Laboratório Matula - Sociabilidades, Diferenças e Desigualdades. *E-mail:* yazmin.safatle@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-4>



Políticas sociais com Antropologia?

Histórias que se cruzam em um episódio do Observantropologia¹

Camilla Iumatti Freitas

Stephanie Sacco

Patrícia dos Santos Pinheiro

Anatil Maux

¹ Em julho de 2021 mudamos. O *podcast* passou a se chamar Antropotretas e procuramos aprofundar a proposta de divulgação científica da Antropologia a partir de temas sensíveis e controversos que abordamos em nossas pesquisas. Para ouvir todos os episódios desde 2020, acesse: <https://pod.link/antropotretas>.

Por que, afinal, antropólogos se aventurariam em mídias sonoras como os *podcasts*? Dentro desse universo, qual o melhor formato para informar sobre as pesquisas em Antropologia? Quais temas um *podcast* de Antropologia deve abarcar? São questionamentos que nós, da equipe do Podcast Observantropologia, iniciativa de pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB), fizemos no início de 2020. Esse ano que marcou a vida humana no planeta pela emergência de uma pandemia há muito não vista nessas proporções.

Cada uma da sua casa, propusemos uma sequência de quadros e episódios que reunissem professorias, estudantes, representantes de movimentos sociais e pessoas que participavam como interlocutories de pesquisa. Fizemos dois quadros: *Antropologia a conta-gotas* e *pílulas antropológicas*. O conta-gotas foi com estudantes que tiveram que repensar suas pesquisas por conta da pandemia, que foram chamados a debatê-las junto com convidadas especiais, em geral seus interlocutories. Percorremos temas como a cannabis medicinal, a patrimonialização da arte em barro, a cultura popular, o luto e a anemia falciforme e racismo. E em pílulas, a Antropologia tem sido apresentada por professorias que estudam temas como saúde, tecnologia e biossegurança, cuidado, saúde mental e políticas públicas de assistência social.

Com o tempo, vimos que dava para fazer mais, e foi quando os *Pop Up's*, quadro em que experimentamos poesias sonoras, começou. E foi em grande estilo, com o *epistáculo* (episódio-espetáculo) “Você já amou uma travesti?”. Nessa mistura de temas, formatos e personagens, buscamos sair do *antropologuês* e mostrar a importância da nossa disciplina para o entendimento do mundo - principalmente em tempos extraordinários como o que vivíamos. Assim, a primeira temporada do Observantropologia, que começou em maio de 2020, se encerrou com 16 episódios em dezembro deste mesmo ano, com o objetivo de divulgar o que é a Antropologia e o que estudamos com ela.

Nossa primeira *pílula* foi gravada com o professor Pedro Guedes do Nascimento e se chama *Covid-19, políticas públicas e cidadania*. Foi ao ar em junho de 2020, reunindo dois temas centrais: o programa Bolsa Família e as suas *condicionalidades* e o auxílio emergencial em tempos de pandemia. Quando gravamos, a renda básica e o auxílio emergencial estavam em amplo debate no Brasil, porque muitas pessoas perderam sua fonte de renda durante a quarentena e precisavam

garantir seu sustento. Quem vivia do comércio de rua, de *bicos* e outros trabalhos informais não conseguia trabalhar de casa – em *home-office*. Até que o auxílio emergencial chegasse na mão dessas pessoas, elas estavam invisíveis ao Estado, mas expostas ao vírus. Assim, a cada dia que passava na demora dessa liberação e na falta de um plano de ação oficial para o combate à pandemia, as desigualdades sociais cresciam ainda mais.

Além de ser um tema importante para o debate público, esse episódio nos fez lembrar de nossas trajetórias como antropólogos, situadas atualmente no Nordeste brasileiro. Para contar como as pesquisas na Antropologia acontecem sobre e com as pessoas, além de abordar a pesquisa que Pedro compartilhou conosco, vamos fabular a partir de nossas experiências com políticas sociais, seja como pesquisadoras ou como gestoras. Para isso, recorreremos à ficção. Não no sentido de algo que não é real, mas sim para reunirmos, nas páginas que se seguem, situações que vivenciamos em momentos distintos. Outros nomes, outros lugares. Por vezes amargamente recordadas, por vezes nos dão fragmentos de esperança e inevitavelmente nos lembram que muito ainda há por fazer.

Pensar em políticas sociais, como antropólogos, aponta para a encruzilhada de vários caminhos. Da gestão das políticas públicas à universidade, da pesquisa aos movimentos sociais. E vice-versa, talvez. Ou ao mesmo tempo. Esses caminhos são cheios de bifurcações, de pedras, mas também de sombras que aliviam o calor, de cantinhos para descansar e tomar fôlego. Guiadas pela conversa com Pedro, apresentamos aqui um pouco dessa encruzilhada entre Antropologia e políticas sociais.

As políticas públicas e a cidadania pelo Bolsa Família

Quem nunca ouviu uma história sobre alguma “injustiça” a respeito de quem recebe Bolsa Família, esse programa de renda mínima que beneficia mais de 13,9 milhões de brasileiros em situação de vulnerabilidade social? Relatos como *conheço uma pessoa que tem filhos só para receber o benefício, onde já se viu, ganhar o Bolsa Família e comprar cachaça?* ou *depois do Bolsa Família, ninguém mais quer trabalhar como empregada doméstica* mostram algumas das desconfiças que rondam o programa. São frases duras e que povoam o universo de críticas daqueles que imaginam que os beneficiários de programas como esse seriam *indignes, pouco trabalhadores, acomodados etc.*

Fazer pesquisa sobre políticas como o Bolsa Família, conta-nos Pedro Nascimento, é se deparar com esses julgamentos o tempo todo. No começo de sua pesquisa de campo como antropóloga, era comum confundirem seu papel de *pesquisadore* com o papel de *fiscalizadore* – papel que todo gestor de políticas públicas tem compromisso de cumprir. Afinal de contas, existem muitos julgamentos sobre o recebimento do benefício, cujo valor máximo pode chegar a R\$ 205,00.

O Programa Bolsa Família (PBF), criado em 2004, tem vários critérios e obrigações para os participantes. Segundo suas diretrizes, ele é direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país, e tem o objetivo de dar suporte para sair dessa situação de vulnerabilidade. Certo, mas como faz? Onde eu busco informação? Como sei se posso receber o benefício? Uma coisa são as condições colocadas pelo governo no papel e nas regras, e outra coisa é a realidade, o que acontece no dia a dia do programa. Para começar, trata-se de um *benefício de transferência de renda condicionada*. Quer dizer que existe um cálculo feito de acordo com o nível de renda de cada pessoa e a quantidade de pessoas na família. O valor que cada família recebe é depositado em uma conta bancária, que geralmente está no nome da mulher responsável pela família.

Existe uma série de requisitos a serem cumpridos para que elas continuem recebendo, as tais das *condicionalidades*: as crianças têm que estar devidamente matriculadas, com frequência escolar em dia, devem apresentar e registrar idas regulares ao posto de saúde e estar com o cartão de vacinação atualizado. Como dá para perceber, as *condicionalidades* estão focadas nas crianças. Mas é o envolvimento da mulher com as áreas da saúde e da educação que indicam se a família *deve ou não receber o Bolsa Família*. E há toda uma rede de vigilância. Entender de que modo essas contrapartidas interferem na vida das mulheres beneficiárias do programa, e como acabam regulando suas práticas para não perder o benefício, foi uma das coisas que instigou Pedro a pesquisar o Programa.

Seria o PBF uma *ajuda do governo* ou um direito? Afinal de contas, sua finalidade é que as mulheres possam cuidar dos filhos? Sobre qual ideia de cuidado estamos falando? Procurar entender como ele é encarado e vivenciado pelas pessoas em seu dia a dia é justamente um dos objetivos da Antropologia, e aí, uma infinidade de possibilidades surgem. Nessa corda bamba das regras e julgamentos, as pesquisas antropológicas sobre políticas sociais amplificam um olhar atento aos pontos de vista dos beneficiários sobre si.

No PBF, convive-se com a possibilidade da interrupção do benefício a qualquer momento. O medo de perder o recurso provoca certa vigília entre as próprias beneficiárias. As condições não mais são vistas como uma forma de favorecer o acesso aos direitos fundamentais de saúde e educação. Na verdade, estas condições se tornam pouco a pouco uma forma de controle e pressão relacionada à própria regulação das práticas na vida dessas mulheres caso deixem de cumprir as *condicionalidades*.

De fato, não há como negar que o PBF promoveu mudanças na ideia de política pública para a população brasileira mais vulnerável. Promove o engajamento nas instituições, a busca por informações, a articulação em redes de contatos e a autonomia das famílias através da capacidade de gerir, ao menos em parte, suas economias. Além disso, vale a observação de que esta política pública trouxe mais autonomia às mulheres. No entanto, o que esteve em foco em nossa conversa com Pedro foram os modelos de vigilância e controle acerca de um ideal de família, muitas vezes inexistente, focado num modelo que compreende mãe-pai-filhos. Somada a isso, a promoção da intersetorialidade, ou seja, a articulação de toda a rede social, educacional e de saúde, muitas vezes gera entraves e acentua desigualdades. É sobre isso a nossa história a seguir.

Cena 1 - A odisseia em uma Secretaria Municipal de Assistência Social

Laura era uma jovem estudante de Ciências Sociais. A pouca grana para se manter estudando a levou a buscar um trabalho, e acabou conseguindo um cargo na prefeitura do Recife. Durante a semana, pegava o ônibus “Dois irmãos - Rui Barbosa” e aproveitava as quase duas horas de viagem no trânsito para realizar a leitura dos textos que seriam dados na aula. Ela gostava de cinema e política e se envolvia com um grupo de pesquisa sobre ditadura e violência. Leitura, escrita, pensamento crítico, curiosidade... são algumas das práticas que antropólogos (cientistas de modo geral) procuram incorporar no dia a dia e ajudam na sua formação, seja percorrendo estradas, seja assumindo cargos administrativos. Tudo isso era essencial para a vida de estudante de Laura.

Como gerente de medidas socioeducativas em meio aberto, Laura atendia adolescentes que cometeram alguma infração à lei, mas que estavam cumprindo medidas em meio aberto. Seu novo cargo ficava no departamento de políticas

sociais especiais. Laura dividia sala com a gerente municipal do Cadastro Único e Bolsa Família. Bárbara estava na área há muito tempo, e foi com ela que Laura conheceu de perto os trâmites burocráticos dos tais programas de transferência direta de renda, como o Bolsa Família. Ela aprendeu sobre as *condicionalidades*, como funcionam os desligamentos do programa, as documentações necessárias, a implementação de recursos financeiros, dentre outros. Logo cedo, passou a entender os caminhos percorridos pela população da cidade para acessar tais políticas, e foi se transformando assim em antropóloga, enquanto trabalhava e colocava em prática as políticas sociais.

Em uma manhã de terça-feira, durante o expediente na prefeitura, Laura recebeu uma visita inesperada de uma adolescente, um pouco eufórica, que se apresentou como Joana, pedindo para *ficar limpa*. *Ficar limpa* era o código que designava a pessoa que desejava se tratar da dependência do álcool e outras drogas. Foi a primeira vez que Laura se deparou com a *via crucis* da intersetorialidade. Logo ela, que, inspirada pelas leituras antropológicas, acreditava que as políticas dialogavam umas com as outras, ou seja, uma política social deve estar integrada com políticas de educação, saúde, trabalho, emprego etc. Além disso, políticas sociais, que devem estimular o bem estar e a distribuição mais igualitária de recursos, são eficazes quando permitem a participação da sociedade civil no processo todo, gerando uma compreensão mais ampla e integral dos seus efeitos. E isso era o que ela entendia como intersetorial.

O município, que se orgulhava pelo pioneirismo na implementação da redução de danos para atendimento a pessoas usuárias de álcool e outras drogas, não abarcava o atendimento a adolescentes menores de 18 anos. Joana, com 16 anos, morava num bairro popular da cidade de Recife. Era a filha mais velha de cinco irmãos que dependiam do Bolsa Família como alternativa ao desemprego. A retirada da adolescente da sua residência e o abrigo provisório numa unidade de atendimento a usuáries de álcool e outras drogas era seu pedido. E foi atrás dessas políticas que Laura se engajou.

Ela tem comprometimento com o crack, caso tenha uma crise de abstinência não teremos equipe preparada nesta unidade. Precisa passar por um processo de desintoxicação, era o que diziam os profissionais do único CAPS/AD para adolescentes. CAPS é a sigla para Centro de Atendimento Psicossocial; AD são centros específicos para pessoas comprometidas com álcool e outras drogas.

Laura, junto com Joana e seu pai, Sebastião, percorreu os centros de tratamento procurando saber onde Joana poderia ser acolhida pelo tempo necessário até que houvesse a segurança de retornar a sua casa. A única vaga que conseguiram foi em uma emergência psiquiátrica dentro de um hospital na zona leste da cidade, e a recepção aconteceu de um jeito violento. O psiquiatra que a atendeu mal esperou o relato da jovem iniciar para solicitar da enfermeira uma injeção. *Para ficar calminha*. Joana se sentiu abandonada por Laura, que lhe havia passado confiança durante o atendimento, mas que teve que a deixar internada por lá. Na medida em que Laura percebia a injeção começando a fazer efeito em Joana, um sentimento de impotência a tomou por completo. Uma internação compulsória-consentida que até hoje Laura se recorda com tristeza.

Joana se integrou no tratamento por um longo período e ficou “limpa”, como tanto queria. A questão passou a ser o desemprego. Sua família, que dependia do Bolsa Família, havia perdido parcela significativa diante do cálculo do recebimento mensal. Suas irmãs gêmeas não haviam conseguido vaga na creche e por isso não estudavam, sendo impossibilitadas de ter a comprovação necessária para o PBF.

Era chegada a hora de outra articulação que Laura precisaria fazer. O que poderia parecer fácil, tornou-se um grande desafio e a parceria com Bárbara foi fundamental para o religamento da família de Joana ao PBF, que na verdade dependia da liberação no sistema CadÚnico (o cadastro para programas sociais pelo Governo Federal). E como as crianças mais novas não estavam na escola, era impossível liberar aquela família no sistema. Ou seja, a própria política pública - a de educação, nesse caso -, tirou a possibilidade de auxílio de uma família em extrema vulnerabilidade. Laura precisou de seis meses e um sem-número de papeis assinados, telefonemas e *e-mails* para regularizar a situação da família de Joana. Mas já era tarde demais - eles já haviam voltado para o semiárido paraibano, de onde sua mãe, Fátima, era natural.

Cena 2: Nos confins do sertão, o auxílio emergencial

Passaram-se oito anos, e muita coisa mudou na família de Joana. Assim como impressiona o arco-íris que aparece no horizonte comprido do sertão e o verde que brota tão logo a chuva dá sinal, de um passado duro também algumas coisas floresciam. Por sorte, o trabalho com a terra fez bem para a menina, que

hoje já é uma mulher. Ela casou-se com Joab, filho de uma prima de sua mãe, que também trabalha desde menino na cooperativa com sua mãe e sua sogra. Casaram-se bem jovenzinhos, e estão crescendo a família: Joana está prestes a ganhar seu segundo filho.

O ano de 2020 foi um tanto maluco para a família. Assim como foi para todo mundo. Até março, tudo pareceu correr da mesma maneira de sempre. Os três morando na casinha de um cômodo que construíram assim que se casaram, no terreno da mãe de Joab. A vida era um pouco apertada, mas pelo menos eles não precisavam pagar aluguel. Entre o trabalho na roça de Joab, o trabalho de Joana com a cooperativa e o auxílio do PBF, eles conseguiam tirar uns R\$ 500,00 por mês. E isso fazia a vida ficar apertada, porque além de manter sua pequena família em crescimento, Joana precisava ajudar sua mãe e suas irmãs gêmeas. As meninas iam para a escola, mas seu pai, que há muito tinha ido pra São Paulo, já não conseguia ajudar a família.

Em meados de março, tudo mudou. A comunidade toda começou a ficar preocupada com as notícias que ouvia na rádio e na TV: um vírus, que vinha do estrangeiro, estava começando a se espalhar pelo Brasil. Logo a escola fechou e a zoda das crianças tomou conta da comunidade. Todo mundo ficou mais guardado dentro de casa. O ônibus não circulava tanto, o comércio teve que fechar, e todo mundo ficou preocupado com a falta de trabalho.

Pouco tempo depois veio a notícia do auxílio emergencial. Ninguém queria ficar de fora e perder esse benefício - imagina só, ter uma renda de até R\$ 1200,00 por mês na família! Mais que o dobro do que muitas ali estavam acostumadas. Tódes começaram a fazer planos do que iam fazer com esse dinheiro, mas até ele chegar foi uma resenha. Tiveram que baixar um aplicativo de celular para receber o auxílio. Lá na comunidade, para pegar sinal de celular, tem que ter uma operadora de telefonia celular específica e ir embaixo da mangueira na esquina do mercadinho. Quem ia conseguir fazer esse cadastro? A sorte foi que a única vizinha que tinha internet por satélite em casa ajudou todo mundo a se cadastrar. Quase sempre era comum encontrar um mutirão de gente na sua porta. E depois do que pareceu uma eternidade, uma parte das pessoas recebeu o auxílio e outra se sustentou graças às contribuições que vinham da vizinhança. Na comunidade é assim: o que dá pra uma, dá pra todes.

Com a renda extra, Joana e Joab aproveitaram para fazer a reforma tão sonhada na casa deles. O que era só um cômodo, em 4 meses, virou uma casa com uma sala, uma cozinha, um banheiro e dois quartos. Mas enquanto isso, Sebastião, pai de Joana, em São Paulo, passava por um grande aperto. Ele não quis acompanhar a esposa para a roça, e acabou indo tentar a sorte na cidade grande. A sorte veio e foi embora várias vezes desde que chegou por lá. Às vezes, dava para mandar uma ajudinha para a família. Mas nos últimos anos, estava dando mesmo para sobreviver.

Logo que a pandemia começou, ele perdeu seu emprego. Era auxiliar de limpeza, e trabalhava para uma empresa terceirizada que prestava serviço para esses grandes escritórios corporativos da cidade. Ele ganhava um pouco mais que um salário mínimo e pagava R\$ 600,00 de aluguel numa *kitnet* no centro da cidade. O que sobrava, mal dava para fazer a feira do mês, quanto mais mandar dinheiro para família, ou fazer um pé de meia.

Desempregado, sua única saída foi sair do aluguel, e aceitar a situação de rua. Ele até conseguiu o auxílio emergencial, mas pagaria só o aluguel. E o resto? Desde abril, ele passa o dia em busca de um albergue para dormir, das comidas de doação nas igrejas e de um emprego para conseguir sair dessa situação. No dia que ele não consegue vaga no albergue, usa o dinheiro do auxílio em algum hotel barato do centro, ou para outras urgências. Ele não contou à família que estava na rua. Sabe que as coisas nunca são fáceis por lá, e não quis preocupá-las com a sua situação. Ele tem medo de pegar o vírus, adoecer e morrer sozinho. Mas tem esperança que essa fase vai passar e que ele vai se reerguer, conseguir um bom emprego e quem sabe até voltar para o Nordeste.

Nas encruzilhadas da vida, as histórias se conectam

Foi no início da pandemia que essas histórias se cruzaram. Laura, aquela estudante de Ciências Sociais e gestora da prefeitura, a esta altura estava iniciando seu doutoramento na Universidade Federal da Paraíba. Para isso, largou o emprego e se mudou para João Pessoa. Mas a experiência como gestora na prefeitura ainda reverberava em seus pensamentos: lembrava dos casos que apareciam, das pessoas que chegavam pedindo ajuda, colocando suas realidades de vida, dificuldades ou sofrimentos. Para além de um cargo burocrático, Laura tornou o gabinete que dividia com Bárbara um espaço também de acolhimento e de escuta. Ela

pensava nas pessoas que passaram por lá. Como estariam Joana e tantas outras agora?

Como o auxílio emergencial foi intermediado pela Caixa Econômica Federal, esse sistema acabou se sobrepondo ao CadÚnico e toda rede do sistema único de assistência social. É triste pensar que muitas pessoas que poderiam ter sido identificadas e incluídas pela rede de assistência acabaram ficando de fora. Agora, se olharmos para as margens da sociedade, nem a própria sucessão de fatos ao longo dos tempos consegue dar conta da história.

Na universidade, Laura conheceu Paloma, que logo virou sua amiga musa inspiradora. Paloma também é antropóloga, vinda de outro estado, do Rio Grande do Sul. As duas trocavam figurinhas sobre suas memórias de casa. Suas vidas tinham sido tão diferentes! Mas quando conversavam sobre a pandemia e suas consequências, principalmente para pessoas em maior vulnerabilidade, suas experiências acabaram se tornando parecidas. Juntas, refletiram que o que a pandemia fez foi expor situações que eram até então pouco conhecidas, considerando um conjunto amplo de populações vivendo em condições precárias. E que estão fora da rede de assistência, dos cadastros, dos números. Ou porque não eram vistas ou porque não se percebiam como sendo alguém que poderia recorrer a alguma política por parte do governo.

Provocadas - e muito incomodadas - com a desigualdade social que viam em seu entorno, em suas pesquisas, na vida de seus colegas, elas decidiram entrar em ação. Reuniram um grupo de estudantes para realizar um projeto de ação social. O grupo passou a acompanhar diversas comunidades através de ações de apoio no combate à pandemia e acabou virando um projeto guarda-chuva de várias iniciativas, que incluiu também mídias sonoras como o *podcast*. E foi assim que aconteceu o último encontro dessa encruzilhada: o reencontro de Laura e Joana. Uma das comunidades atendidas pelo grupo era justamente a comunidade em que Joana residia, no semiárido paraibano.

Vidas refletidas em pesquisas antropológicas

Uma das maiores contribuições da Antropologia na pesquisa e no desenvolvimento de políticas públicas, como o PBF ou até o auxílio emergencial, é que ela olha para as vidas das pessoas que são influenciadas por essas políticas. Como

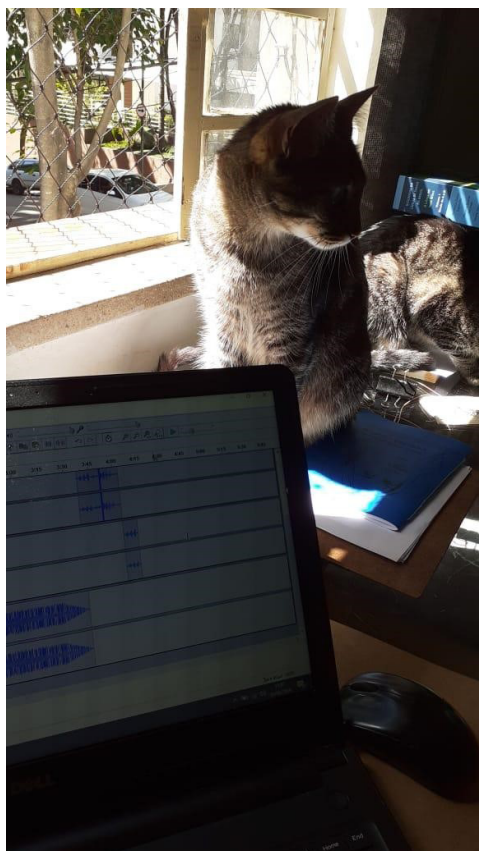
uma espécie de lupa analítica, antropólogos como Pedro Nascimento buscam saber o que acontece na prática quando se recebe - ou não - o auxílio desses programas. Essas pesquisas muitas vezes se transformam em teses, artigos acadêmicos, que embora importantíssimos, acabam não saindo da própria Antropologia. Com o *podcast* Observantropologia buscamos extrapolar essas fronteiras, e contar pro mundo, o que nós antropólogos fazemos, e como nossas pesquisas ajudam a criar outros mundos possíveis. Aqui, quando falamos sobre políticas públicas, ao olhar de perto como elas tocam a vida des pessoas, vemos com mais clareza o que mantém injustiças e as possibilidades de transformação social.

A história de Joana e sua família coloca vida às principais reflexões de Pedro Nascimento no seu episódio no nosso *podcast*. Desde os entraves burocráticos que sofreram por não conseguir cumprir as condicionalidades do Bolsa Família há quase uma década no Recife, até as dificuldades e as consequências do auxílio emergencial no semiárido paraibano. A pandemia não só escancarou, como agravou as desigualdades sociais no Brasil. Segundo Pedro, a corrida pelo auxílio emergencial mostrou que um terço do país é cronicamente ou frequentemente pobre, e que muita gente que não recebia nenhum auxílio social do governo, passou a precisar dele. Ela revelou também como existem muitos Brasis no Brasil, e as formas completamente diferentes de como Joana e seu pai experienciaram a pandemia ilustram bem isso. Enquanto ela e sua comunidade representam parte daquelas pessoas que não tinham acesso à internet, mas que acessaram o auxílio, seu pai, em São Paulo, acabou em situação de rua.

Trazer essas discussões para a Antropologia abre espaço para repensarmos os olhares que muitas vezes são cristalizados quando se pensa em políticas sociais de distribuição de renda. Quem, afinal de contas, são as pessoas que têm direito a esse tipo de benefício? Assim como o trabalho de pesquisa do Pedro Nascimento (2020), pesquisas como a de Cláudia Fonseca (1995, 2004) e de Cláudia Fonseca e Lúcia Scalco (2015), entre outras, nos ajudam a pensar como esses direitos são (ou não) cumpridos em contextos difíceis. Um risco, para eles, é que as políticas acabem partindo de generalizações que reduzem pessoas e histórias únicas e diversas.

As nossas experiências profissionais, que combinam a vivência em gestões públicas e organizações sociais com a prática acadêmica, inspiraram a construção da trajetória de Laura e de Joana e sua família, como uma forma de trazer à

tona dramas e percursos cheios de desigualdades, inclusive no acesso a algumas políticas sociais. Por outro lado, algumas delas, apesar de terem efeitos imediatos, apontam para dificuldade de pensar uma rede de assistência que poderia inserir a população mais vulnerável nesses direitos de um jeito mais permanente. Em uma situação política diferente da que vivemos com o congelamento de gastos públicos, até poderíamos pensar em um modelo de renda básica universal, como o próprio Pedro trata no episódio. Ele lembra da luta de Eduardo Suplicy, atualmente vereador de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores, na defesa dessa renda básica universal, que, para ele, seria um princípio de liberdade e dignidade para todos. Tendo o básico garantido, talvez a trajetória de Joana na adolescência fosse outra. Ou seu pai não tivesse precisado se submeter a um emprego numa empresa terceirizada de limpeza, com quase nenhum direito trabalhista.



Áudios, bigodes, suor e pelos: editar a muitas vozes. Autoria: Thiago Oliveira

E o encontro com Laura fala desse lugar que por vezes ocupamos. Realizar pesquisa sobre e com pessoas, com organizações sociais, da academia à gestão, ou, como no caso de Laura, no caminho inverso, informa-nos sobre as tensões que buscamos apresentar no podcast Observantropologia. Joana, Joab, Fátima, Laura, Sebastião, Bárbara e Paloma são a combinação de várias pessoas que conhecemos em nosso dia a dia, seja dentro de instituições públicas ou nas leituras antropológicas. Elas existem. E resistem!

Referências

- BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Sumário Executivo: Estudos Etnográficos sobre o Programa Bolsa Família entre Povos Indígenas*, 2015. p. 1-18.
- CAIXA. Bolsa Família, [s.d.]. Página inicial. Acesso em: 29 nov. 2020.
- DATASUS. Portal do Bolsa Família, [s.d.]. Página inicial. Acesso em: 29 nov. 2020.
- FONSECA, Cláudia; SCALCO, Lucia. A biografia dos documentos: uma antropologia das tecnologias de identificação. In: FONSECA, Claudia; MACHADO, Helena (orgs.). *Ciência, identificação e tecnologias de governo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2015. p. 21-37.
- REGO, Walquiria Leão; PINZANI, Alessandro. *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 58-63.
- SILVA, Maria Ozanira da Silva e. Os egressos do Bolsa Família: quem são? Onde estão? Como vivem?. In: *Programa Bolsa Família: avanços alcançados, desafios colocados*. 39º Encontro da ANPOCS. Caxambu/MG, 2015.
- NASCIMENTO, Pedro; LIMA, Márcia. O Bolsa Família tem ajudado muito a gente: usos das condicionalidades da saúde no Programa Bolsa Família. In: NEVES, Ednalva; LONGHI, Márcia; FRANCH, Mônica. (orgs.). *Antropologia da Saúde: ensaios em políticas da vida e cidadania*. 1. ed. Brasília/João Pessoa: ABA Publicações, 2018. p. 117-151.
- OBSERVANTROPOLOGIA. Pílulas Antropológicas - COVID-19, políticas públicas e cidadania. João Pessoa: Observatório Antropológico, 15 de junho de 2020. Acesso em: 27 nov. 2020.



Acesse aqui a página do *podcast* Observantropologia na Rádio Kere-kere

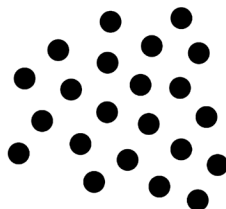
Camilla Iumatti Freitas é antropóloga formada pela Universidade Federal de Alagoas, doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba. É pesquisadora na área de saúde, corpo e gênero na perspectiva da antropologia feminista. *E-mail:* milla.iumatti@gmail.com

Stephanie Ferreira Sacco é internacionalista pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), especialista em Sociopsicologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP) e mestra em antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisa novas ruralidades e a relação entre ecologia, saúde e espiritualidade, além de trabalhar como consultora para projetos sociais. *E-mail:* stephaniefsacco@gmail.com

Patrícia Pinheiro é professora visitante na Universidade Federal da Integração Latino Americana (Unila). Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Pesquisa a trajetória histórica do racismo e formas do seu enfrentamento, conflitos socioambientais e políticas de reconhecimento da população quilombola. *E-mail:* patriciasantspinheiro@gmail.com

Anatil Maux faz doutorado em Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pesquisa políticas de drogas, consumo de substâncias psicoativas e ciência, a partir de sensibilidades metodológicas que tensionem modelos de distribuição de direito à vida. *E-mail:* anatil@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-5>



**MUSEO
LÓGICAS**

Museológicas *podcast*: Um relato de experiência da nossa aventura na podosfera

Hugo Menezes Neto

Francisco Sá Barreto dos Santos

Em abril de 2019, um grupo de cinco professorias do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco – Alexandre de Jesus, Daniel Vieira, Elaine Muller, Francisco Sá Barreto e Hugo Menezes Neto – fundaram o projeto de extensão *Museológicas Podcast*. Até o final de 2020, com uma pandemia no meio do caminho, lançamos 79 programas, contabilizando aproximadamente 100 horas de conteúdos divulgados gratuitamente para a sociedade, disponíveis nas principais plataformas gratuitas de *podcast*¹.

Contaremos um pouco da nossa história, motivações, objetivos e desafios. Também descreveremos o nosso processo de trabalho, dinâmica de equipe e, por

1 Anchor, SoundCloud, Spotify, Deezer, Apple Podcast e Google podcast, entre outros.

fim, traremos alguns dados que quantificam nossa experiência ao mesmo tempo em que ajudam a refletir sobre processos e resultados. O intuito é o de trocar experiências com os leitores, ouvintes e produtores de *podcasts*, alimentar um debate em curso acerca das novas formas de difusão científica e da introdução de novas mídias para auxiliar a comunicação entre a universidade e a sociedade.

Um *podcast* como projeto de extensão

As eleições de 2018 e o governo iniciado no ano seguinte consolidaram um forte movimento contra a universidade pública. A função, ou atuação, dessas instituições tem sido questionada pelos políticos que tentam manipular a opinião pública colocando-a contrária à experiência acadêmica brasileira. Por exemplo, em 2019, o ministro da educação acusou a comunidade universitária de fazer “balbúrdia” nos *campi*. Afirmou, sem provas, que “há extensivas plantações de maconha” nas unidades de ensino, decretou severos cortes orçamentários, extinção de bolsas de pesquisa, suspensão de concursos, fim de programas educacionais importantes. Perguntas como “Para que serve a universidade?” ou “o que fazem os professores e alunos?” passaram a circular na esfera pública, especialmente em relação às Ciências Humanas.

Nesse contexto, nós (es cinco professores envolvidos no projeto do podcast) discutimos a necessidade de contribuir com esse debate. No entanto, precisávamos encontrar uma forma de ampliar nossa audiência para além da comunidade acadêmica da UFPE e ainda investir em uma linguagem acessível para responder à sociedade. As nossas conversas giravam em torno de novas ferramentas de comunicação, da tecnologia como ferramenta da extensão e da difusão da pesquisa universitária.

Gostaríamos que as pessoas conhecessem o que pensamos e fazemos, acessassem nossa produção e que facilmente compreendessem as discussões propostas, pois reconhecemos que a linguagem dos artigos acadêmicos tem um alcance limitado. A ideia de criar um projeto de extensão voltado para a realização de um *podcast* nos pareceu a mais viável financeiramente, por demandar uma tecnologia de baixo custo para a produção e acesso gratuito para os usuários, também mais interessante para atender as expectativas que elaboramos, uma vez que programas de *podcasts* acadêmicos voltados a outras áreas do conhecimento científico já se apresentavam como eficientes ferramentas de divulgação científica ouvidas

no mundo todo, além de ser uma ideia divertida, pois poderíamos experimentar vários formatos, fazer do nosso jeito explorando forma e conteúdo, exercitando nossa criatividade ao articular as dimensões estética e discursiva.

Como resultado do projeto de extensão, entregaríamos à sociedade programas que todos podem ouvir a qualquer hora do dia, conciliando, inclusive, com outras atividades. Sempre, em nossas conversas, imaginamos as ouvintes lavando os pratos ou fazendo exercícios físicos, escutando simultaneamente um dos programas. Essa é uma vantagem do *podcast* que muito nos atraiu: na correria da vida, é possível encaixar um *podcast* na sua agenda do dia sem prejuízo às demais atividades presenciais. Vale ressaltar que a opção por um *podcast* também estava ligada ao desejo de produzir um arquivo. Queríamos construir uma “podoteca” reunindo um conjunto de debates sobre os temas que nos interessavam como coletivo e as nossas alunas, com pontos de vistas de diversas participantes. Um arquivo que também estivesse disponível para ser integrado às aulas e que ele próprio fosse fonte de pesquisa por salvaguardar o registro de discussões das Ciências Humanas de um determinado momento e contexto, podendo sempre ser revisitado e seus conteúdos, criticamente analisados.

Alguns de nós já acompanhava *podcasts*, mas nunca tínhamos produzido conteúdos acadêmicos para a internet, então técnica e expertise com as tecnologias necessárias seriam nossos desafios. À revelia das dificuldades, arriscamos. Organizamos nossas ideias e elaboramos um projeto de extensão. Chamamos esse projeto de “Museológicas Podcast” que passou a ser coordenado pelas professoras Francisco Sá Barreto e Hugo Menezes Neto e envolveu os grupos de pesquisa dos cinco professoras engajados².

Em seguida, conseguimos a adesão voluntária de um grupo de discentes³, formando uma equipe que se manteve junta até o final de 2020. Essa equipe toda vem trabalhando intensamente na realização das ações do projeto, trocando conhecimentos e aprendendo a lidar com as demandas do *podcast*, algo tão novo

2 O Observatório de Museus e Patrimônio – Observamus; Grupo de estudo Museo-Lógicas; Laboratório de Multimídia, Laboratório de Estudos Avançados em Cultura Contemporânea, LEC; e Grupo de Pesquisa Curupiras: colonialidades e outras epistemologias, além do Laboratório de Expografia (Expolab).

3 As alunas do curso de bacharelado em Museologia: Iri Freitas, Sofia Moreira, Talita de Melo e, ainda, Maria Clara Costa, do curso de Bacharelado em Cinema (UFPE), além de Luísa Nóbrega, mestranda da Pós-graduação em Antropologia na UFPE.

para todos. O principal objetivo era construir um conjunto de conteúdos que fossem elaborados coletivamente - como mostraremos adiante -, mas não somente. A ideia geral era a de que o Museu das Podcasts pudesse funcionar como instrumento de aproximação de professores, estudantes e demais interessados naqueles temas, acreditando no que Paulo Freire chamaria de uma “pedagogia inovadora”. Ou seja, desde o princípio nosso maior interesse era utilizar o *podcast* como uma ferramenta de incremento dos recursos didáticos para a sala de aula, bem como o interesse em ultrapassar as fronteiras da mesma, produzindo e reforçando o que poderíamos livremente chamar de uma arena de debates.

O nome escolhido deriva do curso de graduação em Museologia, abrigado no nosso Departamento e no qual todos os cinco professores atuam. A princípio, gostaríamos de explorar lógicas museais e museológicas, a saber, um *podcast* que falasse sobre patrimônio e museus, em interface com a Antropologia, o curso de pós-graduação de nosso Departamento. Com o tempo, o Museu das Podcasts passou a ser um *podcast* de crítica da cultura, discutindo questões da sociedade contemporânea, ampliando o universo museológico inicial.

Com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), através de fomento a projeto de pesquisa, adquirimos equipamentos básicos para gravação dos programas (gravadores, microfones, mesa de som etc.). Esse recurso, contudo, não cobria as rubricas para o pagamento da plataforma que abrigaria o nosso material (SoundCloud). Para resolver esse problema dividimos as despesas entre os cinco professores envolvidos e, assim, por quase dois anos rateamos e custeamos com nossos recursos pessoais esse pagamento até realizarmos a transferência de todo o conteúdo para uma plataforma gratuita (Anchor), em dezembro de 2020.

Gravamos e lançamos o nosso primeiro programa em maio de 2019. Trata-se de uma entrevista com o museólogo e antropólogo Bruno Brulon, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que estava em Recife para proferir uma palestra na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Esse primeiro momento foi um grande laboratório. Aventuramo-nos na feitura de um programa sem saber exatamente uma fórmula, um modo certo de fazer as coisas. Despreocupados com o tempo e com a edição, cada um de nós fez perguntas sem um roteiro previamente consolidado. Com a experiência posterior, de meses de

trabalho, contudo, desenvolvemos nosso próprio passo a passo de pré-produção, produção e divulgação.

Daí em diante muitos programas foram criados, vimos nossa audiência crescer e aprendemos aos poucos, com erros (muitos) e acertos, sobre como fazer essa ideia funcionar. Entendemos logo de início, principalmente, que precisávamos de um roteiro e de um controle mais eficiente do tempo, e que um estaria ligado ao outro. Entretanto, refletindo sobre nosso próprio trabalho com o projeto de extensão, passamos a compreender que o roteiro é uma previsão preliminar do andamento do programa, não um instrumento de controle do encontro imprevisível entre nós e aqueles que convidamos, ele precisa ser poroso e nós precisamos estar dispostes a nos deixar caminhar pelo inesperado que escapa ao roteiro e faz do programa algo surpreendente para quem produz e para quem ouve. Rapidamente percebemos que o tempo ideal para um programa ser bem reproduzido é de 30 a 40 minutos e que um roteiro, e uma edição a ele conectada, pode nos ajudar a manter essa média.

Porém, no percurso do projeto reaprendemos que isso não deve ser o mais importante, que algumas discussões não devem ser reduzidas e adequadas a um tempo específico, que algumas pessoas precisam ser ouvidas plenamente, porque foram historicamente silenciadas. Acreditamos que o mais importante é o valor documental do registro que estamos produzindo e salvaguardando. Assim, do mesmo modo que realizamos programas dentro da média estipulada, também colocamos no ar, por exemplo, um programa com três grandes nomes da cultura afro-brasileira em Pernambuco (Mãe Lúcia dos Prazeres e os mestres de capoeira Orum e Joab Jó) com mais de duas horas de duração no qual discutem, de modo brilhante, racismo e ancestralidade negra.

Começamos sem experiência e aprendemos a fazer na prática, construindo e desconstruindo ideias cotidianamente por meio da análise crítica do nosso trabalho e dos nossos objetivos perante a sociedade.

Seduzidos pela comunicação

O êxito de *podcasts* acadêmicos no campo das Ciências Sociais, tal qual o nosso, aponta para a demanda por novas políticas de comunicação com uso da tecnologia em favor da democratização do acesso ao conhecimento. Nós mesmos fazemos todas as partes do processo de produção do *Museológicas Podcast*,

sem o auxílio de um estúdio ou de especialistas nas técnicas de gravação e edição das gravações. Foi preciso que aprendêssemos, por exemplo, técnicas de edição e também formas de divulgação do material produzido, de modo a realizarmos as etapas do processo de nossas casas, antes mesmo do isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

Cada membro da equipe colabora nas atividades com as quais mais se identifica; uns nos bastidores, outros na condução dos programas e na difusão. É importante frisar, no entanto, que não pretendemos concorrer para uma profissionalização das técnicas e do dispositivo em si. Entendemos que a manutenção do amadorismo, nesse sentido, contribui com a adesão de estudantes e com a ideia de que o projeto é, de fato, não somente comandado, mas integralmente realizado por professorias e estudantes que aprendem entre si a manter o projeto funcionando.

O Museu das *Podcasts* se baseia, como conceito fundamental, em programas de encontros com boas conversas entre nós da equipe e pessoas convidadas a participar, porém, elas devem ser sempre as protagonistas, e nós as mediadoras. Queremos imprimir uma linguagem direta que não se remeta a um texto acadêmico. Assim, acreditamos que gravar um programa de *podcast* se converte numa excelente oportunidade de encontrarmos pessoas que queremos conhecer, consolidar diálogo, trocar experiências. Para o encontro, então, formulamos perguntas que impulsionam a nossa interação. Não queremos fazer do *podcast* uma plataforma de autopromoção, mesmo sabendo que ele concede à equipe certa visibilidade, uma vez que circula amplamente na internet. A nossa interação deve ser capturada de modo sensível, a conversa deve ser inteligível e ocupar lugar central na experiência de escuta. Por isso, direcionamos e ouvimos a mergulhar apenas no diálogo, dispensando quase sempre o uso de outros recursos sonoros. Nesse sentido, não editamos as falas das pessoas, a não ser hesitações e espaços vazios. Em todas as gravações, somente editamos falas quando as pessoas convidadas pediram para que algo dito fosse retirado para a versão final.

Desenvolvemos ainda um *modus operandi* próprio, um conjunto de procedimentos em etapas com vistas à confecção dos programas, assim estabelecidas: pré-produção, produção e divulgação. A organização desses procedimentos é feita nas reuniões sistemáticas com a equipe.

Na pré-produção, discutimos conjuntamente o tema do programa, elencamos quem serão os participantes (as pessoas convidadas e os integrantes da equipe), estudamos o assunto a ser abordado, construímos o roteiro, realizamos

o contato com e convidade e o agendamento para a gravação. Além disso, decidimos quem serão os apresentadores dentre os membros da nossa equipe de acordo com a afinidade em relação ao conteúdo a ser conversado.

Na etapa da produção ocorre a realização efetiva da gravação. Em seguida, ocorre a edição (Audacity e GarageBand são os *softwares* mais utilizados pela equipe) do que foi gravado, com o corte de partes dispensáveis e edição de som, para alcançar maior qualidade no programa finalizado.

A última etapa é a divulgação, que consiste na publicação e no trabalho de promoção do programa. Os bolsistas do projeto desenvolvem um projeto gráfico individual para o programa, que ilustre sobre o conteúdo veiculado e que será subido junto com ele para as plataformas. O projeto gráfico é postado nas redes sociais, junto com um texto criado especialmente para explicar o conteúdo do material divulgado. A divulgação ocorre especialmente no Instagram, Facebook, YouTube e também pelo WhatsApp. São publicadas fotos dos bastidores da gravação na véspera da publicação do programa, com a arte, o texto explicativo e o link para o acesso.

Toda a equipe se esforça para impulsionar os programas em suas redes. Duas pessoas se encarregam de se comunicar com a audiência, que interage por meio dessas redes. Nesse aspecto, os comentários são importantes *feedbacks* sobre o trabalho e inclusive apresentam sugestões para novos programas. Mas ainda consideramos o *podcast* um suporte frio de interação - sem interação imediata - com a audiência, haja vista não sabermos quando e como os ouvintes estão acessando os programas.

Embora nos esforcemos fortemente para que os programas do *podcast* ganhem projeção, o mais importante para nós é formação de um acervo, um conjunto de debates e discussões que podem servir para apresentar à sociedade o que faz a universidade pública, o que pensam os pesquisadores, em especial, aqueles ligados às ciências humanas e sociais. Entregamos como devolutiva social e como uma forte atividade extensionista, conteúdos gratuitos, acessíveis e informativos. O número de reproduções ou acessos é um desdobramento do árduo trabalho, mas que não deve ser a principal preocupação.

Em tempo, é importante insistir que o *podcast* é um convite para um público desconhecido, como já parece claro, mas não o é somente. Ele tem funcionado como importante ferramenta de articulação interna entre os membros, bem como os demais professores e estudantes do departamento e dos cursos de Museologia

e Ciências Sociais, de forma mais imediata. Há, nele, a possibilidade do desejo re-alizado da comunicação científica executada de forma mais linear, menos hierarquizada e em linguagem pretensamente mais acessível a uma usuária que ainda estamos em vias de conhecer.

Trabalho em séries

Começamos em 2019, no que consideramos um ano de experimentação e de aprendizado. Lançamos dois episódios por mês, em média, e convidamos muitos pesquisadores pernambucanos. Gravávamos presencialmente, com os nossos equipamentos, e, devido à falta de recursos financeiros para deslocamentos, dependíamos da oportunidade para conseguir uma agenda com uma convidade de fora do estado de Pernambuco. Aproveitávamos eventos acadêmicos para articular gravações nos intervalos das atividades, ou quando professorias de outras instituições estavam no Recife e na UFPE para alguma atividade científica ou participação em bancas, e assim conseguíamos nos encontrar com pessoas de perfis variados para as entrevistas, mas quase todas vinculadas a um campo ampliado da crítica da cultura - profissionais, pesquisadores, estudantes de um vasto universo temático da cultura.



Foto da gravação do *podcast* com a professora Verona Segantini (UFMG). Gravação presencial realizada em 04 de dezembro de 2019. Autoria: Manuela da Silva.

Em nosso primeiro programa, éramos quatro professorias entrevistando uma convidada: esse seria o formato inicial a seguir. A ideia era oferecer uma entrevista qualificada sem tom de sabatina acadêmica, como uma conversa. Porém, logo percebemos que poderíamos testar outros formatos. Gravamos palestras proferidas e, depois de autorizado, convertimos o material em programa; gravamos um programa com plateia, tentando capturar a espontaneidade da interação imediata; registramos, ainda, rodas de conversas sobre assuntos específicos com a participação das professorias da equipe.

Os temas dos programas estavam relacionados ao debate público do momento que poderia mobilizar a Museologia e a Antropologia, ou ao calendário político, como datas importantes para as lutas sociais que dizem respeito às questões de gênero, sexualidade e relações raciais. Fizemos programas especiais, tais quais, por exemplo, o do mês da consciência negra, o do período das celebrações do mês do Orgulho LGBTQIA+ e o das comemorações do Dia Internacional da Mulher. Eventos que demandavam discussões urgentes, como o incêndio do Museu Nacional, ou o sucesso de um filme de teor político, como *Bacurau*, também ensejaram nossa produção. Era um trabalho muito pautado na ocasião, na oportunidade, e aproveitando prioritariamente os nomes de pesquisadoras locais.

Em 2020, o projeto ganhou novos contornos. A pandemia da Covid-19 nos empurrou para a produção a partir dos registros em ambiente virtual e precisávamos reinventar nossa dinâmica de trabalho. Surpreendemo-nos, entretanto, com as novas possibilidades, especialmente no que diz respeito à expansão da rede de contatos e com a disponibilidade de professorias de várias regiões do Brasil, bem como do exterior. Nosso primeiro movimento foi, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, construir uma série de programas que apresentassem debates da Antropologia acerca da pandemia em curso, contando com pesquisadoras antropólogas de todas as partes do país.

Foram produzidos 30 programas da série intitulada *Anthropológicas* - homônimo da Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, recurso para marcar o vínculo entre as ações da graduação e da pós. Entre os meses de abril e agosto de 2020, lançamos ao menos dois episódios por semana. Contamos com 45 convidadas que concederam entrevistas aos autores deste artigo, que, junto com o professor Alex Vailati (PPGA/UFPE), produziram a série em

encontros *online*, com áudios gravados pela plataforma Jitsi, todos em suas casas, falando das mais diferentes cidades ao redor do país.



Print da gravação *on-line* do programa 24 da série *Antropológicas*. Alex Vailati, Francisco Sá Barreto e Hugo Menezes, entrevistam Salima Cure (Comissão da Verdade da Colômbia) sobre a pandemia da Covid-19 e os conflitos armados na Colômbia.

Os ruídos, *delays*, interrupções momentâneas devido à dinâmica doméstica da equipe e das convidadas, o som de menor qualidade, todos esses novos elementos foram incorporados ao que chamamos de estética da pandemia. Respondemos de imediato à questão de como as Ciências Humanas e Sociais podem atuar durante a pandemia: ajudando a pensar a experiência social no curso mesmo da maior crise sanitária da história recente, pesquisando e identificando problemas e efeitos do isolamento social e da vivência pandêmica. A série *Antropológicas* teve grande repercussão, foi repostada pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e nos boletins sobre a Covid-19 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), além de ter sido e seguir utilizada como subsídio para aulas assíncronas por diversas universidades. Alcançamos números expressivos de reprodução e acesso aos programas. Entre abril e agosto de 2020, foram mais de 12 mil reproduções dos programas da série em todas as plataformas em que o *Museológicas* está disponível.

Com a instalação da quarentena e isolamento social no Brasil, passamos a ofertar mais programas, com temas, em muito, voltados para o debate sobre a Covid-19 em diversos aspectos e com mais possibilidade de pessoas a serem entrevistadas direto de suas casas, atraindo maior atenção do público e alcançando lugares onde não esperávamos chegar. Os dados produzidos pela plataforma que hospedou o Museológicas Podcast, o *SoundCloud*, ajudam a iluminar o crescimento do projeto, como nos mostra o quadro a seguir:



Elaborado pelas autories, com o *software* CANVA®

Esses dados destacam a relevante ampliação dos cliques e da circulação de um tipo de programa que não se inscreve como mero entretenimento. Indicam que o *podcast* está se consolidando como uma (nova) tecnologia a favor da construção e difusão do conhecimento, mostrando para a sociedade o que fez a universidade, mais especificamente as Ciências Humanas e Sociais, durante a pandemia.

A experiência bem sucedida da série *Anthropológicas* nos levou a reorganizar nossa dinâmica de trabalho. Dividimos tempo e esforços entre a produção

de novas séries, com episódios interligados por um eixo condutor, e programas individuais relacionados às datas das lutas sociais e aos eventos importantes que ocorrem no curso da vida social. O objetivo de continuar com os programas individuais é não perder o frescor do debate que se sucede a um evento crítico, e evitar que nos desconectemos das mobilizações em torno de temas politicamente importantes com os quais a Antropologia e a Museologia trabalham, e que também se relacionam diretamente com a universidade pública.

Produzimos, então, a série *A China e a Covid-19*, sobre o lugar da China na discussão sobre a pandemia, e a série *Linhas Cruzadas*, que debate o cruzamento entre Museologia e outras áreas do conhecimento. Inovamos com parcerias e novos formatos. O *podcast* foi a plataforma para o lançamento de um livro, com a série *Carnaval Sem Fronteiras* (parceria com UFRJ e UFF), formada por quatro episódios dos quais participaram autories da coletânea homônima, conversando sobre seus artigos, lançada no segundo semestre de 2020. Também experimentamos ser o *podcast* parte da programação de um evento virtual com a série *Museus e Resistência*. Nela, a cada semana do mês de outubro um programa foi lançado como parte das atividades desse Congresso de mesmo nome promovido pelo curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



Exemplos de projetos gráficos das séries *Anthropológicas*, *Covid-19 e a China*; e *Carnaval sem fronteiras*

Em 2020, foram produzidos 46 programas distribuídos em 5 séries. Além deles, o Museológicas Podcast tem outros 14 programas “avulsos”, os quais apresentam questões sobre museus e patrimônios, e também debatem outras pautas das Ciências Sociais, totalizando 60 programas ao longo do ano. Segue, a seguir, uma tabela com os dados das séries de 2020 sistematizados para melhor apreciação:

Série	Número de Episódio	Período de publicação	Parcerias
<i>Anthropológicas</i> Dedicada à discussão da Antropologia sobre temas sociais relacionados ao contexto da pandemia.	30	Abril - Agosto	Os quatro últimos episódios foram realizados em parceria com o PPGA da UFPB.
<i>Linhas Cruzadas</i> Discute temas que perpassam a Museologia e outras áreas de conhecimento.	4	Junho - Julho	
<i>A China e Covid-19</i> Debate o lugar da China da discussão sobre a pandemia da Covid-19.	3	Julho - Agosto	
<i>Carnaval Sem Fronteiras</i> Realizada para lançamento do livro homônimo sobre as escolas de samba no Brasil e no mundo. Es autories apresentam seus artigos publicados nessa coletânea.	4	Setembro	UFRJ e UFF
<i>Museus e Resistência</i> Esta série foi parte integrante do evento de mesmo nome. Trata de temas que articulam os museus e uma agenda de debates sociais urgentes.	5	Outubro	UFSC
Programas publicados, para além das séries, em 2020.			
- Frevo patrimônio Imaterial do Brasil. - O 8 de março e a luta social das mulheres. - Desafios das Museologia 10 anos depois. - Gênero e Democracia. - A Museologia e a pandemia partes 1 e 2 (programa duplo de aniversário do projeto). - Cidades Globais e pandemia (entrevista com Saskia Sassen). - Políticas culturais, Neoliberalismo e pandemia (entrevista com George Yúdice). - Musealização de objetos de carnaval no Museu Nacional - Questão racial na perspectiva marxista (entrevista com Jones Manoel).			

- A Universidade e o ensino remoto (entrevista com o Reitor da UFPE, Alfredo Gomes).
- As tarefas políticas da Museologia e a formação universitária.
- O pensamento de Paulo Freire e os Museus.
- Representatividade de gênero e raça nos museus: mulheres negras na Museologia.
- Ancestralidade e cultura negra: uma conversa com os mestres.

Organizar o trabalho no formato de séries permite aprofundar discussões importantes apresentando pontos de vistas distintos, a partir de mais de um encontro com diferentes convidadas, acerca dos mesmos temas ou assuntos correlatos. Ganhamos com as séries mais espaço para o debate e colocamos mais pessoas em diálogo. No entanto, mesmo nos organizando previamente para produzir programas dentro de séries, acreditamos que deve haver espaço na nossa agenda para programas individuais que respondam às demandas do momento e ao calendário das lutas políticas. Tanto quanto as séries, os programas individuais visam difundir a pesquisa, qualificar a experiência acadêmica, mas também se propõem a dar espaço para vozes da militância a favor das causas feministas, antirracistas, em prol da diversidade sexual e de gênero, contra LGBTQIA+fobia, o racismo e o machismo. Entendemos, ao longo do percurso, que o *podcast* pode ser uma importante ferramenta de formação política e nas disputas simbólicas a favorecer grupos historicamente oprimidos e subalternizados.

O mundo como audiência

O projeto tem sua ampla maioria das reproduções baseadas no Brasil (75%, aproximadamente). Os demais 25% se distribuem por 54 diferentes países, com destaque para Estados Unidos, França e Portugal. No Brasil, sendo um projeto oriundo da UFPE, cerca de 25% das reproduções são do Recife (2449). Rio de Janeiro (868), São Paulo (466), Brasília (381), Salvador (367), Porto Alegre (351), Goiânia (335), Fortaleza (263), Paris-FRA (253) e Belo Horizonte (225) completam a lista das 10 cidades que mais ouvem programas do projeto na plataforma *SoundCloud*. Ainda destacamos a presença de Aushburn, São Francisco e Columbus (Estados Unidos), Dublin (República da Irlanda), Vila Nova de Gaia e Lisboa (Portugal), Ris-Orangis (França), Maputo (Moçambique), Bruxelas (Bélgica) e Jacarta (Indonésia) – 11 cidades estrangeiras – entre as 50 principais cidades. Entre as dez primeiras,

falamos de três cidades nordestinas, três do Sudeste, duas do Centro-oeste, uma do Sul e uma estrangeira.

Esses dados demonstram uma circulação em todo território brasileiro, notadamente quando as pessoas entrevistadas - das mais diversas universidades brasileiras - eram oriundas dessas cidades. Talvez a melhor exceção dessas observações sejam, fundamentalmente, os programas que mais circularam: o episódio 3 (Jean Segata, sobre epidemias e sociabilidade digital) e o 7 (Lília Schwarcz, sobre China e racismos contemporâneos), ambos com grande número de reproduções distribuídas em todo o território e com número percentualmente mais modesto em Recife.

Tanto na série *Anthropológicas* quanto nos demais programas do projeto, os dados mostram que a circulação dos conteúdos tem acessado também cidades sem *campus* universitário, bem como centros menos destacados na produção das Ciências Sociais no Brasil, configurando-se enquanto dispositivo potencialmente promissor para comunicação científica, mas não somente. Durante a pandemia, o nosso *podcast* manteve minimamente conexões entre atores muito diversos, ora nos programas em si, ora no perfil geográfico de sua audiência, o que nos permite inferir a respeito de uma complexa apreensão da dimensão de público em tempos de pandemia.

O público pode vir a ser um conjunto difuso e pouco controlável de arquivos digitais, articulando casas e ruas em cidades grandes e pequenas e classes sociais diversas. Essa característica sempre orientou o projeto, que entende o conjunto de produtos também como um arquivo a ser consultado por ouvintes interessados nos assuntos, não necessariamente quando da publicação dos programas. Os programas de maior circulação refletem a presença de convidadas mais conhecidas, que conseguem fazer circular mais o próprio programa, esforço além daquele que já fazemos para a divulgação do mesmo.

O que significa ou pode vir a significar uma ainda maior circulação do material publicado? Se, por um lado, os processos de circulação do conhecimento incorporam dinâmicas típicas da *click economy*, não podemos negar, por outro lado, que esses processos permitem abranger maior público e democratizar ainda mais

os conteúdos das Ciências Humanas e Sociais no Brasil. Esse dilema claramente surge da nossa experiência com o *podcast* e se inscreve de modo pontual no debate sobre etnografia multimodal, entendida aqui como o uso de uma infraestrutura específica, que permite produzir formas específicas, e que, ao mesmo tempo, possibilita uma análise crítica da infraestrutura utilizada.

Considerações finais

Nesses quase dois anos de projeto, de aprendizados e de trocas intensas entre a nossa equipe, e com a centena de convidadas que fizeram parte dos nossos programas, é possível identificar, além das alegrias e êxitos, alguns desafios a serem enfrentados.

O primeiro deles é de financiamento e manutenção da equipe. Um projeto de extensão como um *podcast* necessita de pessoas com expertises bastante específicas. Precisamos de bolsas para atrair e manter os alunos envolvidos nas atividades, além de financiamento para investir na qualificação de pessoal nas várias etapas técnicas da produção de um *podcast*, ainda que tenhamos escolhido o amador como linguagem política. Todavia, a extensão é a constituinte da experiência universitária que recebe menos atenção, recursos e bolsas, o que limita as nossas ações e nos faz funcionar com uma equipe reduzida e com restrições técnicas em virtude da impossibilidade de aquisição de equipamentos para alcançarmos maior qualidade sonora dos nossos produtos. O projeto ainda não se sustenta sozinho. Neste momento, depois de um ano e oito meses pagando dos nossos próprios recursos, em formato de rateio entre as cinco professorias da equipe, estamos passando do hospedeiro pago para um gratuito, o *Anchor*.

Outro desafio é na ordem da promoção ou difusão do trabalho. Não é fácil fazer circular os programas e também acessar material semelhante produzido por diferentes universidades. Para tanto, estamos nos organizando em torno de uma promissora rede de *podcasts* de Antropologia, a *Kere-kere*, pensando soluções para divulgarmos-nos mutuamente. *Kere-kere* tem sido um ótimo grupo para trocas de experiências e de técnicas para buscar soluções frente aos problemas que impactam, de uma maneira ou de outra, a todas as realizadoras de *podcasts* de Antropologia no Brasil. Estamos muito entusiasmados com a ideia de estar

em uma podosfera colaborativa, da qual fazem parte pessoas interessantes com produtos diversos, bem como, com a possibilidade real de projetarmos o *podcast* como uma ferramenta didático-metodológica e lugar de reflexão e análise do social mais acessível, parte de novas políticas comunicacionais para aproximar a academia da sociedade.

Ainda, um desafio a ser vencido é o da valorização desse trabalho. Fazer um *podcast* demanda tempo, estudo, articulação e resulta em um material de conteúdo acadêmico. Todavia, onde colocar no *lattes*? Como as professorias da pós-graduação podem se envolver com um projeto de extensão que exige tanto se ele não conta (quase) nada para seus currículos ou para a avaliação institucional do docente? Como a pós-graduação pode acolher e incentivar projetos como esses que temos espalhados nas universidades do Brasil se com *podcasts* ela não ganha pontos, tal qual outras produções acadêmico-científicas, para suas avaliações junto aos órgãos de incentivo e fomento à ciência? Docentes vinculados às pós-graduações não são incentivados a investirem em projetos como a produção de podcasts porque eles ainda não são parte da contabilidade das avaliações institucionais, embora novas formas de comunicação científica sejam um tema no debate das universidades no mundo inteiro.

Por fim, entendemos que o maior desafio em questão permanece sendo o da comunicação estruturada no diálogo. Pode o *podcast* operar como potente instrumento de produção e circulação de comunicação, no sentido freiriano da palavra? Em tempos de sociabilidades digitais, não podemos e não desejamos nos furtar do desafio não necessariamente de responder a essa questão, mas de seguir qualificando sua elaboração. Conhecer, comunicar, articular e expandir parecem ser grandes desafios pedagógicos que compreendem zonas ampliadas de nossa atuação na universidade para a universidade, mas também na universidade para aquilo que a sustenta e justifica: a sociedade brasileira. A dialogicidade que nos desafia, portanto, é aquela que nos mobiliza a partir de uma política dos encontros que não se encerre em salas de aula; que se expanda aos incontáveis rincões do país, mas, ainda, esteja também disposta a recosturar a experiência docente e discente em tempos tão sombrios.

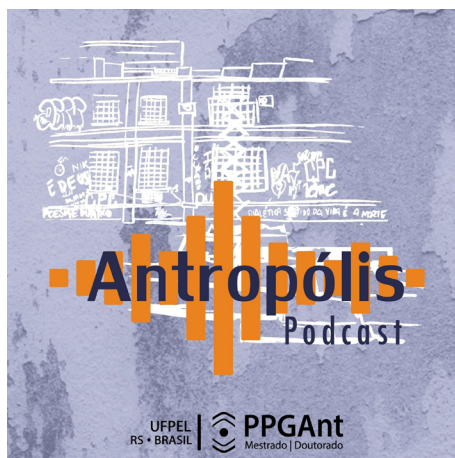


Acesse aqui a página do *podcast* Museológicas na Rádio Kere-kere

Hugo Menezes Neto: Doutor em Antropologia (UFRJ/IFCS), professor do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenador do Projeto de Extensão Museológicas Podcast. Pesquisador dedicado aos temas ligados ao patrimônio imaterial, museus, teoria dos objetos, festas e cultura popular. *E-mail:* hugo.menezesnt@ufpe.br

Francisco Sá Barreto dos Santos: Doutor em Sociologia (PPGS-UFPB), Professor do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Coordenador do Projeto de Extensão Museológicas Podcast. Pesquisador dedicado aos estudos urbanos e políticas de patrimonialização em contextos pós-coloniais. *Email:* francisco.bsantos@ufpe.br

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-6>



Antropópolis *Podcast*: para muito além da academia

Guilhermo Aderaldo
Francisco Pereira Neto
Claudia Turra Magni
Ediane Oliveira
Gabriela Lamas

Muitas vezes nos perguntamos: por que a Antropologia, que estuda todo universo da humanidade, é tão desconhecida? Por que essa, que é a mais nova das Ciências Sociais, é seguidamente confundida com Ornitologia (estudo das aves), com Arqueologia (estudo dos vestígios materiais dos povos) e outras “logias”? Não queremos aqui desvendar esse mistério; apenas buscar meios de torná-la mais compreensível. Através do relato da construção de nosso podcast, Antropópolis, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal

de Pelotas (UFPel), pensamos contribuir para que essa fascinante área do saber ressoe melhor em seu ouvido.

Antropologia na podosfera

O uso de tecnologias digitais na produção e divulgação do conhecimento antropológico tem sido um desafio estimulante, em particular (mas não apenas), para as novas gerações. Alguns núcleos acadêmicos, como o *Banco de Imagens e Efeitos Visuais* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (BIEV, UFRGS) têm tido grande êxito nesse sentido, como bem revela a entrevista que fizemos com uma de suas coordenadoras, a Profa. Ana Luiza Carvalho da Rocha¹. Atualmente, as condições impostas pela pandemia da COVID19 tornaram esses recursos tecnológicos incontornáveis, sobretudo para o ensino.



Microfones, computadores, internet e torcida para tudo dar certo. Autoria: Guilherme Aderaldo.

No Brasil, vivemos retrocessos políticos, com cortes orçamentários, autoritarismo e agravamento das dificuldades para trabalhar nas universidades públicas. Diante desse novo cenário, fomos instigados a desenvolver outras possibilidades de troca mediadas por recursos digitais, como *lives*, *podcasts*, aulas abertas, bancos de imagens, exposições virtuais, etc. Essas iniciativas tornaram-se promissoras.

1

Episódio #11: Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5OpJBO8YUj9sqJJ3DIWT5>

soras e viabilizaram novas formas de intercâmbio de ideias, abrindo oportunidades até então impensáveis. Núcleos de pesquisa localizados fora das grandes metrópoles têm podido se articular através de canais nacionais e até internacionais, dando grande visibilidade e “audibilidade” à sua produção científica, para muito além do universo acadêmico. Dentre os exemplos dessa descentralização da produção via canais digitais, temos, na cidade de Sobral-Ceará, o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME, da Universidade Federal do Vale do Acaraú (UVA), que vem tecendo a história da Antropologia Visual no Brasil por meio de uma série de *lives* com antigas e novas gerações de pesquisadoras, difundidas via Youtube².

Mas é na radiodifusão digital que queremos nos deter aqui, e sua esfera de abrangência tem sido tamanha, que o termo *podosfera* foi adotado pelos amantes de podcasts. Neste caso, para além de nossa experiência recente com o Antropólis, da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, sobre a qual nos detemos adiante, podemos citar outros *podcasts* que se consagraram fora do eixo acadêmico Sul-Sudeste, como *Museológicas*, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ou o *Observa Antropologia*, da Universidade Federal de Paraíba (UFPB), ambos apresentados em capítulos deste livro.

Mas não é apenas a produção antropológica que se beneficiou com a ampliação de sua difusão na *podosfera*. As próprias populações que foram tradicionalmente pesquisadas pela Antropologia tornaram-se protagonistas neste e em outros veículos de comunicação, trazendo à cena novas linguagens, ideias e conceitos capazes de transformar esta área do conhecimento em termos teóricos, metodológicos, pedagógicos e políticos. Este é o caso de *podcasts* produzidos e veiculados por populações indígenas, como, por exemplo: *Áudio Wayuri* ou *Copiô, parente* – boletim do Instituto Socioambiental (ISA) que traz notícias semanais de Brasília concernentes es índies e povos da floresta.

Além disso, o acesso ao diálogo entre antropólogos e interlocutores foi outra possibilidade que se abriu na *podosfera*. É o que faz o Mundaréu, *podcast* produzido em parceria entre o Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo (LABJOR) da Unicamp e o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (tema de um dos capítulos desta publicação). À semelhança do que fez *Dziga Vertov* com o filme *Um Homem com uma Câmera* (1929), que revelava o

2 As entrevistas podem ser vistas em: <https://www.youtube.com/c/LabomeVisualidades/videos>

modo de elaboração de um filme, este *podcast* põe a nu a forma de construção de pesquisas antropológicas. Nele são abordadas as negociações em “trabalho de campo” (como é chamado o processo de elaboração de dados da pesquisa), as trocas com interlocutories, incluindo os sentimentos de ambos, suas alegrias, dores e tensões, indissociáveis do encontro etnográfico.

Não é raro nos depararmos com pessoas que se decepcionam com pesquisas (não somente antropólogos), ao sentirem que seus conhecimentos foram usados por saberes especializados e não compartilhados com os grupos pesquisados. De fato, a Antropologia se desenvolveu no fim do século XIX e início do século XX, num contexto de colonização de saberes europeus sobre os povos colonizados. Mas há várias décadas ela persegue uma “virada” nesta forma de fazer ciência, reconhecendo a importância de saberes “nativos”, aproximando e compartilhando conhecimentos e práticas de pesquisadores e pesquisades. Nesse sentido, o recurso *podcasts* pode contribuir para estabelecer mediações, devoluções e traduções dos avanços e resultados alcançados pelas pesquisas. Em termos éticos, portanto, a podosfera abre uma excelente oportunidade de estreitar as relações de troca e comunicação entre a produção antropológica, as populações e coletivos que dão sentido à sua existência e à sociedade abrangente.

Antropólis: experimentando novas habilidades através do *podcast*

Na Universidade Federal de Pelotas, o ensino da Antropologia existe desde 2008, quando foi criado o Bacharelado. O Mestrado e Doutorado surgiram logo após, em 2012 e 2016, respectivamente. A ampla difusão dos estudos e das atividades desenvolvidos nestes cursos é a tônica dos projetos de extensão universitária. Em 2017, es estudantes do Bacharelado, apoiades por docentes, criaram um programa radiofônico semanal veiculado pela rádio comunitária de Pelotas (RadioCom, 104.5 FM): “Nós Nosotros: antropofonias e charlas”³. O projeto de extensão mantém-se ativo até hoje e foi convertido em podcast após a pandemia de COVID 19.

3 Disponível em: <https://www.listennotes.com/podcasts/n%C3%B3s-nosotros-nos-nosotros-Zor-XN7-HWMw/>

Mas o *Antropólis* foi o precursor na experiência com *podcasts*. Criado em 2019, foi uma iniciativa de Guilherme Aderaldo, que acabara de chegar em Pelotas na condição de bolsista de pós-doutorado e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia⁴. A vontade de desenvolver um projeto de difusão sobre temas relacionados à Etnografia Urbana e à Antropologia da Imagem vinha de sua trajetória de pesquisas em diversos centros acadêmicos: o Núcleo de Antropologia Urbana (NAU), o Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC) e o Urbandata Brasil, na USP, além do Laboratório de Antropologia Contemporânea da Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais (*Laboratoire d'Anthropologie Contemporaine - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*), na França.

No Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel, a iniciativa ganhou plena acolhida do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) e do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). Entendia-se que a criação de um *podcast* permitiria o desenvolvimento de novas habilidades técnicas, comunicativas e político-pedagógicas, de modo mais interativo e capaz de fortalecer trocas, pontes e diálogos entre núcleos de dentro e de fora da UFPel, assim como com a sociedade em geral. Naquela altura, não havia tantas iniciativas do gênero na área de Antropologia, e as habilidades relativas à podosfera ainda eram escassas entre nós.

Com a chegada da pandemia da COVID 19, no fim do primeiro trimestre de 2020, e a frustração de termos que manter o distanciamento social, a dedicação à construção do projeto acabou se convertendo numa oportunidade associativa importante ou numa “terapia coletiva”, como costumamos brincar internamente. Montamos uma pequena comissão e um grupo no *WhatsApp*, com pessoas ligadas aos referidos laboratórios e fomos discutindo possibilidades relacionadas à proposta, ao título e à identidade visual do projeto. Guilherme, de saída, sugeriu o título *Antropólis*, um termo inventado para conjugar as palavras “Antropologia”

4 A construção de um *podcast* fazia parte do plano de trabalho que o pesquisador pretendia desenvolver na instituição, todavia, com a formação da atual equipe, verificou-se que o desejo de construir um projeto como este também era compartilhado pelos demais colegas, o que fez com que a proposta se desenvolvesse de forma entusiasmada e num espírito profundamente colaborativo, conforme esperamos deixar claro no decorrer deste capítulo.

e “Pólis” (conceito criado na Grécia Antiga para designar o que hoje entendemos como cidade). O urbano, nesse caso, é pensado em seu cosmopolitismo, como ambiente de trocas, interações culturais, circulação de saberes e potência simbólica. A princípio, o nome pareceu estranho e decidimos deixá-lo, provisoriamente, enquanto buscávamos desenvolver imagens que, de alguma maneira, representassem a identidade visual do podcast.

Algumas sugestões de imagens e logomarcas foram surgindo, até que Gabriela Lamas, graduada em Cinema e Audiovisual pela UFPel e mestranda em Antropologia, criou uma ilustração da fachada do Instituto de Ciências Humanas (ICH), com seus *pixos* característicos e sua rua de paralelepípedos. Situado na região portuária de Pelotas, este prédio do ICH faz parte do patrimônio industrial da cidade, que remonta ao seu passado de prosperidade econômica e está dentre as construções recuperadas pela Universidade Federal para fins acadêmicos, e os *pixos*, marca registrada da fachada do ICH, trazem a intervenção social no urbano. Em primeiro plano, o desenho mostra a rua de paralelepípedos, também emblemática na região de Pelotas.

Depois de uma série de testes de aplicação, o desenho em linhas brancas foi aplicado sobre uma foto de uma parede descascada, com um filtro de cor violeta, tendo a intenção de inserir o logotipo do *Antropólis* na cidade, como um *pixo* em um muro descascado. O muro descascado remete tanto às marcas de memória e envelhecimento, como a uma característica da cidade de Pelotas, que com sua intensa umidade não poupa as superfícies e estruturas arquitetônicas.

Sobre a ilustração, pousa o símbolo de ondas sonoras, em laranja. Em equilíbrio com esta cor quente, uma cor fria, o violeta escuro, foi usado para o título, “Antropólis *podcast*”. Esta imagem convenceu a todes como logotipo, ao transmitir a sensação de uma conexão ampliada entre a comunidade acadêmica e a cidade. Nela, o nome do *podcast* pareceu fazer mais sentido, e assim foi aprovada a marca definitiva do projeto. A partir desta identidade visual, foram criadas as capas dos episódios, com pequenas variações, de acordo com a fotografia fornecida por cada pessoa entrevistada.



Imagens de capas dos episódios do podcast *Antropópolis*. Autoria: Gabriela Lamas.

A etapa seguinte foi definir uma equipe técnica para organizar e produzir os episódios. Guilherme passou a atuar como anfitrião e editor; Gabriela, além da produção das artes e imagens, assumiu assistência de edição; como respectivos representantes dos dois núcleos associados (GEEUR e LEPPAIS), o Prof. Francisco Pereira Neto e a Profa. Claudia Turra Magni incorporaram-se à equipe. Contando com experiência na rádio comunitária de Pelotas (RádioCom, 104.5 FM), Ítalo de Castro, graduando que havia participado no início do projeto, acabou se afastando do projeto para cuidar do podcast *Nós Nosotros*. Posteriormente, a equipe passou a contar com a valiosa participação da mestrand Ediane Oliveira, que atualmente divide a função de anfitriã com Guilherme. Formada em Jornalismo, Ediane traz consigo habilidades como produtora cultural e como apresentadora da *RadioCom*, onde manteve por anos um programa semanal.

Para testar os recursos técnicos e conversar sobre a proposta do *podcast* entre nós mesmos, fizemos um teste com membros da equipe inicial: Guilherme, Gabriela, Francisco e Ítalo. Com o resultado aprovado, decidimos publicá-lo como “episódio piloto”. Para o programa de estreia, marcamos uma entrevista com a Profa. Claudia, também membro da equipe, que se encontrava na França, afastada da UFPEL para um Pós-Doutorado na *Universidade de Aix-Marseille*. Àquela altura, ainda estávamos dando os primeiros passos no desenvolvimento de habilidades

necessárias à edição de áudio e houve certa dificuldade na tentativa de dar conta dos desafios técnicos que se apresentavam. Mas ficamos muito satisfeitos com os primeiros resultados e, pouco a pouco, fomos avançando no domínio do *Audacity*, software livre para edição de áudio.

Desde as primeiras reuniões da equipe, havíamos acertado que o *podcast* teria como recorte temático os campos da Antropologia Urbana e da Antropologia da Imagem e do Som. A ideia era nos valermos da experiência acumulada pelos dois referidos laboratórios parceiros (GEEUR e LEPPAIS), para desenvolver a seguinte proposta: a cada episódio, convidar uma pesquisadora para uma conversa de pouco mais de uma hora sobre sua trajetória e atuação naqueles campos de pesquisa. Para contribuir na realização da entrevista com este pesquisador, decidimos convidar, a cada encontro, uma pessoa externa à equipe fixa, que tivesse interesse de estudo sobre o tema a ser tratado. Desse modo, o *podcast* tornou-se uma plataforma para o incremento de experiências pedagógicas, abrindo a oportunidade de estudantes e docentes de pós-graduação conversarem sobre suas pesquisas com pesquisadoras de referência em determinados temas.

Não por acaso, tivemos diversas ocasiões profundamente emocionantes, que se desdobraram das conversas com convidadas. Trocando em miúdos, a intenção do nosso programa foi de homenagear o próprio ofício da Antropologia, desvendando diferentes facetas dos percursos pessoais na formação e carreira de uma pesquisadora: as marcas impressas pelas suas experiências acadêmicas e extra-acadêmicas; as escolhas de temas estudados e os caminhos para alcançá-los; os aprendizados e dilemas inseparáveis do desafio de construir conhecimento junto com seus interlocutores em trabalho de campo; as reflexões éticas que acompanham qualquer descrição etnográfica de uma cultura; o compromisso de devolução dos resultados alcançados; a conciliação entre a pesquisa e o ensino/aprendizado da Antropologia e muito mais...

Com o desenvolvimento do projeto, passamos a apostar cada vez mais em experiências de edição, inserindo múltiplas vozes e camadas sonoras no registro da conversa com a pessoa convidada, além de disponibilizar as referências de livros, filmes ou outras publicações destacadas no episódio. À medida em que fomos experimentando novos recursos e descobrindo outros *podcasts*, percebemos as incríveis possibilidades comunicativas da podosfera e sua capacidade de nos fazer mergulhar e transitar por diferentes universos sonoros.

Audição: uma experiência sensorial e educativa

Há diversos estilos de *podcasts*. Alguns têm perfil mais narrativo, outros são voltados a diálogos e entrevistas; há os que privilegiam comentários sobre obras autorais ou biografias, dentre tantas possibilidades comunicativas. Mas para além desta diversidade de estilos, que se diferenciam da linguagem estritamente acadêmica, outra peculiaridade dos *podcasts* é a inserção de efeitos sonoros produzidos por gravador, ambiências musicais, trechos de músicas, sons e áudios disponíveis na internet, além dos próprios registros de trabalho de campo. Estes materiais sonoros integrados às falas que conduzem os programas não são, de modo algum, um apêndice ou mero “floreio” do discurso. Para além da compreensão racional do tema que está sendo discutido, esta ambientação sonora excita a percepção sensorial da audiência e contribui para interação performática da comunicação.

Para um renomado antropólogo contemporâneo, Tim Ingold (2008), o ouvir e o enxergar não são sentidos separados: o som pode nos fazer enxergar, assim como a visão nos permite ouvir. Ambos sentidos estão integrados a um corpo que, por sua vez, interage no ambiente. Deste modo, a experiência sonora não é restrita aos ouvidos, mas sim causada por vibrações em meios e superfícies que nos circundam. Para este autor, o som não é um “objeto” que nos chega do exterior para o interior de nossa mente, a qual restaria numa atitude passiva. Ao contrário, ouvimos com o corpo inteiro, ativamente e imersos no ambiente em que estamos. Assim como a luz é o “meio” através do qual conseguimos enxergar, o som é o “meio” através do qual conseguimos ouvir. Portanto, não escutamos “o” som, mas “no” som. A audição é um modo de participação no mundo, uma maneira de experienciá-lo através de nossa percepção.

Deste modo, ao recuperarmos e produzirmos ambiências sonoras para orquestrá-las em meio à linguagem verbal que guia os programas de podcasts, estamos, de alguma maneira, reativando a memória de experiências vividas, despertando a imaginação dos ouvintes e promovendo experiências de imersão nos universos sociais e culturais que estão sendo tratados. Não se trata, em absoluto, de uma audição passiva, mas de uma escuta atenta, em que a pessoa interage sensorialmente, interpreta, atribui significados e mobiliza lembranças e reflexões sobre o assunto em questão.

Além de incrementar, valorizar e dinamizar as entrevistas, essa montagem sonora permite “abrir” o discurso para múltiplas vozes, situadas em contextos, épocas e lugares distintos, em torno de um tema comum. A importância desta montagem dos programas com ambientação sonora e diversificação narrativa é tamanha, que, muitas vezes, as próprias pessoas convidadas se surpreendem com o resultado final. É como se elas redescobrissem seus próprios relatos a partir de outros pontos de vista e de escuta, abrindo-se para uma nova experiência perante o vivido, ouvido e enxergando de uma maneira renovada aquilo que elas próprias vivenciaram e relataram. Por sua vez, elas costumam se sentir estimuladas a compartilhar o programa com outras pessoas, e nós tivemos oportunidade de receber o retorno positivo de várias dessas ouvintes.

Por outro lado, em termos pedagógicos, tem sido cada vez mais comum o uso de *podcasts* em experiências educativas, tanto que a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) desenvolveu um formato para padronizar a citação deste tipo de referência em trabalhos acadêmicos⁵. Dentre algumas iniciativas bem sucedidas de produção de materiais sonoros, criados especificamente para aulas, destacamos a série “Mundo na sala de aula”, do *podcast* Mundaréu, em que estudantes de Ciências Sociais e, em especial, Antropologia, são convidadas a produzir episódios curtos, baseados em questões trabalhadas nas aulas⁶.

Em nosso caso, a partir da experiência do *podcast* Antropólis, o Prof. Guilherme Aderaldo tem lançado mão deste recurso em suas disciplinas no Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal de Pelotas (UFPe), e a iniciativa tem se mostrado muito promissora. O método de ensino consiste no seguinte: e pesquisadore/professore orienta es estudantes a fazerem o que chama de “áudio-resenhas”, que consistem, basicamente, no registro sonoro de uma leitura crítica de artigos a serem discutidos em aula. Após receber os arquivos de áudio des alunes, e professore coloca em valor aquele registro, agregando outros materiais sonoros, como músicas, trechos de falas, tanto de personagens indiretamente ligados à discussão, quanto des próprias autories dos artigos resenhados. São ainda inseridos outros elementos narrativos, ambiências sonoras e narrações confeccionadas pele própria professore. Finalmente, os materiais editados retornam às estudantes, es-

5 A citação de *podcasts* deve ser feita deste modo: Título do post. [Locução de]: Nome do locutor. Local: Produtora, dia mês ano. Podcast. Disponível em: link. Acesso em: data de acesso.

6 Para mais detalhes, ver: <https://mundareu.labor.unicamp.br/series/mundo-na-sala-da-aula/>

estimulando uma apreensão mais abrangente e imersiva das discussões contidas nos textos. Em termos pedagógicos, criam-se condições de uma produção colaborativa do conhecimento, envolvendo várias protagonistas: o autor da obra de referência, o autor da resenha e o educador, que revisa a resenha e contribui para enriquecer o produto final, tal como um mestre regendo uma orquestra.

Aprendendo com a experiência, criando redes, diversificando enfoques e expandindo universos sonoros

Em 2020, finalizamos a primeira temporada do Antropólis, com 12 programas publicados. Além do episódio-piloto, participaram como convidadas, várias pesquisadoras: Claudia Turra Magni (professora do curso de Antropologia da UFPel), Otávio Raposo (realizador audiovisual e professor do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)); Denise Pimenta (pós-doutoranda na FIOCRUZ); Guilherme da Rosa (professor do curso de Cinema da UFPel); Rafael Bastos (professor do curso de Antropologia da UFSC); Bianca Freire Medeiros (professora do curso de Sociologia da USP); Patrícia Pinheiro (pós-doutoranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPB); Handerson Joseph (professor do curso de Antropologia da UFRGS); Edgar Barbosa Neto (professor da Faculdade de Educação na UFMG); Ana Luísa Carvalho da Rocha (professora da FEEVALE e pesquisadora da UFRGS). O episódio de encerramento da temporada foi construído a partir de conversas com representantes de podcasts que, ao longo deste percurso, se tornaram parceiros.

Esses intercâmbios com outros *podcasts*, aliás, têm sido extremamente estimulantes para a equipe do Antropólis. Desde o início desse processo de construção coletiva, pudemos contar com a fundamental ajuda de João Freitas, anfitrião do “Urbanidades”, *podcast* organizado pela equipe do Urbandata Brasil, vinculado à USP e ao Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Posteriormente, passamos a nos comunicar com as equipes de vários outros *podcasts* de Antropologia e Ciências Sociais, especialmente: Mundaréu, Observa Antropologia e Museológicas.

Esses diálogos e trocas foram se ampliando rapidamente, e, inspirados em outras experiências como das rádios Novelo⁷ e Guarda Chuva⁸, decidimos criar uma rede de *podcasts*, com um selo próprio e uma identidade visual (criação de

7 Ver: <https://www.radionovelo.com.br/>

8 Ver: <https://www.radioguardachuva.com.br/>

Thiago Oliveira, membro da equipe do ObservaAntropologia). A rede *Kere-Kere*⁹, de que tratamos na introdução deste livro, em curto espaço de tempo, já demonstrou a que veio, ampliando adeptos e proporcionando articulação e engajamento político, científico e colaborativo entre as equipes. Prova disso é a representação que obteve junto a importantes organizações científicas, como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

De sua parte, a equipe do Antropólis teve a oportunidade de fazer seu balanço em dezembro de 2020, finalizando uma primeira temporada de muito aprendizado no desenvolvimento de habilidades necessárias a garantir seu espaço na pódosfera. No episódio de fechamento deste primeiro ano¹⁰ tratamos, justamente, do processo de desenvolvimento da *Kere-Kere* e, para isso, contamos com intervenções dos três *podcasts* que, juntamente com o Antropólis, deram o passo inicial no processo de fundação da rede, ou seja, Mundaréu, Observa Antropologia e Museológicas.

A realização do episódio também anunciou uma novidade no formato de nossas emissões. Isso porque se tratou de um episódio narrativo, com um roteiro e uma montagem escritos e produzidos coletivamente. A experiência nos estimulou a pensar numa série narrativa, que pretendemos intercalar com a série tradicional em formato de mesa redonda, com entrevistas, a partir da segunda temporada.



Imagem da capa do episódio de encerramento da primeira temporada do *Antropólis Podcast*. Autora: Gabriela Lamas.

9 Ver: <https://radiokerekere.wordpress.com/>

10 Ver: https://open.spotify.com/episode/15MdGpkCiRcath6Kdk89ya?si=iied5CjGSU2nkr6_tk5v6g

No decorrer deste percurso, também percebemos que as linhas temáticas definidas inicialmente (Etnografia Urbana e Antropologia da Imagem e do Som) foram, gradualmente, se flexibilizando, o que nos incita a ampliar e diversificar nosso campo de atuação na Antropologia e também investir em diálogos com outras áreas do conhecimento, dentro e fora da academia.

Conforme adiantado, na segunda temporada, planejamos investir em novas experimentações, para além do formato original, caracterizado por entrevistas dialogadas com pesquisadores de referência. A elaboração de séries narrativas já se tornou uma realidade e, além disso, estudamos construir episódios baseados, por exemplo, em enredos de ficção produzidos coletivamente a partir de trabalho etnográfico (o que chamamos de etnoficção).

Com tudo isso, é possível concluir dizendo que o Antropólis se configurou como uma experiência não apenas de ensino, aprendizado e prática do ofício da Antropologia, mas também, e sobretudo, como um modo de incrementar o diálogo e a construção colaborativa do conhecimento para muito além da academia.

Referências

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. *Ponto Urbe* [Online], 3, 2008. Acesso em: 06 jan. 2021.



Acesse aqui a página do *podcast* Antrópolis na Rádio Kere-kere

Guilherme Aderaldo é doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador/professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (Ppgant/Ufpel). Suas pesquisas giram em torno dos seguintes temas: antropologia urbana, antropologia da política, antropologia das mobilidades e práticas culturais juvenis. *Email:* guiade@ymail.com

Francisco Pereira Neto é doutor pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS e professor de Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPEL, onde integra o Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). *Email:* francisco.fpneto@gmail.com

Claudia Turra Magni é doutora em Antropologia pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) e professora do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (Ppgant/Ufpel), onde também coordena o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) e o coletivo de pesquisas Antropoéticas. *Email:* clauturra@yahoo.com.br

Ediane Oliveira é graduada em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo (UCPel), mestra em Antropologia (UFPel) e doutoranda em Jornalismo (UFSC). Suas pesquisas abordam teorias epistemológicas de mulheres negras, mídia e necropolítica. Também atua como jornalista, assessora e produtora cultural em projetos com movimentos negros, sociais e artísticos no Rio Grande do Sul. *E-mail:* edianecomunica@gmail.com

Gabriela Richter Lamas é graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), onde é, atualmente, mestranda em Antropologia. Dirigiu curtas metragens, entre eles “Sesmaria” (São Lourenço do Sul, 2015), com o qual foi premiada em festivais de cinema do Brasil e do exterior e trabalha com direção de arte para cinema e audiovisual. *Email:* gabirlamas@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-7>



Compósita: uma forma de aprender sobre a Amazônia a partir da escuta¹

Ramon Reis

Se estar à escuta é inquietar-se, comecemos por nos colocarmos em situação de inquietude, de escuta (PESSOA, 2017, p.14)

Em abril de 2020, em um dos períodos mais críticos da pandemia de covid-19, decidi colocar no papel um projeto antigo cujo objetivo era tornar acessíveis as pesquisas antropológicas produzidas na região Norte, com uma atenção voltada para o estado do Pará por ser o meu local de origem e o lugar onde me formei em Ciências Sociais.

¹ Produzido por Ramon Reis e distribuído a partir da plataforma de áudio Anchor, o *podcast* Compósita está disponível em alguns dos principais tocadores, como Apple, Google e Spotify, e no YouTube.

No período de 2005 a 2012, cursei a graduação e o mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará (UFPA). Desde então, senti um incômodo presente nos textos que li nas aulas, sobretudo porque notei que a Antropologia produzida na Amazônia passava à margem de outros textos considerados clássicos na área. Em sala ou participando de eventos acadêmicos locais, nacionais e internacionais, quase sempre saí com a impressão de que a Amazônia era boa para pensar, nunca para referendar. Perdi as contas de quantas vezes, em algumas dessas situações, me senti um mero objeto ou apenas um sujeito reprodutor de conhecimento.

Esses incômodos ganhavam novos sentidos à medida que eu avançava nas leituras e me propunha a exercitar algum tipo de reflexão que me causasse estranhamento em relação ao que costumavam chamar de “Antropologia Amazônica” ou “Antropologia Paraense”. Tive que correr por fora para compreender o significado de cada um dos termos. O ingresso no doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP), em 2012, foi decisivo para a construção de uma espécie de Antropologia do retorno a mim e a todas as leituras e pessoas que conheci desde a graduação.

Estimular um olhar distanciado e estranhar o que me era familiar a partir das leituras de Gilberto Velho (1978), na graduação e na pós-graduação, foi um exercício constante durante esse período de retorno, que mais parecia um movimento de se olhar de fora para dentro e tentar encontrar algum fio solto no qual eu pudesse demarcar uma escrita (SOARES, 2020) e uma escuta ou perceber o que a proximidade informa em situações de reencontro com as nossas origens (BEMERGUY, 2017). Costumava ficar intrigado por não saber o que fazer com uma série de ideias e rascunhos que de vez em quando retornavam e me diziam: a Antropologia não é feita apenas de um conjunto de textos marcados por teorias e metodologias sobre um contexto específico de pesquisa; aprenda e ensine Antropologia como se estivesse na rua conversando com um desconhecido; vivencie o que já sabe perguntando para si e para os outros quais os caminhos que nos aproximam e distanciam.

O término do doutorado, em 2016, e a volta para o Pará, em 2017, trouxeram à tona uma mudança de perspectiva. Marcada pela interface entre os estudos de gênero e sexualidade e a Antropologia Urbana, a minha trajetória acadêmica também tinha (e tem) relação direta com todos os incômodos e estranhamentos

que eu vivenciei durante a formação em Ciências Sociais e Antropologia. O reencontro com as minhas origens nos anos seguintes, 2018 e 2019, serviram de ponto de partida para: I - o meu reconhecimento como um sujeito produtor de conhecimento; II - a valorização da chamada “Antropologia Amazônica” ou “Antropologia Paraense” como um território de produção científica que não se resume à ideia romântica associada à biodiversidade.

Vi nascer naqueles anos o que eu chamei inicialmente de consultoria e depois de curadoria de conhecimento. Sem me dar conta, percebi que tinha um problema de pesquisa em mãos e uma certeza: embora o meu objetivo fosse tornar acessível determinado conhecimento, nunca tive a pretensão de transformá-lo em uma fórmula pronta sobre a Antropologia e a Amazônia.

Inspirada na relação entre Antropologia e Museologia (GONÇALVES, 2007; CARVALHO, 2015), especialmente nas possibilidades de mediar determinada produção de conhecimento a partir de aspectos complementares e confluentes sobre um contexto regional, constituindo processos de historicização traduzidos por escolhas que me são comuns e próximas, a curadoria Compósita é um espaço autorreflexivo sobre o fazer antropológico na Amazônia e os vários matizes que atravessam esse fazer, uma espécie de bússola que norteia ou margeia aspectos entranhados nos nossos modos de ver, escutar e falar². Além disso, outra fonte de inspiração foi a curadoria de conhecimento Inesplorato, uma empresa paulistana que cria processos colaborativos de sistematização de saberes, organizando conteúdos e materiais (livros, filmes, artigos, vídeos, sites etc.) com vistas a filtrar escolhas³.

Entre idas e vindas, conversas com amigas, formulações teóricas, definição de público, logomarca e nome, cheguei à conclusão de que a melhor forma de tornar visível tudo aquilo que eu pensei e escrevi era criar um perfil em alguma rede social para servir de canal oficial de comunicação. Essa estratégia surgiu depois de notar um baixo número de perfis de divulgação científica na internet sobre Antropologia na Amazônia. Optei por escolher o Instagram como a rede social que mais se adequava ao que pretendia naquele primeiro momento, que era

2 Para mais informações sobre a curadoria Compósita, acesse: <https://www.instagram.com/compositacuradoria/>

3 Para mais informações sobre a curadoria de conhecimento Inesplorato, acesse: <https://www.instagram.com/inesplorato/>

tornar acessível um conhecimento científico a partir da relação entre texto, imagem e som. Vale ressaltar que essa escolha também se deu em função da minha habilidade em manusear o Instagram.

As inúmeras possibilidades de relacionar texto, imagem e som me fizeram colocar de pé um dos braços da curadoria, o *podcast* Compósita. Lançado em 12 de julho de 2020, em algumas plataformas de áudio como o Spotify, o primeiro episódio do Compósita teve como tema “Gênero, Sexualidade e Educação”. Com a participação da antropóloga e historiadora Ana Lídia Nauar, professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Pará (UEPA), o episódio funcionou como um cartão de visita para o projeto, assim como serviu de termômetro para medir a sua audiência.

Os três temas da nossa conversa (gênero, sexualidade e educação) me fizeram perceber que um dos pontos centrais para a criação e o desenvolvimento do *podcast* Compósita lançavam um olhar para a Amazônia a partir de quatro eixos temáticos, são eles: cidadania, identidade, diferença e diversidade, pois são pautas que cruzam a minha trajetória acadêmica justificando os pontos de partida do projeto citados anteriormente. Trata-se, portanto, de um aspecto que merece atenção redobrada ao fazer antropologia na Amazônia, principalmente porque falar, por exemplo, de racismo, LGBTIfobia e violência contra as mulheres continua sendo um dos principais problemas seja pela dificuldade de trabalhá-los, seja pela produção de posturas negacionistas sobre eles, evidenciando, entre outros fatores, uma defasagem de aprendizado, já que o olhar lançado sobre esse lugar, fruto de processos seculares de exploração sociocultural, encapsula tais temáticas colocando-as em segundo plano para validar narrativas telúricas, superlativas e fantasiosas. O problema colocado não diz respeito à impossibilidade de pensar a terra e o solo como substratos das relações na Amazônia, mas sim, à criação de narrativas e imagens que legitimam a Amazônia exclusivamente pelo espaço e tempo ecológico da floresta.

Escolhas e significados

“Por que Compósita?”. Essa era a pergunta que várias amigas me fizeram tentando entender o motivo daquela escolha e qual o significado atribuído a ela. O primeiro nome que eu pensei foi “Nortes Antropológicos”, uma referência direta à coletânea homônima organizada por Wilma Marques Leitão e Raymundo Heraldo

Maués (2008), dois nomes importantes para a formação de muitos antropólogos na UFPA. Conversando com amigos, cheguei à conclusão de que o termo “Nortes Antropológicos”, apesar do apelo autoexplicativo e da ótima sonoridade, poderia reafirmar, em alguma medida, um imaginário amazônico marcado por um tom colonizador baseado nas riquezas naturais associadas à biodiversidade. É importante ressaltar que nenhum dos textos presentes na coletânea reafirma esse tipo de imaginário.

Observando a coletânea por dentro e lendo os capítulos, vislumbrei a possibilidade de compreender que os trajetos e as trajetórias de pesquisa apresentadas me levavam para a construção de um nome pouco usual, algo que eu já tinha me debruçado durante o doutorado, que era a possibilidade de apresentar para o grande público o desenvolvimento de pesquisas antropológicas na Amazônia a partir de um lugar marcado por relações de produção sociocultural consideradas “periféricas” e que talvez por isso, em alguns momentos, precisa nomear a si próprio para ser visível ou reconhecido.

Nesse sentido, pensar a Amazônia e o contexto paraense de produção de pesquisas antropológicas teve sentido e significado quando entendi que o meu ponto de partida vinha de um lugar que, embora tivesse servido de depósito no qual as colonizadoras colocaram todas as suas frustrações, também é complexo e heterogêneo (compósito) à medida que compreendi que a população local não está alheia ao impacto de determinados processos de exploração de sua mão de obra e de seu conhecimento.

Depois de repetir várias vezes a palavra compósito, não me pareceu que a flexão para o gênero masculino causava uma boa sonoridade. Cheguei a juntar as palavras antropologia e compósito, mas percebi que “Antropologia Compósito” não apenas não soava bem, como passava mais dúvidas ao invés de aguçar a curiosidade de possíveis interessadas. Um ponto crucial que me fez mudar o nome de compósito para compósita foi a relação com os eixos de atuação da curadoria. Se eu tinha a intenção de falar sobre a Antropologia desenvolvida na Amazônia em relação à cidadania, identidade, diferença e diversidade, reafirmar esse lugar atrelado ao gênero masculino me passava uma imagem de universalidade que há muito tempo vem sendo questionada pelo movimento feminista e negro.

“Antropologias Com-pósitas” ou simplesmente “Com-pósita”, assim nomeei o que chamei de curadoria de conhecimento em antropologia, um espaço onde é possível mediar o que se produz localmente através de escolhas baseadas por historicidades e subjetividades minimamente partilhadas. Em seguida, rascunhei alguns esboços do que viria a se tornar o *podcast* Com-pósita, ainda com hífen para passar uma imagem de algo em processo, inacabado. O uso do hífen também representava a possibilidade de pensar as trocas envolvidas na produção do conhecimento, constituindo caminhos horizontalizados de aprendizado. Visualmente, considero que a permanência do hífen na logomarca cumpre uma função estética relacionada a uma estratégia muito mais sensorial do que comercial. Por outro lado, a opção pela sua supressão no nome da curadoria (leia-se: signo) ocorreu quando compreendi que textualmente a criação de uma espécie de prefixo (com) deve caminhar junto do que eu chamei de caminho horizontalizado de aprendizado. Temporalmente, esse *insight* me ocorreu no final de 2020.

O meu interesse sempre esteve relacionado à possibilidade da curadoria ser um conjunto de ações sobre a Antropologia e as suas intersecções com outras áreas e saberes, como a História, a Filosofia, a Pedagogia e o chamado conhecimento tradicional, aquele que não é necessariamente produzido dentro de uma universidade.

Com base nesse percurso, é possível perceber que primeiro veio a ideia e depois o nome, isso ajuda a entender que a existência do *podcast* Compósita é o resultado de um processo baseado nas relações entre pensamento/significado, texto/palavra e som/escuta. Além disso, não fosse a pandemia de covid-19 e as medidas de isolamento social, talvez eu não tivesse me desafiado a ponto de tornar possível um projeto tão engenhoso como esse. Por mais contraditório que seja me preocupar com a criação de uma curadoria e um *podcast* no momento em que vidas são perdidas para um vírus e uma doença em função de atitudes negacionistas sobre as instituições públicas educacionais e sanitárias, a saída que encontrei para não enlouquecer e sucumbir ao caos veio da possibilidade de usar a educação como uma ferramenta para a construção de processos políticos e educacionais coletivamente engajados.

Insistir nessa possibilidade foi o que deu vida ao *podcast* Compósita, que acabou se tornando, junto com a curadoria, um espaço de produção de conhecimento coletivo em Antropologia, sem perder de vista os quatro eixos de atuação

- cidadania, identidade, diferença e diversidade -, que juntos sustentam essa rede colaborativa vinda da Amazônia Paraense, com vistas a criar canais de comunicação descentralizados dos grandes centros urbanos.

Paradoxalmente a essa feitura coletiva, é importante ressaltar que tamanha empreitada é uma iniciativa individual, afinal sou o principal responsável por todas as etapas de produção do *podcast*. Ainda assim, uso o termo coletivo para me localizar dentro de um campo de conhecimento, por excelência, heterogêneo, ou seja, refletir antropológicamente sobre a Amazônia é compreendê-la no plural. No fim das contas, um processo como esse que inicia de forma individual, entrevistando antropólogos para fins de divulgação científica específica, encontra sua materialização em sentidos de coletividade marcados por uma multiplicidade de caminhos, sons e vozes.

Trata-se de um espaço que mais parece um campo de forças internas e externas com intenso fluxo de entradas e saídas. Dito de outro modo: o *podcast* Compósita é um “território de escuta” (PESSOA, 2017, p. 8), isto é, uma “rede que se articula a partir de múltiplas origens: o sensorio e nosso saber sobre ele; as relações simbólicas estabelecidas por um indivíduo a partir deste sensorio; os diversos campos de conhecimento e as diferentes interpretações culturais sobre o mundo e sua variação histórica”. Significa que não é algo restrito ao mundo das ideias (CARMO, 2009). A existência e persistência desse espaço serve para criar estratégias menos desiguais ou não desiguais de inserção dos mais diversos sujeitos em espaços públicos e privados (*on* e *off line*) possibilitando questionar modelos preestabelecidos de produção de conhecimento científico, que insistem em dizer que sujeitos e territórios colocados à margem não podem reconhecer entre si um potencial político e intelectual.

Compósita é, portanto, uma ação que acredita em um mundo sem fórmulas prontas, não à toa na logomarca a primeira e última letras estão ao contrário evidenciando que o que se entende como educação e conhecimento é o resultado de um processo que envolve disputa e autonomia (FREIRE, 1967; hooks, 2013) e nem sempre é consensual.

Etapas de produção

Comecei a colocar no papel os esboços iniciais do *podcast* Compósita durante a primeira onda da pandemia de covid-19, em abril de 2020. Em casa, se-

guindo todas as medidas sanitárias de cuidado, peguei o celular, o fone de ouvido e o computador e iniciei o processo de produção. Ouvi dezenas de *podcasts* ao longo de algumas semanas e destaquei alguns pontos que me chamavam atenção, dentre eles: o roteiro, a entonação de voz e as vinhetas. Filtrei os que mais se aproximavam dos meus objetivos em relação à forma e o conteúdo. Em um universo amplo de podcasts com formatos diversos – entrevista, discussão/bate-papo, programa, informativo/jornalístico, histórias, meditação e educacional – optei pelo formato de entrevista por entender que as vozes de antropólogos perderiam sentido se elas não fossem as protagonistas de cada episódio.

Após a escolha pelo formato de entrevista, treinei a voz e a escuta e fiz alguns testes com o gravador do celular. Parecia um treinamento incessante: liga, pausa, desliga, ouve, apaga, aproxima, afasta, procura um lugar silencioso, usa um tom de voz mais grave. Exercitei por horas esses mesmos comandos até encontrar uma sonoridade agradável que me fizesse ter vontade de continuar escutando. Por fim, criei um texto inicial padrão que me serviu de guia e que, inclusive, o usei para divulgar no perfil da curadoria no Instagram (@compositacuradoria), assim dizia: “Olá! eu sou Ramon Reis e essa é mais uma edição do Antropologias Com-pósitas, uma iniciativa idealizada pela curadoria de conhecimento Com-pósita, um espaço colaborativo de produção de conteúdo sobre antropologia com ênfase para as temáticas de cidadania, identidade, diferença e diversidade”.

Antes de detalhar as três principais etapas de produção dos episódios do *podcast* Compósita, destaco a importância do exercício de aguçar a voz e a escuta como recursos fundamentais para o desenvolvimento do que eu chamei de Antropologia do retorno, e que posteriormente eu compreendi como um movimento de saída de uma “escuta atávica” (acostumada a ouvir sons da sua própria realidade) para uma “escuta política” (manifestada para demarcar posições políticas em relação ao nosso modo de estar no espaço comum (PESSOA, 2017)). Com isso, estou interessado em evidenciar que o surgimento desse *podcast* é parte de um processo mais amplo de reconhecimento de si e das múltiplas vozes que produzem conhecimento antropológico na Amazônia, não à toa trata-se de um espaço colaborativo com sotaque nortista justamente para que ouvinties não familiarizadas treinem a escuta antes, durante e depois de cada episódio.

Sigo agora para as quatro etapas de produção, divididas em: I - seleção de convidadas; II - elaboração de roteiro; III - gravação, edição e finalização; IV - divulgação.

I - Seleção de convidadas:

A etapa de seleção ou escolha de convidadas consiste na formação de redes de comunicação baseadas no uso de aplicativos de mensagens de celular, redes sociais e *e-mails*. O objetivo é usar esses recursos para criar um campo de mediação que aproxime o *podcast* da produção de pesquisas antropológicas na Amazônia, especialmente das que possuem alguma relação com as temáticas de cidadania, identidade, diferença e diversidade. Essa estratégia é um indicativo de que o *podcast* Compósita busca reunir, em sua maioria, um conjunto de antropólogos que desenvolveram ou desenvolvem pesquisas sobre os estudos de gênero e sexualidade, ou tangenciadas por questões que envolvem as categorias de gênero e sexualidade, em intersecção com alguns marcadores sociais da diferença, como raça/cor, etnia, geração/idade, classe social, território e região.

Prossigo estabelecendo um primeiro contato com cada pesquisadore para verificar se há interesse em participar. Em caso positivo, o desenrolar da conversa é permeado por uma apresentação geral sobre o projeto, seguido de um jogo de perguntas e respostas entre convidade e eu a respeito de alguns detalhes relacionados ao roteiro, o tempo de duração da gravação do episódio e o canal onde a entrevista será realizada⁴. Essa primeira etapa é finalizada com a definição da data de gravação e o envio do roteiro de perguntas para cada entrevistade.

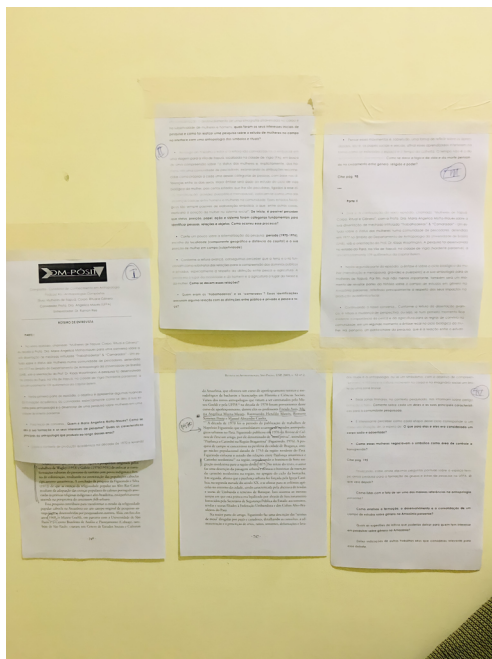
II - Elaboração de roteiro:

O roteiro é uma das etapas de produção que requer atenção redobrada de leitura e escrita, nele estão contidas as informações sobre a trajetória acadêmica de entrevistade. Esse é um processo que leva tempo, além de paciência para ler, escrever e reescrever, afinal uma trajetória acadêmica não é um dado em si; existem muitos caminhos que nos levam à compreensão de como pesquisadores chegaram a ocupar determinados lugares, desde influências de parentes, amigos

4 Com exceção dos três primeiros episódios que foram realizados de modo presencial, a produção dos demais ocorreu inteiramente *online* por meio da plataforma Zencastr.

e professorias antes mesmo de entrar na universidade, até em situações que envolvem mudanças de cursos, de temas de pesquisa e orientação.

A pesquisa prévia sobre a trajetória de entrevistade é algo decisivo para a produção de um podcast que tem o formato de entrevista, especialmente em relação a pesquisadores com extensa produção bibliográfica. Ainda que o Currículo Lattes seja um ótimo caminho para construir o roteiro, ele é apenas uma das possibilidades presentes na internet e fora dela. Nesse sentido, o *podcast* Compósita se beneficia diretamente do trabalho que desenvolvo na curadoria de conhecimento, pois o fato de ser um espaço de produção colaborativa de conteúdo tem me ajudado não apenas a construir ou fortalecer redes, assim como aproximar pessoas a partir de uma das habilidades que aprendi na antropologia, que é a possibilidade de estabelecer diálogos, isto é, de estar disposto a conversar e escutar independente do meio de comunicação.



Peças de um roteiro. Autoria: Ramon Reis.

É a partir de algumas pesquisas na internet que construo as peças do roteiro dos episódios, tal como um quebra-cabeça. Vou juntando algumas partes de artigos, teses, dissertações, tcc e materiais audiovisuais (se for o caso) de cada

entrevistade com alguns tópicos que pretendo abordar durante a gravação. Em seguida, faço pequenos fichamentos e inicio a escrita do roteiro de entrevista, que tem como base os seguintes eixos: I - formação e trajetória acadêmica (escolhas, posicionalidades e encruzilhadas temáticas); II - a pesquisa que desenvolveu (problema, objetivos e desenvolvimento); III - encaminhamentos e impactos posteriores à pesquisa que desenvolveu (criação de grupos e redes interinstitucionais e/ou intersetoriais, os processos de subjetivação e o “lugar” da pesquisa em determinadas relações de poder com e entre interlocutores, pesquisadores e a universidade). Com base nessa estrutura e na definição e confirmação da data de gravação, parto para a próxima etapa de produção (gravação, edição e finalização).

III - Gravação, edição e finalização:

A gravação, edição e finalização é uma das etapas de produção que antecede o lançamento de cada episódio, são três partes que configuram os procedimentos técnicos referentes à conexão de internet (no caso de podcasts produzidos em salas virtuais) e o manuseio do som e da escuta. Com pouca estrutura e nenhum orçamento disponível, iniciei os primeiros episódios usando apenas o celular para gravar as entrevistas. A partir de novembro de 2020, com a entrada do Compósita na Rádio Kere-Kere⁵, uma rede nacional de *podcasts* em Antropologia, comecei a utilizar outros recursos tecnológicos para gravar os episódios sem precisar me deslocar para a residência dos entrevistados.

Em uma das conversas da rede Kere-Kere no grupo de mensagens do WhatsApp, descobri a existência de uma plataforma para gravações à distância, o Zencastr. Trata-se de uma sala virtual que permite realizar gravações em áudio e vídeo de modo compartimentado, o que facilita no processo de edição já que os arquivos são gravados de forma separada. Fiz alguns testes e comecei a utilizá-la a partir do quarto episódio. Essa descoberta me abriu um leque de possibilidades para entrevistar pesquisadoras que não moram em Belém ou nas cidades vizinhas, mas que desenvolveram ou desenvolvem pesquisas sobre a Amazônia e os eixos temáticos de atuação da curadoria.

Outro aspecto importante durante a gravação dos episódios são as interferências externas de algum tipo de som, os chamados ruídos de comunicação. Em pandemia e dentro de casa, é quase impossível não se deparar com barulhos

5

Para mais informações sobre a rádio Kere-Kere, acesse: www.radiokerekere.org

de motos e carros passando na rua, sons de música na vizinhança, diálogos familiares e televisivos, preparos de comida na cozinha, enfim, não se pode perder de vista que a produção de uma Antropologia que se pretende pública ou aplicada ao caráter ordinário da vida cotidiana está intimamente relacionada com a proximidade dos ruídos da nossa intimidade. Significa que o ruído é um dispositivo atuante na construção de uma série de podcast (VAILATI; BARRETO; MENEZES NETO, 2021), ou seja, ele faz parte das histórias que são contadas justamente porque quebram ou interrompem o fluxo de expectativas.

Essa forma de contar histórias, observando os ruídos da vida cotidiana, compõe as duas últimas partes da terceira etapa, que são a edição e finalização. Em ambas, o processo é feito com o Audacity, um *software* gratuito para a edição de áudio. Trata-se de uma ferramenta amplamente utilizada por criadores de conteúdo sonoro, principalmente por quem não possui conhecimento técnico na área. Vale lembrar que editar e finalizar um episódio de *podcast* não é uma tarefa fácil, pois requer habilidade para criar camadas em uma gravação, tornando-a dinâmica.

Após filtrar os *podcasts* que mais se aproximavam dos objetivos do Compósita, comecei a perceber que as camadas de que tanto falavam eram as interrupções de um diálogo, as chamadas vinhetas (efeitos sonoros) ou interferências (por exemplo: fragmentos de áudio de matérias jornalísticas ou trechos de música) que entram em uma conversa para ampliar o horizonte imaginativo de quem escuta. O *insight* do uso das camadas também me ocorreu durante a finalização de um dos episódios. Depois de ouvir várias vezes o mesmo episódio e, de alguma forma, ter viciado a minha escuta, notei que precisava inserir algo que pudesse torná-lo menos cansativo. Recorri ao roteiro, selecionei alguma característica da pesquisa que tinha relação com traços da cultura paraense ou com fatos que aconteceram e que pudessem interpelar a narrativa apresentada. Finalizei a edição incluindo trechos de uma música paraense.

Foram esses *insights* que me ajudaram a compreender que gravar, editar e finalizar um podcast são ações processuais e, no caso do Compósita, territoriais. Por mais que eu esteja sozinho produzindo todo esse material, as etapas mencionadas ampliam o meu olhar sobre uma realidade que me é comum. Eu dependendo diretamente dos entrevistados para me dizer qual Amazônia será contada/publicizada.

IV - Divulgação:

A divulgação ou lançamento é a última etapa de produção, que conta com: a hospedagem do arquivo de áudio do episódio na plataforma Anchor, responsável pela distribuição do *podcast* em outras plataformas de áudio; a conversão do arquivo de áudio em vídeo para o meu canal no YouTube (Ramon Reis); o preparo e a veiculação de imagens (cards) com e sem efeitos sonoros, e legenda, no perfil do Instagram da curadoria (@compositacuradoria), na página do Facebook (Compósita) e no meu perfil pessoal do Twitter (@ramonrpr) e do LinkedIn (Ramon Reis); e a criação de um texto padrão de apresentação postado junto com um dos *cards* e o *link* do Spotify, um dos principais tocadores de podcast, nas redes sociais e aplicativos de mensagens de celular.

Todas essas informações são geralmente trocadas com cada entrevistade um dia antes do lançamento do episódio. Além disso, são feitas algumas chamadas nas redes sociais com vistas a mobilizar ouvintes e curiosos. Essas estratégias têm como principal objetivo ativar a escuta, aguçar o olhar e capturar ouvintes interessados, principalmente porque se refere a um movimento em cascata feito de forma simultânea em diversos perfis. Divulgar é, sobretudo, prever uma troca.

Vozes amazônidas: territorializando a escuta

Olá! Sejam bem-vindas/os ao *podcast* Compósita: uma forma de aprender sobre a Amazônia a partir da escuta. Assim retomo o que eu considero o cartão de visita de um projeto que busca amplificar o conhecimento antropológico desenvolvido na Amazônia sobre cidadania, identidade, diferença e diversidade. De fato, tem sido um aprendizado mútuo falar sobre a Amazônia reconhecendo a sua importância dentro de um veículo de comunicação que até pouco tempo não tínhamos o hábito de usar. Fazer isso ao lado de amigos e colegas de profissão tem me estimulado cada vez mais a pensar no “lugar” da antropologia produzida na Amazônia, nas experiências e vivências que tornam o conhecimento antropológico público (FLEISCHER; MANICA, 2021) e na reciprocidade ou mutualidade (SANJEK, 2015) como um elemento que constrói afetos.

O retorno a mim e às leituras e a pessoas que estiveram presentes na minha formação acadêmica são a base desse projeto. Todas essas vozes juntas me permitem vislumbrar horizontes possíveis de territorialização da comunicação

no ambiente digital (ZANETTI; REIS, 2017), no sentido de amplificar sotaques e linguagens para ativar escutas e sentidos de pertencimento. Essa Antropologia do retorno tem muito de quem já passou pelo Compósita e me lembra os diálogos entre mãe e filha, Suzana Karipuna e Ana Manoela Karipuna, no episódio #8 “Índigenas Mulheres são território”.



Cards de divulgação do episódio #8. Autoria: Ramon Reis.

Lançado no dia 23 de abril de 2020, o oitavo episódio abordou o protagonismo de indígenas mulheres do povo Karipuna da aldeia de Santa Isabel (Oiapoque-AP). Compondo um mosaico de histórias e trajetórias em relação à subjetividade de Suzana e Ana Manoela, o episódio é atravessado pelas noções de identidade, ancestralidade e Antropologia indígena para a construção de diálogos e reflexões sobre a possibilidade de se vivenciar o parentesco e a territorialidade em situações de deslocamento urbano entre aldeia e cidade. O encontro com as autoras tornou-se um divisor de águas para a construção dos episódios posteriores, porque me ajudou a compreender que a escrita, o conhecimento e a escuta são fatores que evidenciam as disputas que travamos ao longo da vida.

Quanto mais eu falava e escutava sobre a Amazônia, mais eu entendia que o Compósita é um espaço para dialogar e refletir sobre o direito à vida: de quem desenvolve pesquisas sobre temas considerados não científicos, como o gênero e a sexualidade; de quem se manifesta publicamente a favor da luta de povos originários, mulheres, negres e LGBTI+; de quem se nega a compactuar com um sis-

tema político-econômico que desumaniza saberes que não estão localizados nos grandes centros urbanos, enfim, de todes que estão dispostes a questionar a ideia de que somos todes iguais e por isso possuímos as mesmas condições de acesso.

No caso da produção de *podcasts* em um contexto de pandemia, esse conjunto de disputas e desigualdades é acirrado à medida que são criadas estratégias de mercado ilusórias de convencimento, abrindo espaço para vozes que se pretendem homogêneas e únicas. Além disso, “é importante fazer a ressalva de que as facilidades cada vez maiores de produção não significam que há maior democratização do acesso tecnológico e muito menos do repertório de aplicativos, softwares e plataformas, que operam em linguagens muito específicas e requerem aprendizado” (PARREIRAS; LACERDA, 2021, p. 17).

Chama atenção nesse processo o protagonismo de mulheres pesquisadoras, caracterizando o *podcast* Compósita como um espaço que reconhece e valoriza a importância delas para a produção da Antropologia na Amazônia. Dos primeiros 15 episódios, as mulheres estiveram presentes em 9:

Nome da convidada	Número e título do episódio
Ana Lídia Nauar	#1 - Gênero, Sexualidade e Educação
Rachel Abreu	#2 - Emoções e Sexualidades
Telma Amaral	#4 - A (homo)sexualidade como um espaço-tempo pioneiro de escrita
Izabela Jatene & Adelaide Oliveira	#5 - Sob Vestes Drags: Arte, Cultura e Política
Angelica Maués	#6 - Mulheres de Itapuá: Corpo, Ritual e Gênero (partes I e II)
Ana Manoela Karipuna & Suzana Karipuna	#8 - Indígenas Mulheres são território
Natália Cavalcanti	#9 - Vida de Professora na Educação Profissional Tecnológica
Denise Cardoso	#14 - Silenciamento e invisibilização do trabalho de mulheres
Telma Bemerguy	#15 - Etnografias da “proximidade” no Tapajós

Outro fator importante tem relação com a intersecção entre gênero e sexualidade. Cinco episódios foram protagonizados por homens *gays*:

Nome do convidado	Número e título do episódio
Milton Ribeiro	#3 - Sexualidades Dissidentes na Amazônia
Amadeu Lima	#10 - As encruzilhadas do tempo nas histórias de mulheres travestis e transexuais
Rafael Noleto	#11 - Festas que fazem sujeitos
Ernani Chaves	#12 - Foucault e o Orgulho LGBTI+
Natã Souza	#13 - Masculinidades e sentidos de violência

Marcado pela predominância de mulheres e de homens *gays*, o *podcast* Compósita baseia-se na troca de experiências cuja representatividade e engajamento transformam invisibilidades em esforços coletivamente reflexivos e posicionados.⁶ Isso mostra que mesmo nas situações onde a voz ecoada não é de origem Amazônica e o sujeito entrevistado é um homem heterossexual, como é o caso do convidado do episódio #7 “Queer indígena e antiautoritarismo no Brasil”, o antropólogo Estevão Fernandes, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), o tema abordado e os diálogos travados foram importantes para a compreensão de como são formados sujeitos e identidades, permitindo uma reflexão sobre os desafios de produzir conhecimento científico em contextos intelectualmente conservadores e politicamente negacionistas.

Ouvir essas vozes é uma forma de territorializar a escuta. Trata-se de um exercício que se materializa à medida que o reconhecimento individual de quem produz o *podcast* torna-se coextensivo de algo que já existe, que é o conhecimento antropológico divulgado. Significa que estou conectando interesses pessoais e coletivos a favor de uma circulação no concorrido e desigual cenário de produção e divulgação científica na Antropologia. Portanto, produzir um *podcast* sobre Antropologia na Amazônia é falar de: geopolítica do conhecimento (leia-se: práticas assimétricas desenvolvidas dentro e fora desse contexto); alianças e hierarquias baseadas em movimentos disruptivos e multivocalidades; e ativismos insurgentes que buscam romper com as distâncias entre academia e militância, razão e emoção, objetividade e subjetividade.

6 Até o fechamento deste texto foram publicados 15 episódios.

Nesse sentido, observando que a escuta é um dispositivo que modula nossas percepções históricas, sociais, pessoais e tecnológicas (PESSOA, 2017), compreendo a territorialização da escuta como uma ação que envolve disputas (materiais ou simbólicas) socioespaciais, sonoras e epistemológicas capturadas pelo estímulo sensorial e pela curiosidade despertada por cada episódio. Tais disputas referem-se ao lugar ocupado pela Amazônia em relação à construção de um imaginário pautado por ideais de modernidade associados a lógicas predatórias de desenvolvimento, às formas de comunicação que são permeadas por linguagens habitadas por modos de vida caboclos e ribeirinhos, chamados de tradicionais ou regionais (para destacar a importância dos sotaques nesse processo), e à circulação de conhecimentos mediados pela possibilidade de cruzar saberes que vêm de dentro e de fora da universidade, amplificando vozes e tonificando escutas.

Se uma palavra decide o destino de uma teoria, como afirma o poeta paraense João de Jesus Paes Loureiro, é essa geopolítica (leia-se: territorialização), com todas as suas características locais, que torna real o Compósita e a possibilidade de decidir que tipo de Antropologia será vocalizada sobre a Amazônia, saindo de um lugar de objeto para o de produtor.

Referências

- BEMERGUY, Telma de Sousa. *Criando Estado, fazendo Região*: gramáticas em disputa na invenção do estado do Tapajós. Dissertação (Mestrado) - Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, , 2017.
- CARMO, Renato Miguel. Do espaço abstracto ao espaço compósito: reflectindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. In: CARMO, Renato Miguel; SIMÕES, José Alberto (orgs.). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajectos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009. p. 41-55.
- CARVALHO, Josué Jorge. O museu, o nativo e a musealização do objeto. *Campos*, v. 16, n. 2, p. 59-74, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. O podcast Mundaréu como uma experiência de antropologia pública. *Iluminuras*, v. 22, n. 57, p. 166-180, 2021.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos*: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LEITÃO, Wilma Marques; MAUÉS, Raymundo Heraldo (orgs.). *Nortes antropológicos: trajetos, trajetórias*. Belém: EDUFPA, 2008.

PARREIRAS, Carolina; LACERDA, Paula. Tecnologia, educação e divulgação científica em antropologia: Usos, consumos e produção de podcasts. *Novos Debates*, v. 7, n. 1, p. 1-25, 2021.

PESSOA, Frederico. Territórios de escutas e imagens em movimento: um (discreto) deslocamento epistemológico. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

SANJEK, Roger (org.). *Mutuality. Anthropology's changing terms of engagement*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015.

SOARES, Ana Manoela Primo dos Santos. Ser mulher Karipuna e outras subjetividades em contexto de deslocamento entre a aldeia em Oiapoque e o espaço urbano belenense. *Equatorial*, v. 7, n. 12, p. 1-23, 2020.

VAILATI, Alex; BARRETO, Francisco Sá; MENEZES NETO, Hugo. Antropológicas podcast. Estéticas e política no campo público. *Iluminuras*, v. 22, n. 57, p. 181-196, 2021.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth (orgs.). *Comunicação e territorialidades: poder, cultura, redes e mídias*. Vitória: EDUFES, 2017.



Acesse aqui a página do *podcast* Compósita na Rádio Kere-kere

Ramon Reis é antropólogo formado pela Universidade Federal do Pará e pela Universidade de São Paulo. Atua como professor na Secretaria de Estado de Educação do Pará. Produz o Compósita e é voluntário no Comitê Arte Pela Vida, uma ONG paraense que desenvolve ações de prevenção e combate ao HIV/Aids. E-mail: ramonrei@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-8>



Cozinhando histórias de pesquisa: o *podcast* Mundaréu¹

Daniela Tonelli Manica

Soraya Fleischer

Um mundaréu de histórias pra contar

“A sua mãe entende a sua pesquisa?”. Essa pergunta rodou as redes sociais em algum momento de 2020, trazendo à tona a polêmica e complicada relação entre o conhecimento científico que se produz na universidade e a sua compreensão por pessoas não acadêmicas. Algumas pessoas, defendendo a importância pública do conhecimento que é produzido e pago com dinheiro dos contribuintes. Outras, tentando explicar que no coletivo de cientistas, algum grau de especialização é necessário e que nem sempre é possível traduzir para um público leigo os detalhes das pesquisas científicas.

1 O Mundaréu é produzido por Daniela Manica e Soraya Fleischer, e está disponível nos principais tocadores de *podcast* e no Instagram, Twitter e Facebook, @mundareupodcast. Seu sítio eletrônico é: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>

O *podcast* Mundaréu nasceu desse desconforto entre querer que “nossas mães entendam nossas pesquisas”, e que possamos também legitimar e defender esse tipo de conhecimento que tem sido tão ferozmente atacado nos últimos anos: o das Humanidades e Ciências Sociais e, em particular, o da Antropologia. Um tipo de ciência que se faz junto com pessoas, com os mais diversos tipos e grupos de pessoas. Quanto mais diversos, melhor. A disciplina nasce da percepção da diversidade humana.

Mundaréu nasceu da vontade de usar uma linguagem mais acessível, de chegar a mais gente e de mostrar como uma antropóloga faz pra ser professora, escrever artigos, ter um currículo Lattes e dar palestras. Foi da vontade de ouvir cada vez menos “*Pera aí, antrope... o quê??*”, que criamos, em 2019, um *podcast* para divulgar e popularizar o que a área da Antropologia estuda, faz e produz. De lá pra cá, lançamos duas temporadas e duas séries, num total de 30 episódios, e contando. Aqui, vamos contar sobre a ideia do Mundaréu, mas o processo de produção pode ser conhecido de modo mais detalhado noutro artigo que escrevemos (FLEISCHER; COUTO, 2021).



Daniela Manica e Soraya Fleischer em frente ao prédio do Labjor/Unicamp, após a gravação de um dos episódios. Autoria: Daniela Manica.

Este foi um projeto que surgiu do encontro de várias mulheres. A Soraya ficou fã de *podcasts* quando precisou de companhia para encarar a esteira e o exercício físico. Foi quase que ao mesmo tempo em que a Daniela entrou no Labjor, onde conheceu a Simone Pallone de Figueiredo, que coordena o Oxigênio, uma das primeiras experiências em divulgação científica por *podcast* no Brasil. Também conheceu a Bia Guimarães, que a entrevistou para um episódio do Oxigênio (chamado “Estranha células das entranhas”), e a Sarah Azoubel, que também tinha voltado dos EUA animada com essa mídia. Bia e Sarah criaram o 37 Graus, que é um *podcast* narrativo primoroso do qual somos muito fãs, e seguem contando histórias “com um pé na ciência”, como elas dizem.

Com o apoio dessas mulheres, e de toda a infraestrutura do Labjor na Unicamp, do Departamento de Antropologia na UnB e de agências de financiamento como o CNPq e a FAPESP, conseguimos colocar no ar o Mundaréu. Foi um processo muito bonito (e trabalhoso) pensar nome, logo, *site*, roteiro, edição, tocadores, formato. E ele segue com a presença de muitas pessoas, como es estudantes de Ciências Sociais, Educação e Música que compõem (ou já compuseram) a equipe do Mundaréu – Ana Noronha, Arthur Ulhôa, Bruno Campelo-Pereira, Camila Pissolito, Fernanda Andreia Andrade, Hugo Virgílio, Irene do Planalto, Janaína Aleixo, Lucas Linardi Carrasco, Melissa Beviláqua, Milena Peres (e Julia Couto, Luísa Nascimento, Nicollas Douglas de Souza Pereira, Rosânia do Nascimento e Vinícius Fonseca), e como es antropólogos e sieus interlocutores que vêm conversar conosco nos episódios.

Este foi o caso da Nashieli Rangel Loera, que convidamos para participar do quarto episódio do Mundaréu, “Lona, luta e andorinhas”, publicado em março de 2020. E ela convidou Irineu Pereira, uma das principais lideranças rurais com quem ela tem convivido nos últimos anos no oeste de São Paulo. Nashieli Loera é antropóloga e professora da Unicamp. Ela tem estudado os seguintes temas: “processos sociais e territorialidades, espacialidades e temporalidades, formas e linguagens de demanda social coletiva e sua relação com o Estado”. Esta é a forma como ela apresenta sua especialidade no texto introdutório do Currículo Lattes.

Num artigo, a mesma autora explica no resumo que pretende entender “os mecanismos sociais que permitem a produção e efetivação de políticas de distribuição de terra no Estado de São Paulo” (LOERA, 2015, p. 57). E abre este mesmo artigo com a seguinte frase, “No Brasil, as ocupações de terra e a montagem de

acampamentos organizados por movimentos são uma maneira de reivindicar do Estado demandas sociais, nesse caso, desapropriação de terras para fins de reforma agrária” (*ibid*, p. 27).

Ela faz pesquisa sobre o campesinato, a agricultura familiar, a violência no campo no Estado de São Paulo. Esta talvez seja a forma como a organizadora de um congresso acadêmico apresentaria Nashieli, antes de ela proferir a sua conferência. São todas formas de explicar o que ela tem feito nos últimos anos.

Por um lado, um público mais geral talvez esbarre em palavras pouco usuais, como “processos sociais”, “territorialidades”, “mecanismos sociais”, “campesinato”. Por outro lado, estas explicações todas são panorâmicas, amplas e talvez até dificultem que esse mesmo público imagine como, na prática, ela faz tudo isso. No *podcast* Mundaréu, apostamos em conhecer sua forma de fazer Antropologia ouvindo Nashieli e Seu Irineu contarem histórias sobre como se conheceram e como foram, com o tempo, fazendo essa ciência juntas.



Daniela Manica, forçando uma *selfie* com Soraya Fleischer, Nashieli Rangel e Irineu Pereira, na gravação do episódio 4 do Mundaréu. Ao fundo Octávio Augusto, pilotando o estúdio da Rádio da Unicamp. Autoria: Daniela Manica

Quais são os ingredientes do Mundaréu?

As pessoas

Ciência, pesquisa e trabalho só acontecem porque tem um monte de gente por trás. Um livro, uma aula ou uma palestra não se materializam de um dia para outro. E um *podcast* também não, claro. É preciso conhecer essa gente que faz. As pessoas são o primeiro ingrediente desta receita.

Na academia, as pesquisadoras são apresentadas através do Currículo Lattes, que é a plataforma oficial que reúne informações sobre o vínculo institucional, a formação em graduação e pós-graduação, pesquisas realizadas e em andamento, publicações, orientações, participações em bancas e eventos. Em periódicos acadêmicos e livros, são apresentadas brevemente em algumas linhas, com um número limitado de caracteres. Em eventos, são apresentadas (ou se apresentam) em poucos minutos, antes de apresentação oral.

No Mundaréu, apresentamos Nashieli como uma antropóloga mexicana que trabalha há muitos anos no Brasil. Ela fez pesquisas sobre o mundo rural no México durante o seu curso de graduação, depois sobre o mundo rural no Brasil em seu curso de mestrado e doutorado. Ela trabalha com esse tema desde muito jovem, são décadas dedicadas a entender os conflitos agrários, a má distribuição de terras, as lutas e movimentos sociais por mais justiça no campo.

Também conhecemos a trajetória de vida e trabalho de Seu Irineu. Nasceu em Alagoas, mudou-se adolescente para ajudar a família na terra no interior do Paraná e aos 18 anos foi trabalhar na cidade de São Paulo. Seus empregos foram na grande indústria – borracha, pneumática, têxtil e telefonia – e ele logo aderiu à lida sindical. Daí, foi um pulo para conhecer a luta pelo direito de plantar o próprio alimento. No Movimento Sem Terra (MST), Irineu conheceu o interior paulista e acabou acampando sob a lona preta por muitos anos nas beiras das estradas na região do Pontal do Paranapanema. E, depois de enfrentar muita assembleia, manifestações, muitos jagunços, ponta de espingarda, negociações em cartórios e órgãos governamentais, ele e sua família foram devidamente assentados em uma terra que estivera, por muito tempo, nas mãos de um só dono que não produzia e não pagava os impostos.

Então, o episódio do *podcast* começa com a apresentação desses personagens. Nossa intenção é humanizar esta cientista social e este cientista do movimento social. Ficamos sabendo que eles têm em comum a migração, mudança, viagem. E, depois de rodar o mundo, eles se encontram no estado de São Paulo. Vamos conhecendo a Antropologia feita pela Nashieli e Irineu entrando pelo quintal de fundo e pela cozinha, não pela calçada, o alpendre ou a sala de estar. O Mundaréu geralmente abre seus episódios lembrando que são pessoas a fazer a ciência, são suas personalidades, anedotas e escolhas que constroem os temas de pesquisa, que escrevem os resultados encontrados. Queremos mostrar como as pesquisas são feitas.

Conhecer as pessoas que fazem a ciência não é uma prática muito comum na ciência. A ABNT, por exemplo, que rege muito da forma como devemos publicar nossos artigos, exige que os nomes dos autores, lá nas Referências Bibliográficas que são listadas ao final, venham apenas com a sua inicial. Então, para quem não conhece a pesquisadora, não saberá, por exemplo, que “LOERA, N.” é uma autora e não um autor. Felizmente, na última página do artigo de Nashieli, encontramos: “é professora do Departamento de Antropologia e pesquisadora do Centro de Estudos Rurais da Universidade Estadual de Campinas” e não apenas “Departamento de Antropologia”, “CERES” ou simplesmente “Unicamp”.

Muitas áreas científicas, como as Ciências Sociais também, torcem o nariz para textos que não utilizem o sujeito narrador na terceira pessoa, tornando o texto genérico e “impessoal”, de modo que não consigamos saber quem está escrevendo. Nashieli evita escrever “como foi mostrado”, “a hipótese deste artigo” ou “será analisado aqui”. Ao longo de seu artigo, grifamos a forma como ela prefere conjugar gênero, número e grau:

Como mostrei em outros textos (Loera, 2010, 2011 e 2013), o tempo de acampamento pode ter diversos significados, todos eles referidos ao contexto, à situação, assim como às posições que as pessoas ocupam nesse mundo social particular. (LOERA, 2015, p. 29)

Minha hipótese é que o tempo de acampamento, como mecanismo de seleção de famílias no mundo das ocupações de terra tem sido constituído na relação com os órgãos do Estado encarregados da desapropriação de terras, e é na di-

nâmica dessa relação que vai sendo modelado pelos próprios movimentos e vai tomando outros significados. (LOERA, 2015, p. 30)

Nesta ocasião, **analisarei** etnograficamente a dinâmica de organização e configuração de acampamentos liderados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região do Pontal de Paranapanema, a oeste do Estado de São Paulo, região com maior número de acampamentos sem-terras do estado. (LOERA, 2015, p. 31)

Estamos aproveitando este artigo de Nashieli para mostrar como seu texto subverte o padrão mais convencional da linguagem científica. E da mesma forma, no *podcast*, exploramos outras formas de falar sobre ciência. O microfone e a própria voz dão corpo à cientista. Não dá mais para manter a ideia de cientista sem gênero, cor, história. A presença e a espontaneidade da conversa reforçam nossa aposta em uma ciência situada, na qual se fala de um certo lugar, que marca e é marcado pela posição dessa pessoa no mundo. A voz comporta a expressão das emoções de quem fala, ao contar sobre suas histórias de pesquisa. Na mídia de áudio gravada ao vivo não há como desaparecer atrás de palavras bonitas e floreadas, ou de uma regra da ABNT ou da letra inicial do seu nome. No Mundaréu experimentamos uma ciência feita no calor da hora, e queremos justamente reforçar essa quentura da vida, do encontro e das relações que se criam a partir daí.

Os lugares

Este é o segundo ingrediente importante do Mundaréu. No episódio “Lona, luta e andorinhas”, Nashieli descreve o que ela viu nos acampamentos. Por exemplo, o tamanho das plantas lhe informava sobre o tempo em que as pessoas estavam ali, vivendo à beira da estrada, esperando que lotes fossem demarcados. Não havia luz elétrica, então as pessoas ouviam rádio de pilha, faziam fogueira para esquentar à noite, faziam roda para papear. As crianças estavam sempre presentes, brincando, cuidando dos animais de estimação, chamando a pesquisadora para conhecer a avó ou apresentar um tio que tivesse vindo visitar naquele sábado.

Quando ela nos contou dos espaços de um acampamento, podemos imaginar por onde ela chegou, caminhou e circulou por ali. Conseguimos entender a forma como a antropóloga abordou as pessoas, apresentou sua pesquisa e checkou

se poderiam conversar um pouco. Nashieli deve ter perguntado sobre os nomes de plantas que via crescer ali perto da cozinha, sobre que notícias chegavam pela rádio. Aceitou sentar com as crianças, ouvir suas cantorias e piadas. Passou tempo com elas, ganhou confiança e também respondeu às suas perguntas sobre sua própria família, seus filhos e seu sotaque de outro país.

Es estudantes, que sempre lhe acompanhavam, podem ter feito perguntas sobre parentes que apareciam só no final de semana e de onde vinham. E, com isso, começariam a entender como as relações de parentesco poderiam unir diferentes acampamentos. Talvez tenham notado que, em alguns barracos, a família dormia até tarde e entendessem que, na noite anterior, tivessem estado na escala da segurança do acampamento, dividindo as tantas tarefas por ali. E, nessa casa, seria mais adequado chegar de tarde, para ajudar a lavar a louça do almoço, para tomar um café na varanda.

Descrever os lugares, os ritmos e também os trajetos percorridos é uma das práticas mais comuns da Antropologia. Prezamos a riqueza de detalhes, contamos sobre cores e cheiros, lembramos com quem falamos e por qual assunto seguiu nossa prosa. Tudo isso também ajuda a traduzir onde, como e com quem fazemos nossas pesquisas. Estamos aqui falando das metodologias de nossa pesquisa científica.

No episódio, também ouvimos Nashieli e Irineu conversando entre si. Ele conta como foi convidado por ela para dar aula para suas turmas na universidade. Ela conta como foi chamada para ajudar a colher as verduras na horta, fazer as visitas diárias aos barracos, saber dos bebezinhos novos ou de quem estivesse doente. Os convites vêm e vão, há uma mão dupla de perguntas e também de convivência. Ambos visitaram o mundo um do outro. Se ela passava temporadas no acampamento e depois no assentamento para fazer sua pesquisa, na ocasião da gravação desse episódio, ele ficou em sua casa em Campinas para facilitar o trânsito até o *campus*, o estúdio. Os lugares vão se ampliando, da beira da estrada até a universidade e vice-versa. Os lugares são povoados pelas pessoas, antropólogo e interlocutories, suas perguntas e formas de realizar sua pesquisa. Ao mesmo tempo que, no *podcast*, ouvimos sobre esses lugares, ficamos sabendo como eles foram percorridos por Nashieli e Irineu, pelas estudantes da Unicamp e es militantes da reforma agrária. A conversa no Mundaréu é um tiquinho da prosa que

aconteceu antes dali, em outros lugares e com muito mais gente. E, assim, vamos conhecendo onde e como essa Antropologia aconteceu.

As relações

Em nossos textos, muitas vezes, explicamos sobre a vida de outrem, trazemos trechos que nos foram contados, analisamos essas ideias face a outras que ouvimos de outras pessoas, em outros cantos. Falar “sobre” ou “de” outrem é a forma narrativa mais comumente encontrada em artigos, livros, aulas e palestras na Antropologia. Mas queremos contar ainda de outro jeito, queremos contar “junto” com esse outrem. A proposta é falar das relações, este terceiro ingrediente importante em nosso *podcast*.

No Mundaréu, quando a gente convida e reúne antropólogo e interlocutor, em primeiro lugar, abrimos espaço para que os dois narrem sobre a experiência da pesquisa antropológica. Em segundo lugar, não será mais o antropólogo que nos contará o que o interlocutor lhe contou, mas a pessoa mesma estará presente no estúdio, e poderá contar a sua versão de como conheceu esse pesquisador, por onde foram e o que conversaram. Ouvimos Irineu, com seu sotaque alagoano-paranaense-paulistano, aquela forma de pausar uma frase bem na hora para criar um suspense, e ganhar nossa simpatia. Ouvimos a voz de Nashieli, seu timbre e ritmo, depois ouvimos a voz de Irineu, seu humor e risadas. Um depois do outro, num diálogo com tantas sonoridades, tanta diversidade de histórias. O jeito de conversar, o tom dado à frase, o tipo de emoção que ouvimos na voz, tudo isso fala da relação que existe entre os dois.

No *podcast*, temos a chance de ter menos uso da voz passiva, menos uso do tempo verbal no passado. Serão menos atravessadores ou mediadores de informações, mas histórias contadas por aquelas pessoas que as viveram junto. Há espaço para uma história ser contada por um e complementada por outro; ser começada por um e levada por outro rumo pelo outro; para a história receber diferentes versões, discordantes entre si, inclusive. É como se Irineu estivesse também a fazer anotações e complementos no artigo da Nashieli ou, ao ouvir sua palestra num congresso, ele lhe interrompesse e acrescentasse mais detalhes, ou a atualizasse sobre algo que aconteceu depois que ela tivesse passado pelo assentamento.

Trazer estes dois personagens para dentro de um *podcast* é sacudir o jeito que temos feito e publicado nossas pesquisas. É pensar a Antropologia como uma ciência que é também lida e avaliada pelas pessoas que povoam o mundo que torna possível essa forma de ciência. E apostar que outra ciência é possível, diferente da que usa uma linguagem, um tamanho de texto, uma forma de publicação (cara e inacessível) exclusivamente produzida e voltada para outros cientistas lerem e consumirem. Claro, Nashieli também almeja ser lida e conhecida por colegas antropólogos na Unicamp e em outras universidades brasileiras e estrangeiras. Mas, sobretudo, ela quer que Irineu, sua esposa Silvana, seu enteado adolescente e todos os companheiros de lona e luta possam saber o que ela anda pensando sobre a reforma agrária. E também quer saber como eles acham que seus pensamentos podem ficar mais claros, podem ganhar mais força.

Mas estas conversas francas e mutuamente críticas dentro do Mundaréu não são uma novidade para aquelas duplas que já fazem isso há muito tempo fora dali, como é justamente o caso de Nashieli e Irineu. Eles só toparam vir conversar conosco porque estavam muito confortáveis nesse lugar da conversa horizontal, do aprendizado complementar, do crescimento mútuo e coletivo. A pesquisadora receber perguntas de volta da pessoa com quem faz a pesquisa não assusta nem desestabiliza Nashieli porque, em seu trabalho de campo com Irineu e seus colegas de assentamento, isso já acontece frequentemente. Ela não faz uma ciência fechada para discordâncias ou ajustes. Sua Antropologia é dialogada, é permeável e isso não é muito comum nem na nossa nem nas outras áreas da ciência.

Inclusive, no episódio, ela contou ter por costume entregar, enviar e compartilhar o que escreve sobre essa comunidade. À certa altura da pesquisa, ela levou o livro que publicou e deu de presente para várias das pessoas assentadas (LOERA, 2014). Depois disso, numa ocasião de conflito, quando uma senhora teve seu “tempo de acampamento” questionado, ameaçando que tivesse direito a um lote de terra, foi justamente o livro de Nashieli que ganhou serventia. A senhora encontrou seu nome e fotografia no livro de Nashi, demonstrando exatamente o número de anos que tinha ficado sob a lona preta, à beira da rodovia. Um livro é um resultado de pesquisa esperado e valorizado na comunidade científica da qual Nashieli é parte, mas para a comunidade em questão, o livro ganhou muitos outros sentidos.

Mostramos no episódio que, se Nashieli faz pesquisa, Irineu e seus companheiros também fazem. Ela escreve artigos, publica livros; eles fazem levantamentos das terras improdutivas, mantêm atualizada a frequência de quem está acampado, quem trabalha e quem “pontua”, isto é, quem reúne as condições necessárias para a reivindicação por terra. Observar a realidade, refletir e falar sobre ela são procedimentos científicos realizados pelos dois.

Mas como um *podcast* de Antropologia fala sobre Ciência?

Com o MundaRéu, queremos discutir os obstáculos e as possibilidades para a divulgação da Antropologia. Por um lado, estamos vivendo um momento em que as Humanidades parecem estar em constante questionamento de seu jeito de fazer pesquisa, de se relacionar com as pessoas durante as pesquisas e, depois, de escrever sobre tudo isso. Por outro lado, as questões relativas à crise sanitária e às Ciências Biológicas estão, há muito tempo, em primeiro plano. Definindo o que conta (e o que não conta) como “ciência” e como “tecnologia”, quais são os parâmetros de avaliação do trabalho científico, como vai ser feita a alocação de recursos e, muitas vezes, definindo as agendas de pesquisa em um engajamento estreito com o mercado e, portanto, com o capitalismo.

Nos últimos dois séculos, as Ciências Sociais têm sido enquadradas pelas pautas das Ciências Naturais e, no caso da Antropologia, também do colonialismo. Antropologia é uma disciplina que se constituiu de formas diferentes nas suas diversas matrizes nacionais. No Brasil, a gente aprende sobre o jeito francês, inglês e estadunidense de fazer Antropologia. É uma área científica voltada para o estudo de “outrem”, da “alteridade”, no jargão técnico da área. No início da Antropologia partindo das tradições euroamericanas, esse “outrem” era incorporado pelos povos originários das colônias europeias (povos indígenas nas Américas, povos africanos e povos da macrorregião da Oceania). Povos que hoje constituem, majoritariamente, o “sul global”, os “trópicos”, o que já foi chamado de “terceiro mundo”.

Nos últimos 50 anos, essa “alteridade” se expandiu para ainda outros agrupamentos humanos, mas ainda “outrem” em relação ao “homem branco civilizado”: mulheres, negros, populações ribeirinhas, pobres, urbanas e periféricas e, como no caso da pesquisa de Nashieli, populações rurais e camponesas. Mais recentemente, nós começamos a ousar num movimento de reversão dessas hie-

rarquias coloniais e passamos a estudar também os sistemas de poder: estado, indústria, mercado, biomedicina e as próprias ciências.

A Antropologia desenvolve questões filosóficas apaixonantes, como por exemplo: “o que constitui a ‘humanidade’?”; “como funcionam mitos e rituais?”; “como se organizam socialmente povos sem Estado?”; “a partir de quais categorias as pessoas entendem o mundo?”. Os trabalhos iniciais, lá daquela virada do século XIX para o XX, se baseavam em narrativas épicas de deslocamento daqueles homens cientistas europeus para os recônditos dos trópicos, onde eles passavam muito tempo (anos, até) isolados, convivendo com essas pessoas, aprendendo sua língua, anotando tudo e depois organizando essas ideias numa forma de escrita longa e detalhada que nós chamamos de “etnografia”.

Se, por um lado, algumas dessas experiências foram feitas por “encomenda” dos países colonizadores, com finalidades explícitas de conhecer melhor para dominar melhor; por outro, com a consolidação da área, a Antropologia acabou ganhando mais autonomia e produziu, a partir de outras prioridades, centenas de etnografias. Estes trabalhos registram as perguntas e problemas que surgem desses encontros, sobre aquelas populações que estavam sendo estudadas e também para as próprias antropólogues, em relação a si mesmas e suas sociedades de origem.

Antropologia é ciência porque é urgente expandir o sentido de ciência. Entendemos ciência como uma forma organizada e coletiva de produção de conhecimento, aberta a mudanças e contestações, desde que compartilhadas pelo coletivo constituído. Essa ciência é um tipo de prática – fascinante e absolutamente necessária – que envolve um movimento básico e fundamental, um salto que a espécie humana conseguiu dar e registrar, sobretudo por escrito, que implica uma conversa com o mundo.

Uma conversa interessada que testa, experimenta, pergunta, mas sobretudo, que espera e depende da resposta. E a resposta não vem de si mesmo ou de alguma autoridade a quem o cientista responde, mas de como e outre responde. Seja este outre uma liderança do movimento da reforma agrária, uma comunidade de pessoas acampadas à beira da estrada, um tipo de tubérculo ali plantado, um agrotóxico, um vírus, um átomo – e também e própria antropóloga, que é convidada a participar e responder perguntas em um programa de *podcast*. Não

é um monólogo. Reconhecer isso é, para nós, o único sentido possível para uma ciência no século XXI, que esteja à altura dos desafios que nós, nossos filhos, netos e bisnetos terão que enfrentar.

Nós herdamos dos nossos antepassados um legado científico muito problemático, que participa de uma sociedade colonialista, extrativista, genocida, etnocida, racista, machista, capacitista, gordofóbica. Essa sociedade, com respaldo da própria ciência, costuma olhar para a “natureza” como recurso, como matéria-prima para ser apropriada; olha para os povos originários como seres inferiores e indolentes; olha para o povo brasileiro, majoritariamente afro-indígena, como “peso”, “custo” e “problema”, e não como potência.

Essa sociedade desenvolveu horror e medo de qualquer aglomerado de gente que levante a voz e questione os desmandos históricos de latifundiárias, famílias tradicionais ou dones do poder local. Nós duas nos envergonhamos dessa herança. Sabemos que temos um legado pesado e também temos uma tarefa enorme pela frente, caso queiramos sustentar essa ficção científica violenta que é o “Estado Brasileiro”. A ciência brasileira, infelizmente, colonizada, dependente e absolutamente incapaz de se enxergar nessa geopolítica global que nos desprivilegia, tem confirmado as estruturas que produzem lucro, terra e comida para poucos, enquanto produzem desigualdades sociais, sofrimento e morte para muitos.

Outras ciências são possíveis

Nós somos da turma que acha que podemos fazer melhor do que isso. A gente tem que conseguir fazer melhor do que isso. Embora não estejamos sozinhas, essa nossa turma é ainda uma minoria, muitas vezes silenciada. Porque as Ciências Naturais sempre estiveram em primeiro plano, ditando as regras do que é “ciência” e “cientista” contra o que consideram “charlatanismo” ou “pseudociência”, definindo o que é verdade e o que é mito/falso/mentira. E elas geralmente propõem a ciência como tecnociência, que gera inovação e produtos a serem inscritos no mercado de consumo. Inclusive, também defendem que as sementes, a água, as terras e até os próprios artigos científicos sejam de propriedade intelectual capitalizável. Por isso, estamos sempre falando que os artigos científicos – agora também os *podcasts* científicos – sejam de acesso gratuito, tenham linguagem compreensível, estejam à disposição de todo mundo, principalmente de contri-

buintie (já que no Brasil a ciência é basicamente produzida com dinheiro público) e des interlocutories (como Irineu e colegas, que têm ensinado tanto à Nashieli).

Temos investido tanto no formato do Mundaréu porque ele comunica essa visão de ciência que estamos defendendo. Assumimos que ciência é algo que se produz por muita gente e sempre a partir de um encontro. No caso da Antropologia, frequentemente (embora não exclusivamente), esse encontro se faz **entre pessoas, lugares e relações** como mostramos anteriormente, a partir do exemplo do nosso quarto episódio, “Lona, luta e andorinhas”. Como foi o encontro entre Nashieli e Irineu? Como pesquisas nesses contextos acontecem? Como contar as histórias da ciência antropológica?

Nossa opção, pensando no legado e na herança pesadas que nossa área carrega, foi de colocar para conversar conosco antropólogo e interlocutore de pesquisa. Nosso objetivo é que nosse entrevistades nos contem suas histórias de vida e de encontro. E que interlocutories possam falar sobre o que acharam da interação, da presença, da relação de pesquisa que foi estabelecida com antropólogos que fizeram as pesquisas **com** eles (e não **sobre** eles). Essa diferença entre o “com” e o “sobre” não é uma diferença menor. Falar de outrem à distância, sem que esse outrem possa dar qualquer palpite, constitui uma ciência que objetifica, que dessubjetiva esse outro. Seria apenas uma ciência que reforça as relações de poder, que não reconhece a humanidade de outrem, que não prevê que este outrem pense, pergunte e critique, mas simplesmente receba e responda.

No Mundaréu, propomos outro tipo de encontro e de escuta, e tentamos fazer com que outra Antropologia seja produzida e outra forma de fazer ciência possa emergir. É claro que há limitações nessa nossa escolha, mas estamos tentando apostar num modelo de ciência que recusa o lugar de autoridade única e detentora exclusiva da verdade. As pessoas querem sentir confiança e segurança quando ume antropólogo, ou qualquer outre cientiste, chega querendo pesquisar. Precisamos de mais sentidos compartilhados, sentidos para todos os lados, não apenas para constar no Currículo Lattes ou junto ao programa de pós-graduação da universidade daquele pesquisadore. O discurso autoritário – da ciência ou de cientiste único – não está disseminando desinformação, está produzindo informações falsas para destruir alianças que visam a transformação das estruturas de poder e a proliferação do medo. Nossa ideia é outra, é conquistar corações e disputar sentidos que sejam compartilháveis.

Nossa aposta está em produzir uma ciência humana que se abra para possibilidades de contestação ou de validação. Com o Mundaréu, estamos tentando mostrar como o “fato” científico na Antropologia é **feito**. Queremos conhecer os ingredientes e receitas que constituem o alimento da pesquisa antropológica, aquilo que sustenta e fortalece seus corpos, através das pessoas que cozinham juntas, em um processo de pesquisa. Puxar um banco, sentar e exercitar a escuta e o diálogo críticos.

“Informação” não é algo que circula unilateralmente, de cima para baixo, de fora para dentro. Informação é algo novo, que transforma, que produz diferença porque muda todas as direções corriqueiras de produzir conhecimento. É do pedaço de chão no Pontal do Paranapanema, das panelas no fogão à lenha, do punhado de jiló orgânico, das flores na janela que Irineu e sua família foram mostrando para Nashieli como era acampar, assentar, produzir e garantir o direito de existir. Foi este mundo, conhecido de perto e com a convivência cuidadosa, que inundou os textos, as aulas e as palestras desta antropóloga da Unicamp. Foi na conversa continuada que o que conta como “dado científico” lhe chegou, que a Antropologia se tornou possível.

Se queremos ainda, e esperamos que queiramos todes, salvar alguma coisa das ruínas que restarão da universidade e do Brasil no final desse trem-fantasma em que nos encontramos neste período tão desafiador, não será sem construir e estreitar alianças com as pessoas e com os seres, terras, rios, florestas e coisas que compõem, habitam e sustentam nossas existências. É trabalho para um mundaréu de gente. Bora?

Referências

FLEISCHER, Soraya; MOTA Julia Couto. 2021. Mundaréu: Um Podcast De Antropologia Como Uma Ferramenta Polivalente. *GIS- Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia*, v. 6, n. 1. São Paulo, Brasil: e-172390. Acesso em: 22 jan. 2021.

LOERA, Nashieli Rangel. Mecanismos sociais da reforma agrária em São Paulo pelo viés etnográfico. *Lua Nova. Revista de Cultura e Política*, v. 95, p. 27-56, 2015.

LOERA, Nashieli Rangel. *Tempo de acampamento*. São Paulo: Editora UNESP, 2014, 231 p.

Mundaréu #4: “Lona, luta e andorinhas”. Apresentadoras: Daniela Manica e Soraya Fleischer. Convidados: Irineu Pereira e Nashieli Rangel. Campinas: LABJOR, Abril, 2020. Podcast. Acesso em: 22 jan. 2021.

Oxigênio: “Estranha célula das entranhas”. Entrevistadora: Bia Guimarães. Entrevistada: Daniela Manica. Campinas, LABJOR, 20. set. 2018. Podcast. Acesso em: 27 jan. 2021.



Acesse aqui a página do *podcast* Mundaréu na Rádio Kere-kere

Daniela Tonelli Manica é mãe, antropóloga e pesquisadora do Labjor/Unicamp. Estudou na Universidade Estadual de Campinas, foi professora no Departamento de Antropologia Cultural (IFCS-UFRJ) entre 2011 e 2018 e é professora no Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (IEL-Unicamp) e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (IFCH-Unicamp). Produz o Mundaréu e coordena o grupo de pesquisa Labirinto. *E-mail:* dtmanica@unicamp.br

Soraya Fleischer é mãe, antropóloga e professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Estudou na UnB, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Universidade de Johns Hopkins e mais recentemente na Universidade Federal de Santa Catarina. Produz o Mundaréu, coordena a CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva) e pesquisa sobre a epidemia do vírus Zika. *E-mail:* soraya@unb.br

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-9>



**Sons de despedida: viagem pelo Médio
Jequitinhonha (MG) nas trilhas do *podcast*
Sensibilidades Antropológicas¹**

Valéria de Paula Martins

Quando deixei o vale do rio Jequitinhonha, em Minas Gerais, depois de anos trabalhando e pesquisando na região, senti que podia escrever minha tese de doutorado ali, naquele momento. Eu estava completamente envolvida por aquele mundo, aquelas pessoas e as vidas delas.

¹ O *podcast* pode ser acessado a partir de diferentes agregadores, como Spotify, Breaker e Pocket Casts. É possível também ouvir os episódios e conhecer mais sobre o projeto no sítio eletrônico Poéticas da Terra <https://poeticasdaterra.org/projetos/sensibilidades-antropologicas/>, em nossa página no Facebook: <https://www.facebook.com/poeticasdaterra> ou Instagram: @sensibilidades.antropologicas

Sei que era pouquíssimo provável que isso acontecesse com a facilidade que eu imaginava. Mas não pude comprovar: em um mês estaria morando em outro país, para continuar meus estudos, e precisava organizar uma série de papeis, além de descobrir em que endereço, exatamente, iria morar.

Naquele momento em que deixei o Jequitinhonha – mais especificamente a região da calha média do rio, chamada de Médio Jequitinhonha –, eu imaginava que a capa do texto que eu escreveria deveria estar coberta de terra. Pois assim eu me sentia: coberta de terra. E não apenas minha pele, mas meus pensamentos, sentimentos, estavam afetados por modos de vida em que a terra – seus tipos e usos, sua partilha, o que dela nascia ou não nascia... – era um elemento central.

Fiquei seis meses fora, na França, tendo experiências muito diversas daquelas que tivera em campo – como costumamos dizer na Antropologia ao nomear, genericamente, os lugares em que realizamos nossas pesquisas. E a terra foi, lentamente, se despregando de mim. Quando retornei ao Brasil, com a tarefa de escrever o texto que proclamaria o fim daquele período de estudos – a tese de doutorado – tive dificuldade em encontrar sinais dela na minha pele, pensamentos e sentimentos.

Foi preciso encontrá-los, de todo modo, pelo menos na medida suficiente para a apresentação do trabalho a um conjunto de docentes na finalização do doutoramento. Mas a experiência de pesquisa era também muito sensorial, cheia de cores, cheiros, sons... e, com a escrita, não pude mobilizar e compartilhar essas sensibilidades como eu gostaria.

Neste texto, compartilho um pouco do processo de retorno, finalmente, a essa espécie de atmosfera que permeava meu campo. Processo que tem se dado especialmente a partir da realização do podcast Sensibilidades Antropológicas, cujo primeiro episódio foi ao ar em março de 2021, em plena pandemia do covid-19.

Esse processo de retorno, como veremos à frente, configura-se também como uma despedida. E não é por acaso que esta viagem de volta, e ao mesmo tempo partida, se dê por meio de um podcast, portanto a partir de ondas sonoras, e de forma associada a algumas imagens que compartilho a cada episódio. É o que contarei a vocês aqui.

Se quiserem me acompanhar nestes caminhos, não se preocupem em levar bagagens pesadas: uma pequena valise, amparada por corpos e sentidos atentos, e que possa levar algumas peças de roupa leves e multicoloridas, já será suficiente.



Retrato dos pés em campo. Autoria própria.

A estação de onde partimos

Certa vez, conversando com uma amiga sobre a experiência de trabalho e de pesquisa que tive na região do vale do rio Jequitinhonha, ela me disse uma frase de que nunca me esqueci: “*Você não pode morrer com isso*”.²

Eu já havia escrito a dissertação e a tese, todos interlocutories com quem trabalhei diretamente haviam recebido seus exemplares, os textos tinham sido

² Trabalhei, nos anos de 2002, 2003 e 2004, em uma organização não governamental em toda a bacia hidrográfica do rio – Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha –, atuando como assessora em um programa que buscava conhecer e valorizar as chamadas tradições locais voltadas a brinquedos e brincadeiras diversos, como festas e danças. Em 2007 ingressei no curso de mestrado em Antropologia na Universidade de Brasília e, no início de 2008, estaria de volta à região – em uma localidade que ainda não conhecia – para iniciar a pesquisa à qual me dedicaria nos anos seguintes. Para conhecer os trabalhos produzidos nos cursos de mestrado e doutorado nas imediações do córrego do Machado, ver, respectivamente, Martins 2009 e Martins 2013. A amiga que disse a frase que cito, e a quem agradeço, é Alice Sosnowski.

lidos por algumes docentíes – e quem sabe outras pessoas –, então de alguma forma “não morreria com isso”, mas a frase da minha amiga continuava a ecoar.

Anos antes, ao final da pesquisa, lembro que fui ter uma das últimas conversas em campo com o Sr. Deca, o querido cantador José Maria Rodrigues, tão importante interlocutor para a pesquisa. Eu havia registrado, durante muitas e muitas horas, um número enorme de cantigas que ele cantava, com o violão nos braços, na sala de sua casa na cidade de Araçuaí. E não sabia bem o que fazer com aqueles registros – ou mesmo se deveria fazer algo além de considerá-los no processo de pesquisa e escrita.

Eu dizia a ele mais ou menos assim: “*o senhor gostaria que eu fizesse algo com essas gravações? Produzisse um CD, por exemplo? O que o senhor gostaria que eu fizesse com esse material?*”.

O “material” a que eu me referia, as cantigas e casos associados que ele me contava, eram relativos ao Nove, um rito permeado por danças coletivas musicais e marcado pela poesia cantada. Este ritual é realizado há incontáveis gerações naquela região e reúne pessoas velhas e jovens em encontros noturnos regados à comida e bebida. Em geral, é precedido por orações, comumente Terços³.

Nove é o nome de uma das danças, também chamadas de brincadeiras ou brinquedos de viola, mas como em geral esta é a brincadeira que ocupa boa parte da noite, acaba por nomear o encontro festivo. “*Vamos fazer um brinquedo?*”, dizem as pessoas, ou “*Vamos fazer um Nove?*”.

Na composição das brincadeiras de viola, participam es que querem, mas o canto é conduzido por especialistas: cantadores e cantadeiras. Estas são as pessoas que conhecem destacadamente os brinquedos e seus repertórios. A maioria já é aposentada como trabalhadoras rurais, e alguns mais novos prestam serviços como de pedreiro e faxineira. As cantadeiras e cantadores foram as pessoas com as quais mais convivi no decorrer de minha estadia no Jequitinhonha, e muitos estão presentes em minha vida até hoje, com contato frequente.

3 O Terço é composto por uma sequência de orações: “Pai Nosso” e “Ave Maria”, intercalados pelos chamados Mistérios e por outra pequena oração, “Glória ao Pai”. No início, reza-se o “Credo” e, ao final, a “Salve Rainha”, quando então há o *oferecimento* do Terço a um ou mais santos, proferindo-se o nome deles. Esta oração pode ser feita com o manuseio de um rosário de contas, espécie de colar que na ponta exibe um crucifixo e cujas peças, em geral pequenas esferas – as *contas* –, indicam, cada qual, a reza a ser proferida no momento.

Pois bem, naquele dia na casa do Sr. Deca, ao fazer aquelas perguntas a ele – “*O que o senhor gostaria que eu fizesse?*” –, ele parou um pouco, pensou, e me disse: “*Você sabe o que eu queria, Valéria?*”. Eu fiquei animada, pensando “*que bom, vou poder fazer algo específico para ele e as pessoas vinculadas ao Nove...*”. E então ele me disse algo como: “*Eu queria fazer um Nove para você ver, mas daqueles que tinham lá em minha casa, quando eu era menino*”.

Nesse Nove, segundo ele, estariam presentes como cantadeiras e cantadores grandes nomes locais, a maioria já falecida, de quem eu já ouvira falar bastante... E o Sr. Deca foi então dizendo o nome de cada cantador e cada cantadeira que estariam presentes no Nove, um por um, uma por uma. E continuou: “*Aí a gente ia cantar junto esses noves todos que eu cantei para você*”.

Eu, ainda um pouco espantada, disse, tentando de alguma forma retomar o ponto dos registros que eu tinha em mãos: “*Mas tenho gravado muito mais do que seria possível cantar em um Nove, Sr. Deca*”. E ele prontamente disse: “*Aí a gente fazia outro Nove, e outro Nove, até cantar tudo*”.

Eu não tinha mais o que dizer.

Diante da minha pergunta sobre as gravações de seus cantos, o que ele queria era que eu conhecesse os Noves que ele conheceu muito antes da minha chegada na região e da minha admiração pela beleza daqueles brinquedos. “*Você ia ver o que era Nove...*”, me dizia.

Pensando no desejo do Sr. Deca, considero que o que ele queria é que eu pudesse vivenciar a experiência daqueles antigos Noves tal como ele os havia vivenciado em sua infância e juventude... De certa forma, assim, ele evocava uma questão que costumamos debater na Antropologia: os limites ou as (im)possibilidades de afetação e tradução a partir de uma pesquisa. Supostamente, o desafio é maior quando não pudemos, enquanto pesquisadoras, viver determinada experiência por nós mesmas, como os Noves da infância do Sr. Deca, neste caso. Mas a questão também se coloca mesmo quando estamos todes – pesquisadoras e interlocutories – em um mesmo contexto, vivenciando, pelo menos aparentemente, as mesmas situações.

Na Antropologia, temos buscado, de forma geral, lidar com estas delicadas questões de forma a assumir as limitações de nossa tarefa. Ao mesmo tempo, bus-

cando explicitar como esta tarefa é multifacetada, formada por percepções diversas de algumas pessoas sobre múltiplas percepções de outras pessoas...

Pensando assim, posso considerar que, de certa forma, eu já havia vivenciado aqueles Noves antigos de que falava o Sr. Deca: por meio do contato com ele mesmo, suas lembranças, casos e as percepções que ele compartilhava comigo, além das narrativas de outras/os cantadeiras e cantadores. E já trazia, em minha pequena valise e em meu próprio corpo, outras inúmeras experiências relativas aos Noves em que estivera presente fisicamente e às demais vivências em campo.

Eu havia sido afetada (FAVRET-SAADA, 1990) por aquelas pessoas e pelo que tinha experimentado ali. Ocupei as fileiras na brincadeira do nove, girei e bati os pés no brinquedo do batuque, apreciei sorrisos e cumprimentos nos encontros de olhares nas danças. Silenciei nos momentos de oração, encontrei o repertório das cantigas no cotidiano da vida: as plantas, relações de parentesco, trabalho, desavenças, desamores e amores. Fui recebida nas casas, tomei cafés, comi biscoitos de goma saindo quentes do forno de barro... Ouvi e vi pessoas se emocionarem e se alegrarem, me emocionei e me alegrei.

Relembrando a frase da minha amiga, me parece que era dessa vivência que ela falava quando me disse que eu não poderia *“morrer com isso”*.

E nesse olhar retrospectivo que tenho agora, percebo que apesar de ter tornado públicos dois longos textos sobre a pesquisa, a dissertação e a tese, poderia ainda contar mais coisas ou, talvez, poderia contar as coisas de outros modos. De modos mais próximos das experiências múltiplas que tive, que rememoro e reconstruo, e das formas sensíveis de estar ali presente, por meio da atenção aos sons, cheiros, cores, sabores...

Seguindo nossa viagem, vou contar mais detalhadamente a vocês, na próxima estação, como tenho revisitado e recriado as experiências de campo a partir da realização do podcast Sensibilidades Antropológicas. Com o rosto pousado na janela do trem, vejo passar a paisagem e me pego pensando que talvez o podcast seja um modo um pouco inesperado de “fazer algo” com o “material” e o imaterial que tanto recebi do Sr. Deca e de todas as pessoas que me recepcionaram nas bandas do Médio Jequitinhonha.

Sensibilidades Antropológicas

Com a pandemia que assola o mundo desde o princípio de 2020, e a pausa brusca que tivemos no ritmo cotidiano, pelo menos naquele momento inicial, me vi com alguns projetos interrompidos. Isso, de certa forma, abriu espaço para que outros, mais compatíveis com as condições impostas pelo vírus, pudessem se delinear.

Foi nesse contexto que, despretentiosamente, fiz a gravação de um texto literário que há tempos tinha vontade de compartilhar com algumas pessoas, e enviei então para algumas amigas e amigos. Gostei da experiência de gravar e partilhar, recebi apreciações muito delicadas e bonitas, e resolvi continuar com aquelas gravações.

Apesar de ser graduada em Comunicação Social e ter, portanto, alguma familiaridade com registros e montagens em áudio, havia muito tempo que não lidava com esses processos. De toda forma, o confinamento nas casas, o distanciamento físico e uma certa atmosfera de solidão e temor me pareceram compatíveis com os registros em áudio e o compartilhamento e difusão, por meio deles, de textos poéticos que tratassem de temáticas evocadas pela pandemia. Seria um modo, talvez, de melhor lidar com a solidão que nos visitava, e quem sabe nutrir ou mesmo estreitar laços afetivos.

Eu não conhecia muito bem o formato de *podcast*, mas me pareceu que se adequava ao contexto e às possibilidades que o momento estabelecia. *Podcasts* permitem o acesso e o compartilhamento de forma razoavelmente fácil entre as pessoas, já que costumam ser mais leves em termos de demanda de conectividade. Também, como lembram Fleischer e Manica (2020), envolvem em geral baixos custos de produção e difusão, são mais acessíveis a pessoas com deficiência visual e iletradas, além de descansarem o olhar nestes tempos de excesso de telas. Imaginei, então, a criação de um podcast.

O Poéticas Sociais, anterior ao Sensibilidades Antropológicas, foi ao ar entre maio e dezembro de 2020. Os episódios mensais, construídos em parceria com o amigo e colega de trabalho Márcio Ferreira de Souza, trouxeram textos literários

que versavam sobre temas como isolamento/recolhimento, tempo, modos de percepção e presença, afetos, saudade e silêncio⁴.

Conto sobre o Poéticas Sociais porque, de fato, ele figurou como uma espécie de berço de águas que, navegadas, me fizeram encontrar, numa curva de rio adiante, o Sensibilidades Antropológicas. Pois além de a experiência ter me possibilitado o contato renovado e prazeroso com a produção sonora, as temáticas abordadas e todo o contexto daquele momento apontaram-me meus próprios afetos. Em meio a tantas despedidas, percebi que era importante fazer também as minhas. E percebi que poderia falar agora sobre as experiências de campo de forma mais livre dos constrangimentos associados a trabalhos acadêmicos. Também, de modo a ressaltar as formas sensíveis de experimentar uma pesquisa e as relações que estabelecemos em sua construção.

Como disse no início do texto, não é por acaso que essa espécie de retorno e despedida do campo etnográfico esteja se dando a partir das ondas sonoras e das imagens que compartilho a cada episódio. A meu ver, a possibilidade de acionar minha voz e as de interlocutories, seus timbres e tons, também gravações de paisagens sonoras da região, retomar o contato com diferentes imagens, em suas cores e formas, além de recriar muitas lembranças, isso tudo é uma forma vivaz de visitar novamente as imediações do córrego do Machado, onde realizei a pesquisa. E então, poder sair de lá em meu próprio tempo, a partir da despedida que me dispus realizar.

Para ser um *podcast*, ou seja, ter um caráter público, considere importante que, nesse processo, as questões de que trato não se resumissem a uma experiência pessoal, mesmo que partissem dela. Assim, vou tecendo considerações sobre determinados temas ou acontecimentos de forma a buscar ressonâncias mais amplas e próximas às vidas de outras pessoas. Essa atenção se dá especialmente ao tratar dos processos de realização de uma pesquisa etnográfica, as relações com interlocutories, a escolha de temas... o intuito é tentar contribuir para a lida de outras pessoas em suas próprias pesquisas ou estudos, considerando a audiência de estudantes da área, ou outres, interessadas em pesquisas de campo, antropologia, etnografia.

4 O *podcast* integrou a vasta programação do projeto de extensão “De quarentena com o Incis”, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), criado em meados de 2020. Para conhecer o podcast, acesse: <https://poeticasdaterra.org/projetos/poeticas-sociais/> ou Poéticas Sociais.



Imagens registradas na casa de D. Antônia Alves, velha cantadeira e querida interlocutora da pesquisa. Autoria: Valéria Martins.

Pois bem, o *Sensibilidades Antropológicas* é então um *podcast* voltado aos meandros da pesquisa etnográfica em suas múltiplas sensorialidades. A primeira temporada, que realizo no momento e figura como a despedida que mencionei, teve início em março de 2021 e ainda não sei quando terá fim.

Em relação ao formato e periodicidade dos episódios, eles são mensais e têm curta duração: em torno de dez minutos. Iniciam-se com uma apresentação da temática daquela edição e uma breve contextualização relativa a outros episódios. Essa fala inicial, que algumas vezes ocupa parte razoável do episódio, tem um caráter mais informativo. A ideia é justamente que ela concentre um caráter fático para que na segunda e última parte do episódio eu possa trazer o tema de forma mais lúdica, livre e poética.

A segunda parte conta com trilha sonora, que pode ser simplesmente o som de pássaros ou de um rio, conforme o tema. Às vezes, ela mesma se constitui em uma trilha, como no caso do episódio 5, de julho de 2021, que trazia uma série

de trechos de canções registradas no decorrer da pesquisa para compor uma espécie de paisagem musical da região: a música que tocava no rádio, outra cantada ao redor de uma fogueira, o som da sanfona e outros instrumentos na ocasião da Queima do Judas no vilarejo de Machado⁵...

Nessa parte poética, digamos assim, também já trouxe, por exemplo, uma carta sonora a um querido e já falecido interlocutor da pesquisa, o cantador e contador de histórias Manoel Maceda (episódio 3⁶), bonitas falas de interlocutores (episódio 4⁷), e no episódio 6, de agosto de 2021, quatro pequenos textos, relacionados entre si e situados em diferentes momentos em relação a uma noite de Nove, o rito de música e dança que estudei⁸. Estes textos foram construídos a partir de acontecimentos que se deram no decorrer da pesquisa, e criei, para o podcast, a sequência em que aparecem: um deles se passa antes do rito, dois durante o Nove e o último, no dia seguinte.

Como comentei, quando estávamos na primeira estação deste caminho que agora trilhamos, esse rito é também chamado de brinquedo ou brincadeira. Talvez com essa inspiração eu queira brincar um pouco com a forma como apresento os temas. A “brincadeira” aqui consiste em experimentar palavras, tons de voz, trilhas sonoras, tempos de silêncio na edição ou mesmo repetições, seguidas, de trechos de falas, como no episódio 4, em que trouxe frases que ouvi em campo. Trata-se assim de uma experimentação: um experimento de brinquedo.

Sobre a escolha e sequência de temas na temporada, fiz um levantamento de possíveis temáticas, mas não um planejamento de todos os episódios, seguidamente. Muitas vezes, é a partir de um episódio que vem a inspiração do seguinte. Ela também pode vir de acontecimentos ou questões prementes: a discussão sobre a absurda ideia de um marco temporal em relação à demarcação de terras

5 O episódio “Cantos dos lugares: paisagens musicais” pode ser acessado aqui: <https://poeticasdaterra.org/cantos-dos-lugares-paisagens-musicais/>

6 “Carta sonora ao Sr. Manoel Maceda”, acessível em <https://poeticasdaterra.org/carta-sonora-ao-sr-manoel-maceda/>

7 “Breves anotações de um falar poético: o que ouvi em campo”, acessível em <https://poeticasdaterra.org/breves-anotacoes-de-um-falar-poetico/>

8 Intitulado “O brinquedo do princípio do mundo”, o episódio pode ser acessado aqui: <https://poeticasdaterra.org/o-brinquedo-do-principio-do-mundo/>

indígenas me inspirou a criar um dos episódios, voltado especialmente ao tema da terra e sua presença na cosmologia e ontologia naqueles arredores⁹.

Em relação ao processo de elaboração e produção dos episódios, apesar de ser um tanto solitário, conto com a importante presença e parceria do amigo e ex-colega de graduação Leobaldo Prado, profissional em produção de áudio que faz a masterização dos episódios, e também de uma estudante de graduação, que faz a montagem dos arquivos com a versão escrita do episódio.¹⁰ Com estes arquivos em texto, queremos facilitar ou mesmo possibilitar o acesso de pessoas com deficiência auditiva ao podcast. Tanto eles quanto as imagens selecionadas para cada episódio ficam disponíveis no sítio eletrônico Poéticas da Terra¹¹.

Em termos de sequência de etapas na realização de cada episódio, seguimos em geral desse modo: redação do texto; gravação¹²; escolha de trilha sonora; edição¹³; envio do texto e episódio editado para produção da versão escrita; envio do episódio editado para masterização; e então a etapa de escolha de imagens que vão acompanhar a publicação do episódio no sítio eletrônico Poéticas da Terra, além da imagem associada ao episódio em agregadores de podcasts. Finalmente, a publicação e a divulgação. Como etapas de um processo, elas têm impacto umas nas outras, o que pode alterar o fluxo citado: com a gravação, por exemplo, posso modificar algum trecho do texto que havia escrito por considerar que, na fala, ele ficaria melhor de outro modo.

9 O chamado marco temporal, que tem sido discutido no âmbito do Superior Tribunal Federal, quer estabelecer a demarcação de terras indígenas somente para territórios ocupados por estes povos quando da promulgação da Constituição Federal em 1988. Assim, na medida em que desconsidera que grande parte destes territórios não estavam ocupados pelo fato de os povos indígenas terem sido violentamente expulsos deles, o marco temporal serve como mais um instrumento de massacre histórico das populações indígenas já que, além de interromper processos de demarcação em curso, anula os que já foram estabelecidos e estão judicializados.

10 Entre março e outubro de 2021, o trabalho foi feito por Vitória Brasileira, estudante de Artes Visuais, e a partir de então é realizado por Marcela Lima, graduanda em Ciências Sociais.

11 O sítio eletrônico Poéticas da Terra abarca uma série de referências e materiais relativos a projetos e pesquisas em Antropologia que priorizam a sensibilização para a diferença por meio do acionamento de dispositivos como fotografias, filmes, desenhos, músicas, elaborações sonoras, escritas etc. Criei-o a partir da impossibilidade, devido à pandemia do covid-19, de seguir com o projeto de extensão Antropologia com crianças. Para conhecer, acesse <https://poeticasdaterra.org/>

12 Realizada a partir de um gravador digital de áudio que eu havia adquirido há alguns anos (H2n - Zoom).

13 A edição se dá pelo *software* livre Audacity.

Pois bem, esses são os elementos que têm composto paisagens dos caminhos desta nova e ao mesmo tempo velha viagem pelo Jequitinhonha. E assim vou seguindo pelas trilhas, também sonoras, do Sensibilidades Antropológicas.

Sons de despedida: a última estação?

Ainda não tenho certeza se o *podcast* terá continuidade após o fim da primeira temporada. Talvez ele tenha sido criado para isso, não posso dizer.

O que posso afirmar é que o Sensibilidades Antropológicas tem sido uma grande oportunidade tanto de reviver e reelaborar experiências quanto de conversar com es interlocutories e ainda outras pessoas que conheciam bem pouco da região e estão se interessando por ela. Ou que são tocadas especialmente pelas questões relativas a pesquisas e à Antropologia. Às vezes, a sensação que tenho é que recebo todas elas em um grande quintal cheio de árvores, afetos e memórias que vamos reconstruindo juntas, e refazendo, como frutos novos.

Talvez, por trás da fachada das estações, o que exista é este amplo quintal em suas múltiplas relações, sempre renovadas: a estação, de fato, de onde partimos, e onde chegamos.

Referências

- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161.
- FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela. Ativando a escuta em tempos pandêmicos. *Boletim da ANPOCS. Cientistas Sociais*, n. 78, 2020.
- MARTINS, Valéria C. de Paula. *Um etnografia do Nove*: brincadeiras de viola em Machado e arredores (MG). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- MARTINS, Valéria C. de Paula. *O Brinquedo do princípio do mundo*: música, dança e socialidade no córrego do Machado (Médio Jequitinhonha). Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.



Acesse aqui a página do *podcast* Sensibilidades Antropológicas na Rádio Kere-kere

Valéria de Paula Martins é antropóloga e professora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coursou Comunicação Social na UFMG e a pós-graduação em Antropologia na Universidade de Brasília (UnB), com período de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Tem interesse por cosmologias e ontologias rurais e estudos multiespécies a partir de abordagens poéticas. *E-mail:* valeriacpmartins@gmail.com

As Humanidades sempre foram negligenciadas na divulgação científica. A internet mudou um pouco esse cenário. Sem depender de intermediários – a não ser a tecnologia – cientistas das áreas humanas encontraram espaço para fazer emergir mais pesquisas nas áreas de História, Sociologia, Linguística, Literatura e... Antropologia. E nesse espaço cibernético, a mídia que mais cresce é o podcast. ***No ar: Antropologia. Histórias em Podcast*** conta as aventuras de antropólogas e antropólogos que vêm se tornando públicas. Histórias que envolvem pessoas, ciências, tecnologias, lugares e muito do que se estuda nessa área. Tudo isso em podcast, pra quem quiser ouvir, na hora que quiser, do jeito que quiser. Em capítulos, as autoras e os autores escrevem sobre os podcasts, convidando leitores e leitoras a conhecer essa ciência e também a acompanharem os episódios para saber mais e mais sobre o mundo, as pessoas e as coisas que o habitam, pela ótica da Antropologia.

Simone Pallone de Figueiredo (Labjor/Unicamp)



9 786556 373904